

RODRIGO CRIBARI PRADO

“A MEMÓRIA É UMA ILHA DE EDIÇÃO”
Narrativas e significados sobre o início e
a difusão do aikido no Brasil



CURITIBA

2014

RODRIGO CRIBARI PRADO

“A MEMÓRIA É UMA ILHA DE EDIÇÃO”

**Narrativas e significados sobre o início e a difusão do
aikido no Brasil**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial para a obtenção do Título de
Mestre em Educação Física do Programa
de Pós-Graduação em Educação Física,
do Setor de Ciências Biológicas da
Universidade Federal do Paraná.**

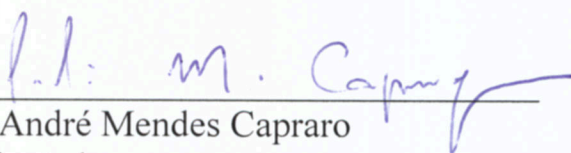
Orientador: PROF. DR. ANDRÉ MENDES CAPRARO

TERMO DE APROVAÇÃO

RODRIGO CRIBARI PRADO

“A memória é uma ilha de edição. Narrativas e significados sobre o início e a difusão do aikido no Brasil”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa de Sociologia do Esporte e Lazer, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:



Professor Dr. André Mendes Capraro
Presidente/Orientador



Professor Dr. Wanderley Marchi Júnior
Membro Interno



Professora Dr Roseli Terezinha Boschilia
Membro Externo

Curitiba, 30 de Junho de 2014.

DEDICATÓRIA

A minha sobrinha Livia Inckot Prado pelas lindas memórias que deixou. Essas, guardo comigo num lugar bem diferente do pensamento, no meu coração.

Aos meus sobrinhos Mathias e Alice, que apesar de pequenos têm para mim o tamanho do mundo.

A minha cunhada Karime e ao meu irmão Cassiano, pelo testemunho diário de fé no futuro e em Deus.

A Ana Paula Konopaztki, mestra na arte de *cuidar*.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Jesus, mas não àquele Cristo das religiões frio e distante. Meu Jesus é diferente, pois é poeta e também tem um amor humano e possível. Não tenho dúvida que foi Ele que me deu forças para concluir este trabalho, não obstante as dificuldades do caminho.

Agradeço aos meus pais, por terem me dado a vida e por continuamente abastecerem meu coração com seu afeto.

Sou profundamente grato ao meu irmão Cassiano e a minha cunhada Karime, pelo exemplo de coragem e tenacidade mesmo diante de uma perda tão dura. O testemunho vivo de vocês me ajudou a não esmorecer e a fazer desta dissertação a minha homenagem a Lívia.

Agradeço ao Sensei Gilberto Machado Marecos, que acreditou no meu trabalho e me incentivou desde o início dando sugestões, me auxiliando com contatos, orientações, etc. Estendo também, meus agradecimentos aos colegas do Shugyo Dojo que indiretamente, também colaboraram para as reflexões que me auxiliaram na elaboração desta dissertação.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, mas merecem agradecimentos mais do que especiais os meus amigos Sérgio Ferreira Andrade e Ricardo Martins de Souza que me incentivaram a trilhar a vida acadêmica. Sou grato às minhas coordenadoras e amigas Taís Glauce Fernandes de Lima Pastre e Camile Luciane da Silva pelo apoio incondicional, mas principalmente pelo exemplo de professoras que são e que eu luto para um dia alcançar.

Agradeço aos meus amigos da pós-graduação Thais do Amaral Machado, Ana Cláudia Osieck, Adri Brum, Alessandra Dias, Riqueldi Straub Lise, Natasha Santos, Leila Salvini, Matheus Vieira e Sabrina Demozzi. Entre os vários amigos que fiz desde que ingressei no programa de mestrado, destacam-se a Bárbara Schaustek de Almeida – por ter me ajudado com as leituras de Pierre Bourdieu –, e o meu parceiro Fernando Dandoro Castilho Ferreira, com quem tenho uma dívida de gratidão para além do mestrado. Não posso esquecer é claro da minha amiga Daniella de Alencar Passos, que me apoiou incondicionalmente e me mostrou que é possível encontrar amizade verdadeira na pós-graduação.

Aos meus “amigos-irmãos” Luciana Lirani da Silva, Mariana Perotta, Lisângela de Oliveira e Rodrigo Tramutulo Navarro. Mari (Perotta) você foi mais do que especial

comigo e com a minha família. Sem o teu apoio espiritual e afetivo eu jamais teria conseguido concluir este trabalho.

Aos meus amigos Sheila Backx do Rio de Janeiro e Cláudio Roberto Fontana Bastos de São Paulo, que me receberam com muito carinho em suas respectivas cidades e me deram condições (hospedagem, alimentação, etc.) para que eu pudesse realizar as entrevistas para a minha pesquisa.

Aos Professores Marcelo Pastre e Doralice Lange de Souza pela avaliação inicial do meu trabalho e pelas contribuições anotadas no meu projeto, antes da submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFPR.

Aos Professores membros do Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFPR, que se sensibilizaram com o drama que eu e minha família atravessamos ao longo do processo de doença da minha sobrinha e afilhada e depois, com o seu falecimento.

Agradeço profundamente ao secretário do Programa de Pós-graduação, Rodrigo Waki, que me tratou com respeito e sensibilidade desde que assumiu suas funções administrativas. Tua competência e respeito com os estudantes Rodrigo, são demonstrações de que é possível um serviço público de qualidade e mais humano.

Minha mais sincera gratidão a todos os professores de aikido que participaram da minha pesquisa, cedendo o seu tempo, a sua confiança, suas memórias para que esta pesquisa pudesse ser realizada: Bento José de Freitas Guimarães, Laurentino Duodecimo Rosado Fernandes, José Ortega, Alberto Ferreira, Ichitami Shikanai, Adélio Mendes de Andrade, Matias de Oliveira, Lilba Kawai de Oliveira, Yassussi Nagao e Ricardo Leite da Silva.

Agradeço de todo o coração a Profa. Dra. Roseli Terezinha Boschilia pelo exemplo ímpar de compreensão e humanidade, mas também pela participação na qualificação do meu trabalho e principalmente pelo incentivo que me deu para que eu pudesse concluir esta dissertação. Minha gratidão também ao Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior, pelas considerações realizadas em meu projeto no processo de qualificação e por também ter sido compreensivo no momento em que eu mais precisei.

Agradeço por fim, ao meu orientador o Prof. Dr. André Mendes Capraro. Sem dúvida André, o teu lugar é especial nesta lista de agradecimentos. Você foi mais do que paciente comigo, especialmente com o meu ritmo de trabalho... Você também foi muito humano e soube separar as exigências acadêmicas da vida concreta. Sou e sempre serei grato pelo apoio e pela possibilidade de crescimento pessoal e intelectual que você me

proporcionou. Os compromissos que assumi contigo continuam independente do que ocorra daqui por diante. Muito obrigado!

CARTA ABERTA A JOHN ASHBERY

A memória é uma ilha de edição – um qualquer
passante diz, em um estilo nonchalant,
e imediatamente apaga a tecla e também
o sentido do que queria dizer.

Esgotado o eu, resta o espanto do mundo não ser
levado junto de roldão.
Onde e como armazenar a cor de cada instante?
Que traço reter da translúcida aurora?
Incinerar o lenho seco das amizades esturricadas?
O perfume, acaso, daquela rosa desbotada?

A vida não é uma tela e jamais adquire
o significado estrito
que se deseja imprimir nela.
Tampouco é uma estória em que cada minúcia
encerra uma moral.
Ela é recheada de locais de desova, presuntos,
liquidações, queima de arquivos,
divisões de capturas,
apagamentos de trechos, sumiços de originais,
grupos de extermínios e fotogramas estourados.
Que importa se as cinzas restam frias
ou se ainda ardem quentes
se não é selecionada urna alguma adequada,
seja grega seja bárbara
para depositá-las?

Antes que o amanhã desabe aqui,
ainda hoje será esquecido o que traz
a marca d'água d'hoje.
Hienas aguardam na tocaia da moita enquanto

os cães de fila do tempo fazem um arquipélago
de fiapos do terno da memória.

Ilhotas. Imagens em farrapos dos dias findos.

Numerosas crateras ozoniais.

Os laços de família tornados lapsos.

Oco e cárie e cava e prótese,
assim o mundo vai parindo o defunto
de sua sinopse.

Sem nenhuma explosão final.

Nulla dies sine línea. Nenhum dia sem um traço.

Um, sem nome e com vontade aguada,
ergue este lema como uma barragem
anti-entropia.

E os dias sucedem-se e é firmada a intenção
de transmutar todo veneno e ferrugem
em pedaço de paraíso. Ou vice-versa.
Ao prazer do bel-prazer,
como quem aperta um botão da mesa
de uma ilha de edição
e um deus irrompe afinal para resgatar o humano
fardo.

Corrigindo:

o humano fado.

(Waly Salomão, 1995)

RESUMO

O aikido é uma das mais modernas manifestações marciais nipônicas. Criado por Morihei Ueshiba (1883 – 1969), o aikido chegou ao Brasil por meio dos imigrantes Reishin Kawai, Teruo Nakatani e Ichitami Shikanai. A partir de sua influência, diferentes grupos se constituíram e os brasileiros passaram a conhecer a “arte da paz”, como o aikido também é denominado. Entretanto, apesar da forte conotação de paz e do incentivo à harmonia, o aikido brasileiro, especialmente seu pioneirismo, tornou-se motivo de dissenso e disputas entre alguns dos seguidores dos referidos mestres imigrantes. Essa constatação foi possível, mediante a utilização da história oral (de gênero temático) como metodologia na captação de memórias narrativas acerca da chegada e difusão do aikido em solo brasileiro. Dessa forma, no lugar de valorizar aspectos factuais e concretos, o presente estudo procurou privilegiar os sentidos e significados presentes nas narrativas de professores de aikido que treinaram e conviveram diretamente com os mestres Reishin Kawai, Teruo Nakatani e Ichitami Shikanai. Suas memórias foram analisadas a partir de diferentes referenciais teóricos das áreas de antropologia, sociologia, historiografia e memória. Além do caráter de disputa de alguns dos relatos recolhidos por ocasião desta pesquisa, também se destacam os motivos relativos aos processos migratórios dos mestres em questão, suas dificuldades iniciais de adaptação e o choque cultural decorrente das diferenças entre brasileiros e japoneses, bem como a consolidação do aikido em território nacional. Sobretudo, destacam-se nos relatos dos entrevistados, noções de tradição, discursos de oficialidade, concepções de técnica, assim como representações relativas ao Japão e aos japoneses. A relação entre o indivíduo e a coletividade, bem como a possibilidade de compartilhamento de memórias e sentidos pessoais também são discutidas ao longo de cada um dos capítulos. Pela ordem, a divisão de capítulos desta dissertação apresenta as seguintes discussões: 1 – a prática da transcrição como um exercício de edição, sempre arbitrário por parte do pesquisador; 2 – os significados que acompanham as memórias individuais de cada um dos entrevistados a respeito da chegada do aikido ao Brasil; 3 – a relação entre as identidades individuais e a concepção de aikido de cada um dos entrevistados; e 4 – as diferentes representações acerca da cultura japonesa, bem como as distintas formas de apropriação em relação ao aikido por parte dos entrevistados. Ganha destaque neste último capítulo, a sobrevalorização dos aspectos técnicos e marciais do aikido, em detrimento de seus sentidos espirituais e filosóficos. Assim, a natureza da atividade transcritiva, as diferenças das memórias entrevistados, a constituição de suas identidades, suas representações sobre a cultura japonesa, bem como suas distintas formas de apropriação e significação do aikido, são aprofundadas em cada um dos respectivos capítulos desta dissertação, contudo, não deixam de ser pensadas como elementos indissociáveis do trabalho com fontes orais.

Palavras-chave: Aikido. Memórias. Identidades. Significados. Apropriação.

ABSTRACT

Aikido is one of the most Japanese modern kind of martial expressions. Created by Morihei Ueshiba (1883 - 1969), aikido came to Brazil by immigrants Reishin Kawai, Teruo Nakatani and Ichitami Shikanai. From their influence, different groups were formed and the Brazilians came to know the “art of peace”, as aikido is also called. However, despite of its strong appeal for peace and harmony encouraging, the Brazilian aikido – especially its pioneering – became a dissent matter and source of disputes among some of the immigrant masters followers. This finding was possible by the oral history methodology use, as a way to collect of narrative memories about the aikido arrival and diffusion in Brazilian territory. Thus, instead of valuing factual and practical aspects, the present study sought to privilege the senses and meanings in the narratives of aikido teachers who trained and lived with the masters Reishin Kawai, Teruo Nakatani e Ichitami Shikanai. Their memories were analyzed from different theoretical frameworks of anthropology, sociology, historiography and other. Besides the features of dispute in some of the reports collected for this research, also highlight the reasons for the migration processes of the masters concerned, their initial difficulties of adaptation and the culture shock arising from differences between Brazilian and Japanese, as well as consolidation aikido in the country. Especially, we highlight the interviewees, notions of tradition, officers speeches, technical concepts, and representations relating to Japan and the Japanese. The relationship between the individual and the collectivity, as well as the possibility of sharing personal memories and senses are also discussed throughout each chapter. The order, the division of chapters of this dissertation presents the following arguments: 1 – the practice of transcription as an exercise in editing, always arbitrary on the part of the researcher; 2 – the meanings that accompany the individual memories of each of the respondents about the arrival of aikido to Brazil, 3 – the relationship between the individual identities and the understandings of aikido by each of the respondents, and 4 – the different representations about Japanese culture, as well as the distinct aikido appropriation forms by the respondents. In this latter chapter, the overvaluation of martial and technical aspects of aikido over its philosophical and spiritual aspects were also highlighted. Thus, the nature of transcriptional activity, the differences of respondents memories, the constitution of their identities, their representations about Japanese culture as well as their separate ways appropriation and significance of aikido, are detailed in each of the respective chapters of this thesis, however not cease to be thought of as inseparable elements of working with oral sources.

Key-words: Aikido. Memories. Identities. Meanings. Appropriation.

NOTA DE ESCLARECIMENTO

O presente estudo foi constituído a partir das memórias de professores que treinaram e conviveram diretamente com um dos mestres imigrantes que trouxeram o aikido ao Brasil. Trata-se de uma pesquisa de história oral que procurou explorar, sobretudo, os sentidos e significados conferidos ao passado narrativas dos entrevistados. Dessa forma, as características semânticas dos relatos aqui coligidos tiveram um lugar privilegiado em detrimento de aspectos factuais acerca da chegada e difusão do aikido em terras brasileiras. Assim, o leitor encontrará ao longo desta dissertação relatos que foram montados, remontados, colados, recortados, ou seja, editados, com a finalidade de viabilizar sua análise. Esse tipo de tratamento e apresentação de narrativas está alinhado com a metodologia da história oral, como pode ser observado em outras publicações também de caráter acadêmico. Recomenda-se a leitura integral desta dissertação, especialmente do capítulo referente à metodologia^{*}, para uma melhor compreensão de como se deu o processamento das narrativas dos professores entrevistados, bem como as opções que balizaram o formato de apresentação de suas memórias. É cabível informar que o roteiro de entrevistas, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) assinado pelos entrevistados, os quais constam nos apêndices, foram aprovados pelo comitê de ética em pesquisa^{**} (CEP) da Universidade Federal do Paraná. Por fim, ressalta-se, que não houve em momento algum o objetivo de desqualificar ou desabonar a imagem dos professores de aikido que participaram desta pesquisa ou de seus respectivos mestres. As eventuais falhas ou lacunas deixadas por este trabalho, bem como sua responsabilidade, são exclusivas de seu autor.

^{*} Capítulo de número 2 – Entre/vistas: apontamentos teórico-metodológicos.

^{**} Ao final desta dissertação, no item “apêndices” é possível encontrar o parecer consubstanciado do CEP-UFPR, bem como os termos de consentimento assinados pelos entrevistados.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fundador do aikido, Shihans, Mestres pioneiros do aikido no Brasil e Professores entrevistados.....32

Figura 2 – O fundador do aikido, seu filho Kisshomaru e seu neto, Moriteru Ueshiba, o atual Doshu (representante máximo do aikido no mundo) e os diferentes alunos de Morihei Ueshiba que criaram estilos próprios de aikido.....68

Quadro 1 – Roteiro de entrevista.....27

Quadro 2 – Marcações utilizadas nas transcrições.....36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: <i>BUDÔ</i> À BRASILEIRA.....	14
2 ENTRE/VISTAS: APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	24
3 <i>BURAJIRU</i>: MISSÃO, DESTINO E ACASO.....	40
4 “QUE TIPO DE AIKIDO VOCÊ GOSTA?”.....	67
5 O JAPÃO E O AIKIDO: ENTRE PRÁTICAS, REPRESENTAÇÕES E APROPRIAÇÕES.....	92
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
7 REFERÊNCIAS.....	123
APÊNDICES.....	128

1 INTRODUÇÃO: “*BUDÔ À BRASILEIRA*”

Se “a imigração das ideias”, como diz Marx, raramente se faz sem dano, é porque ela separa as produções culturais do sistema de referências teóricas em relação às quais as ideias se definiram, consciente ou inconscientemente, quer dizer, do campo de produção balizado por nomes próprios ou por conceitos em *-ismo* para cuja definição elas contribuem menos do que ele as define. Por isso, as situações de “imigração” impõem com uma força especial que se torne visível o horizonte de referência o qual, nas situações correntes, pode permanecer em estado implícito.

Pierre Bourdieu - *O poder simbólico* (2007).

As diferentes manifestações de artes marciais, lutas e modalidades esportivas de combate, têm adquirido uma visibilidade cada vez maior no cenário acadêmico nacional. Publicações de referência têm sido produzidas sobre tais manifestações, embora ainda sejam escassos os estudos com um viés sociocultural acerca de tais práticas, sobretudo, na área de Educação Física¹.

Não obstante a desproporção quantitativa das produções com perspectiva sociocultural em relação às outras áreas da Educação Física, contribuições importantes têm sido registradas por pesquisadores ligados a diferentes áreas do conhecimento. A título de exemplo, podem ser citadas teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* das áreas de Educação Física (NUNES, 2004; MAYER, 2005; POLATO, 2006; DRIGO, 2007; FERREIRA, 2013; LISE, 2014), História (MARTA, 2004; 2009), e Sociologia (PIMENTA, 2006; SOUSA, 2010).

Levando em consideração as contribuições citadas acima, o presente trabalho apresenta o estudo e a análise do aikido, uma prática marcial nipônica, que foi introduzida no Brasil – de acordo com diferentes fontes de informação² – pelos Mestres imigrantes japoneses Reishin Kawai, Teruo Nakatani e Ichitami Shikanai. Seu objetivo principal é apreender os sentidos e significados presentes nas memórias de professores que conviveram e treinaram diretamente com um dos três mestres apontados como os

¹ Em um levantamento realizado em 11 dos principais periódicos de circulação nacional da área de Educação Física, entre os períodos de 1998 a 2008, Correia e Franchini (2010) identificaram a produção de apenas 75 artigos tendo por temática as práticas de lutas, artes marciais e esportes de combate. Dentre as publicações, a maioria versava sobre o Judô (49,3%) e a Capoeira (24%), enquanto outras modalidades apresentavam um número bastante limitado. Além da quantidade reduzida de artigos, a maioria tinha por foco de pesquisa os aspectos biodinâmicos do movimento humano (biomecânica, cineantropometria, bioquímica do exercício e fisiologia do exercício) em detrimento de estudos relacionados às ciências sociais, o que ainda indica a preponderância de aspectos biológicos na produção científica da área de Educação Física.

² Revistas de artes marciais como KIAI e Top Fight, livros sobre o aikido (Aikido: técnicas básicas – Marco Natali e Aikido: o caminho da sabedoria – Wagner José Bull), e sites de grupos e federações.

pioneiros do aikido em solo brasileiro. Ou seja, as narrativas presentes ao longo desta dissertação foram analisadas em suas possibilidades semânticas e não por seu caráter factual. Dessa forma, longe de serem considerados “desvios” em relação à temática central, as recordações verbalizadas pelos entrevistados se apresentam justamente como o foco principal deste trabalho.

Os objetivos específicos, por sua vez, acompanham a divisão de capítulos desta dissertação. Assim, o primeiro capítulo apresenta o tratamento metodológico adotado desde a fase de concepção até a discussão dos relatos de cada um dos entrevistados. No segundo capítulo, as memórias dos entrevistados foram coligidas a partir dos sentidos atribuídos à chegada e ao início do aikido em terras brasileiras. Significados não compartilhados entre os narradores tornam rica a discussão em torno das motivações que trouxeram os três mestres pioneiros do aikido ao Brasil. As memórias dos entrevistados são tomadas como possibilidades jamais exauríveis, pois a cada nova retomada há um novo e diferente começo possível a respeito das trajetórias dos Senseis³ Reishin Kawai, Teruo Nakatani e Ichitami Shikanai. Ao mesmo tempo as recordações dos professores participantes que participaram desta pesquisa, evidenciam a inauguração de um novo campo de práticas em solo brasileiro. No terceiro capítulo, as diferentes concepções de aikido descritas pelos entrevistados são utilizadas como alternativas para analisar o processo de constituição de suas respectivas identidades. Suas biografias são cruzadas com os relatos acerca do que entendem ser o aikido. A perspectiva de identidade presente no terceiro capítulo é, sobretudo, individual, entretanto, não se perde de vista sua articulação com a coletividade. No quarto e último capítulo, os diferentes discursos sobre o aikido e sobre a cultura japonesa são analisados a partir da articulação das noções de práticas, representações e apropriações. Por fim, na conclusão, são cruzados diferentes discursos, que demonstram o valor e a força da subjetividade no processo de apreensão da realidade e como alternativa na construção do conhecimento histórico.

Com a finalidade de viabilizar a consecução do presente estudo, foi utilizada a história oral de gênero temático como metodologia, dando destaque às narrativas dos entrevistados sem cotejá-las com outros tipos de fontes históricas. Os temas selecionados para a realização das entrevistas foram a chegada e a difusão do aikido em

³ A expressão japonesa Sensei é geralmente traduzida para o português como Mestre ou Professor, mas também tem o sentido de “tomar a dianteira” ou de “chegar primeiro”. É oportuno esclarecer que o uso do termo Sensei, assim como das palavras Mestre e Professor foram registrados com as iniciais em letras maiúsculas todas as vezes onde há menção a um Sensei, Mestre ou Professor de forma direta ou indireta ao longo do texto.

terras brasileiras. Nessa perspectiva, é importante reiterar que para além de eventos, as fontes orais apresentadas ao longo desta dissertação, foram tomadas como um campo de possibilidades. A esse respeito, o historiador oral italiano Alessandro Portelli (2010a) explica que

Elas (as fontes orais) te dão, ao invés, coisas diversas. Elas te dão uma dimensão de subjetividade. Você pode fazer, não somente história, mas história da subjetividade, história da memória. Portanto, você pode não somente reconstruir aquilo que aconteceu, mas também o que significa aquele acontecimento depois. O que significou? E então, a fonte oral, é um outro tipo de fonte literária. Em certo ponto, ela te diz mais. E então, no centro da fonte, no centro da história oral, você colocará a subjetividade, a memória, a linguagem, o diálogo, isto é, precisamente, aquelas coisas que a crítica positivista às fontes orais criticava como ignorância, como limite, como defeito da fonte oral. (PORTELLI, 2010a, p.49).

Assim, a partir da consideração de que a história oral guarda seu potencial na presença da subjetividade⁴ e levando em conta – segundo Lowenthal (1998) – que o ato de recordar ocorre sempre no presente, a questão-problema que norteou a construção desta dissertação foi: como professores de aikido narram suas memórias a respeito do processo de chegada e difusão dessa prática marcial japonesa no Brasil e quais são os sentidos e significados presentes em suas narrativas?

A justificativa para a escolha do aikido como objeto de estudo, deve-se à relação do pesquisador que chegou a praticar essa modalidade durante os anos de 2010 e 2011. Além da experiência pessoal com a modalidade, outra justificativa para a realização de uma pesquisa referente ao aikido, deve-se à inexistência de publicações de artigos, dissertações ou teses versando exclusivamente sobre essa prática marcial em periódicos e bases de dados *on-line* nacionais. Trata-se de uma contribuição, ainda que modesta, para pesquisadores e leigos, que tenham interesse em conhecer o aikido a partir de uma abordagem acadêmica que procurou articular leituras e definições de diferentes áreas das ciências sociais, sobretudo, da historiografia e da sociologia.

Levando em consideração esses apontamentos iniciais, são necessários alguns esclarecimentos referentes à expressão “arte marcial” com a finalidade de evidenciar como o aikido se aproxima ou se distancia de tal noção. Paralelamente, cabe também, apontar alguns dos sentidos e significados atribuídos ao aikido, o que possibilita o

⁴ A expressão subjetividade é aqui entendida como a “capacidade do locutor de se posicionar como ‘sujeito’, e é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito.” (BENVENISTE, 1966, p.259). De acordo com Charaudeau e Maingueneau, 2012, p.456) o locutor “[...] assim o faz, apropriando-se de certas formas que a língua lhe disponibiliza, primeiramente com o pronome *eu*, cujo uso é o próprio fundamento da consciência de si.” Outro esclarecimento por parte dos mesmos autores é que não há subjetividade sem intersubjetividade, ou seja, apenas por meio de uma experiência de contraste – o que não necessariamente implica em conflito, dissensão – é possível verificar a presença do por meio da linguagem.

conhecimento dessa prática marcial de maneira alternativa às tradicionais narrativas lineares e totalizantes, peculiares ao modo de registro e descrição das histórias das diferentes artes marciais.

O crescente interesse do meio acadêmico em relação às variadas formas de artes marciais – de origem oriental ou não – tem proporcionado uma verdadeira proliferação de noções e entendimentos acerca de tais práticas. Em função da insipiência do campo de produção acadêmica a respeito desse tipo de manifestações, os debates acerca dos elementos que definem e caracterizam as artes marciais, ainda não exauriram suas possibilidades. Diferentes tentativas têm sido realizadas, com a finalidade de definir um conceito abrangente, o qual tenha condições de abarcar de forma simultânea, (todas) as diferenças relativas aos processos históricos e socioculturais, onde as distintas manifestações de artes marciais se originaram e difundiram. Nesse sentido, uma definição que vem sendo continuamente revisitada, e que tem servido de certa forma, como um marco epistemológico na produção de publicações sobre artes marciais pode ser encontrada em Franchini e Correia (2010, p.1),

“Arte Marcial” faz referência a um conjunto de práticas corporais que são configuradas a partir de uma noção aqui denominada de “metáfora da guerra”, uma vez que essas práticas derivam de técnicas de guerra como denota o nome, isto é, marcial (de Marte, deus romano da guerra; Ares para os gregos) (FRANCHINI *et al.*, 1996). Assim, a partir de sistemas ou técnicas diversas de combate situadas em diferentes contextos sociais, essas elaborações culturais passam por um autêntico processo de ressignificação, em que a dimensão ética e estética ganham uma expressiva proeminência. Desta forma podemos identificar que a expressão “arte” nos sinaliza para uma demanda expressiva, inventiva, imaginária, lúdica e criativa, como elementos a serem inclusos no processo de construção de certas manifestações antropológicas ligadas ao universo das Artes Marciais. Já o termo marcial, relacionado ao campo mitológico faz alusões à dimensão conflituosa das relações humanas. Assim, temos a inclusão contínua de elementos que ultrapassam as demandas pragmáticas e utilitaristas das formas militares e bélicas de combate.

É necessário, no entanto, superar a ingenuidade relativa à busca de um conceito monolítico referente às artes marciais. Observando exatamente essa tentação de uma padronização conceitual, Ferreira (2013) recomenda certa dose de cautela no uso da expressão arte marcial, cujas interpretações são bastante amplas e muitas vezes inadequadas, visto que por vezes são desconsiderados os contextos socio-históricos onde tais práticas foram produzidas. Além da observação minuciosa referente aos contextos de produção de tais práticas, é imprescindível levar em conta os respectivos processos de apropriação e ressignificação aos quais as artes marciais estão sujeitas. A esse respeito, Marta (2009) chama a atenção para o modo de apropriação “ocidental”,

especialmente, em relação aos estilos e práticas marciais provenientes do Oriente Extremo⁵. O autor também dá destaque aos sentidos contemporâneos que têm determinado a busca por esse tipo de práticas corporais,

[...] na atualidade, outros interesses, tais como necessidade de praticar uma atividade física, o convívio social, o interesse pela prática de uma atividade esportiva e o interesse pela cultura e filosofia orientais, nas quais as artes marciais, em maior ou menor grau, encontram-se imersas, fazem com que muitas pessoas se aproximem desse tipo de atividade. (MARTA, 2009, p.8).

Outros sentidos – também contemporâneos – atribuídos a tais práticas, podem ser encontrados nos diferentes processos de esportivização e espetacularização pelos quais algumas dessas modalidades passaram, de forma isolada, ou mista, como é o caso das competições de artes marciais mistas, também conhecidas como MMA (Mixed Martial Arts).

Todas essas considerações acerca de uma possível definição de arte marcial oferecem, ainda que de maneira introdutória, uma noção da complexidade relativa a esse tipo de manifestações.

Na sequência desses apontamentos, serão indicadas algumas das características atribuídas ao aikido, com a finalidade de explicitar como essa prática marcial se aproxima e/ou se distancia do entendimento de arte marcial. Além das características, que evidenciam sentidos e significados próprios conferidos ao aikido, há também a intenção a partir das informações a seguir, de aproximar o leitor(a) do objeto de estudo desta dissertação.

O aikido foi criado pelo Mestre Morihei Ueshiba (1883-1969), nascido na cidade de Tanabe, na província japonesa de Wakayama. Alguns dos biógrafos de *Ō-Sensei*⁶, como Morihei também era chamado, explicam que a constituição do aikido se deu a partir da síntese de suas experiências com diferentes estilos e técnicas marciais, sobretudo, o *Daito-ryu aikijujutsu*⁷ (STEVENS, 2007; UESHIBA; 2011). Além dessas experiências de cunho marcial, outros eventos – segundo os mesmos biógrafos – foram determinantes para que o Mestre Ueshiba criasse seu próprio caminho marcial, entre

⁵ Designação ampla dada pelos ocidentais à região da Ásia que compreende os países do Leste Asiático (China, Japão, Coreia, Mongólia, Manchúria e a parte oriental da Sibéria), e que inclui, por vezes, os países do sul e do sudeste do continente e os arquipélagos das Filipinas e da Indonésia.

⁶ *Ō-Sensei* é uma expressão nipônica que designa um mestre (sensei) que está em uma condição (marcial, moral, e espiritual) superior a outros mestres do mesmo ou de estilos marciais distintos.

⁷ O *Daito-ryu aikijujutsu* ou simplesmente *aikijujutsu* foi a prática marcial que mais influenciou o fundador do aikido na criação de seu caminho marcial. Suas técnicas são mais contundentes e mais agressivas do que aquelas aplicadas no aikido. Morihei Ueshiba conheceu o aikijujutsu com o Mestre Sokaku Takeda (1859 – 1943).

eles estão: sua participação na Guerra Russo-japonesa; o falecimento de dois de seus filhos no ano de 1820; uma experiência “transcendente” em 1925; a observação da destruição e da desesperança provocadas pela 2ª Grande Guerra, entre outros fatores. Obviamente que essas informações não têm a finalidade de reiterar os discursos biográficos que quase sempre apontam Morihei Ueshiba como o “maior artista marcial do Japão” (STEVENS, 2007), entretanto, para viabilizar uma apresentação do tema, é necessário ao menos uma breve exposição que retome os discursos acerca da história do aikido no Japão e de seu criador.

Como modalidade marcial, o aikido adquiriu grande visibilidade internacional especialmente após a estreia do filme “Nico acima da lei” (*Above the Law*), protagonizado pelo astro hollywoodiano Steven Seagal em 1988. Na trama, Seagal interpreta um detetive da polícia (Nico Toscani) de Chicago, e veterano da Guerra do Vietnã, que ao final de sua adolescência se interessa por artes marciais, e resolve viajar ao Japão para estudar o aikido. As cenas de lutas ganham destaque ao longo de toda a película, sobretudo, enfatizam por meio de diferentes sequências e planos de filmagem, a efetividade das técnicas marciais de aikido empregadas pelo protagonista. Mesmo fazendo parte de um subgênero cinematográfico já bastante difundido à época – o dos filmes que mesclam artes marciais com ação policial – Seagal conseguiu se distinguir de outros astros e artistas marciais como Bruce Lee, Chuck Norris, e Jean-Claude Van Damme em função de um estilo marcial bastante eficiente, e sem o uso dos golpes de impacto, como socos e chutes, constantes nos filmes norte-americanos de artes marciais. Desde então, o aikido passou a ser conhecido como a arte marcial que usa a força ou a energia do oponente contra ele mesmo, e que tem exclusivamente a finalidade de defesa pessoal.

Outras características comumente associadas ao aikido tais como, suas técnicas fluidas e circulares, a ausência de competições entre seus praticantes, o forte apelo a não violência, e a rigorosa observância da disciplina e da etiqueta, fizeram com que o aikido passasse a ser conhecido como a “arte da paz” (STEVENS, 2002). Em função de seu forte conteúdo filosófico e moral, além de aspectos espirituais – nem sempre facilmente inteligíveis – o aikido também é chamado de o “Caminho do Amor” (UESHIBA, 2011).

Embora as técnicas do aikido possam ser aplicadas em situações de vida ou morte, ele, em si, está relacionado ao amor que provém do coração. As técnicas do aikido demonstram a execução da justiça pelo amor. Deveria ficar evidente que as técnicas do aikido existem com a finalidade de proteger o

amor humano. Que tipo de técnica seria essa, sem amor? (UESHIBA, 2011, p.287)

Diversas publicações (PERRY, 2002; UESHIBA, 2006; STEVENS, 2007; PRANIN, 2010) procuram enfatizar que o aikido não é uma mera arte marcial conforme o entendimento ocidental, mas sim um “caminho marcial” de desenvolvimento pessoal e espiritual, também conhecido como *budō*. Entretanto, é cabível registrar que não há consenso nas formas de classificação do aikido, que por vezes é descrito como uma arte marcial, sendo que em outros momentos é apresentado como um *budō*, conforme já referido. Essas diferenças de entendimento não são exclusivas de publicações encontradas em livros, em revistas de artes marciais, ou em sites da internet, mas também podem ser observadas, por exemplo, nas memórias e narrativas dos professores que participaram deste estudo e que serão exploradas mais detalhadamente em cada um dos capítulos que compõem esta dissertação.

A respeito da noção de *budō* Croucher e Reid (2010, p. 219) explicam que

O caractere *budō* [武 道] é composto de três caracteres básicos que significam respectivamente “parar”, “dois” e “lanças”. A tradução literal do caractere, portanto, é “parar duas lanças”. Na interpretação de muitos artistas marciais japoneses, ele significa, portanto, “caminho marcial para a paz” ou “paz por meio do treinamento marcial”.

A forma de tradução mais comum relacionada à expressão *budō*, pode ser encontrada a partir da versão latinizada dos caracteres nipônicos, dessa forma o prefixo *bu* pode ser traduzido como “marcial” ou “marcialidade”, e o sufixo *dō* – uma contração do vocábulo chinês *Tao* – como “caminho” ou “via”. Assim, um *budō* é uma “via marcial” ou um “caminho marcial”. Nessa perspectiva, é oportuno esclarecer que não apenas o aikido é um *budō*, mas também o judo, o karate-do, o kendo⁸, o kyudo⁹ e outras tantas formas de práticas marciais japonesas. Além dessas diferenças próprias de cada estilo de *budō*, Donn Draeger (1990) enfatiza ainda a necessidade de observar outros critérios de classificação como o período de criação de cada sistema marcial – que define as formas clássicas ou modernas de *budō*, como é o caso do aikido que foi criado durante a primeira metade do século XX – e a presença ou não de competições, o que pode evidenciar diferentes processos de esportivização pelos quais alguns desses

⁸ O kendo, ou o caminho da espada, é uma prática marcial realizada com espadas feitas de bambu conhecidas como *shinai*. De acordo com Croucher e Reid (2010) o kendo tinha por finalidade a substituição dos antigos exercícios de esgrima com espadas reais, o que não ocorreu integralmente.

⁹ O kyudo também é conhecido como a via ou o caminho da arcoaria. Também de acordo com Croucher e Reid (2010, p.221) “O objetivo confesso do praticante do kyudō é o de criar um elo entre o seu espírito e o alvo no momento do tiro. Atingir o alvo é um detalhe de importância secundária [...]”

caminhos marciais passaram. Nesse sentido, a ausência de competições entre os praticantes de aikido é uma característica bastante explorada para reafirmar a diferença desse caminho em relação a outros tipos de práticas marciais. A título de exemplo, pode ser citado um trecho da primeira obra publicada no Brasil a respeito do aikido:

Nas aulas práticas de Aikido, usa-se a didática do método repetitivo (repetição reiterada de uma mesma técnica), ao invés do método competitivo. O Aikido é mais que um esporte, porque não busca objetivos relativos, como o de uma competição, mas busca, isto sim, os valores absolutos que transcendem os desejos de glória pessoal. (NATALI, 1985, p.23)

Natali (1985) também evidencia em sua obra o caráter elitista e seletivo – até os dias de hoje – atribuído ao aikido, ao explicar que

Até a eclosão da Segunda Grande Guerra, o Aikido era praticado e ensinado apenas a elementos selecionados da nobreza do Japão, e oficiais da guarda de honra imperial, ministros de Estados, oficiais gerais, aspirantes da Academia Naval, cadetes da Academia Militar, líderes policiais e aos faixas pretas acima do quinto grau de outras artes marciais, como o Judô e o Kendo. Após a Segunda Guerra, o Aikido começou a ser divulgado mais amplamente, primeiramente entre os oficiais das Forças Armadas e mais tarde ampliando-se através das faculdades e grandes empresas. (NATALI, 1985, p. 23-24)

Uma suposta superioridade marcial do aikido e de seu repertório técnico em relação a outras artes marciais também são regularmente reiteradas, como é possível observar nas passagens a seguir:

Entre todas as artes marciais, o aikido é talvez uma das mais rígidas [práticas marciais], pois se focaliza na procura da “verdade”; o que distingue completamente sua prática das do esporte e da competição. (UESHIBA, 2011, p.297).

Tenho visto que quando se menciona o Aikido para praticantes de outras artes marciais, eles têm a imagem de que este Budô, é muito bom para o espírito, que tem filosofia, que faz bem para a saúde, mas uma boa parte pensa que em termos de artes marciais o Aikido não seria tão eficiente como o Judô, o Karatê, o Tae Kwon Do, etc. E a verdade é que as coisas não são assim. Quem assistiu os filmes de Steven Seagal, viu como a arte pode ser usada de forma muito violenta e eficiente em termos de defesa pessoal. Então eu me pergunto por que é que foi criada esta imagem errada de que o Aikido seria uma arte mais filosófica do que marcial? (BULL, 2008, p.226).

Esses e outros tantos discursos que ainda poderiam ser aqui citados, transformaram o aikido num vasto campo de produção de sentidos, os quais comunicam valores, crenças, princípios e práticas que concorrem para o estabelecimento de diferentes entendimentos acerca dessa modalidade. Essa riqueza e variedade de significados também é um dos focos desta pesquisa, que lançando mão da história oral

como metodologia privilegiada na apreensão de subjetividades, procurou explorar o caráter idiossincrático e as variações narrativas presentes nas memórias de alguns dos professores que treinaram e conviveram com os mestres pioneiros indicados como os responsáveis pela introdução e difusão do aikido no Brasil. Observando essa característica única da história oral, no desvelamento da atividade memorial e do exercício narrativo é que Portelli (1996, p.8-9) afirma que

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis. Qualquer sujeito percebe estas possibilidades à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas. Mas esta miríade de diferenças individuais nada mais faz do que lembrar-nos que a sociedade não é uma rede geometricamente uniforme como nos é representada nas necessárias abstrações das ciências sociais, parecendo-se mais com um mosaico, um *patchwork*¹⁰, em que cada fragmento (cada pessoa) é diferente dos outros, mesmo tendo muitas coisas em comum com eles, buscando tanto a própria semelhança como a própria diferença. É uma representação do real mais difícil de gerir, porém parece-me ainda muito mais coerente, não só com o reconhecimento da subjetividade, mas também com a realidade objetiva dos fatos.

Além do amplo universo de possibilidades associadas à natureza do trabalho com fontes orais, é necessário levar em conta a natureza constitutiva desse tipo de fontes, no sentido de que são construídas ou provocadas por meio de um processo dialógico com um entrevistador. Dessa forma, é oportuno observar que há significados que se sobrepõem e que também se amalgamam desde o início, até a publicação final de qualquer texto baseado em fontes orais. Assim, destaca-se que esta é uma pesquisa constituída em conjunto com diferentes narradores, que relatando suas memórias auxiliaram o pesquisador a urdir uma trama de significações sobre a chegada e disseminação do aikido em solo brasileiro.

Outras noções também emergem a partir das narrativas dos professores aqui entrevistados, são referências a respeito das diferenças entre a cultura japonesa e brasileira, sobre o valor atribuído à figura de cada um dos mestres como o verdadeiro pioneiro do aikido no Brasil, assim como se destacam os contrastes identitários relacionados aos grupos que se formaram sob a égide dos mestres Reishin Kawai, Teruo Nakatani, e Ichitami Shikanai. São significados que atravessam muitas das memórias e

¹⁰ Trabalho artesanal composto de retalhos de diferentes tecidos.

relatos registrados ao longo desta dissertação, e que serão problematizados com maior profundidade em cada um dos capítulos a seguir.

2 ENTRE/VISTAS: APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Portanto, o que precisamos fazer? Mais uma vez, contrabalançar necessidades ou requisitos opostos – ou que essa pessoa realmente disse?

Alessandro Portelli (1997, p.40)

O presente capítulo tem por finalidade discutir as implicações relativas aos procedimentos éticos e metodológicos empregados na consecução desta pesquisa, a partir de diferentes referenciais teóricos e de seus respectivos posicionamentos epistemológicos. Paralelamente são registradas reflexões sobre a produção do conhecimento histórico a partir do encontro entre a subjetividade e os acontecimentos sociais, ou seja, entre memória e história. O papel do pesquisador e as consequências de sua atividade na produção e edição das narrativas individuais também são aspectos explorados dentro desta seção.

Desde a concepção do projeto que originou este estudo, a história oral foi considerada como uma opção metodológica. Dessa forma, a fundamentação teórica para as questões surgidas na prática – no processo de entrevistas, na passagem do oral para o escrito, nas relações entre memória e história, etc. – foram buscadas na teoria da história, e em áreas correlatas das ciências sociais, como por exemplo, a antropologia e a sociologia. Lançar mão da história oral como metodologia implica em reconhecer segundo afirma Alberti (2005, p.18) que

Não se pode dizer que ela pertença mais à história do que à antropologia, ou às ciências sociais, nem tampouco que seja uma disciplina particular no conjunto das ciências humanas. Sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se mover num terreno multidisciplinar.

Nesse sentido, esta não é uma dissertação com viés exclusivamente historiográfico, mas um trabalho de caráter sociocultural. Assim, a história oral foi aqui utilizada na ordenação de procedimentos de trabalho, que se iniciaram com a seleção do tema a ser estudado, na elaboração do roteiro de entrevistas, no processo de transcrição das narrativas coletadas, análises, entre outros.

Outra finalidade da escolha da história oral como metodologia de investigação social, é que a partir dessa perspectiva não há a obrigatoriedade de cotejar os relatos gravados com outras fontes ou vestígios históricos. Evitou-se dessa forma, o risco de subaproveitamento das entrevistas – algumas delas com mais de 4 horas de duração – e ao mesmo tempo o uso ancilar da história oral. A respeito dessa forma de concepção e de emprego da história oral, Portelli (2010a, p.49) afirmou:

Eu creio que quando nós falamos de história oral nós dizemos o inverso [do que o seu uso ancilar]. Isto é, no centro estão aquelas coisas que as fontes orais podem dar a mais, ou melhor, dizer o que as outras não podem. E que coisa é história oral? Não é tanto a informação, porque, grosso modo, do ponto de vista informativo, digamos, os arquivos, os jornais são mais especializados.

Entre as diferentes possibilidades de gênero da história oral, optou-se pelas entrevistas de caráter “temático”. As entrevistas temáticas se apresentam como uma estratégia focalizada na produção de narrativas em torno de assuntos específicos. Sua escolha é

[...] adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos. Nesses casos, o tema pode ser de alguma forma “extraído” da trajetória de vida mais ampla e tornar-se centro e objeto das entrevistas. Escolhem-se pessoas que dele participaram ou que dele tiveram conhecimento para entrevistá-las a respeito. (ALBERTI, 2005, p.38)

Os temas selecionados para a elaboração do roteiro, e a realização das entrevistas foram a chegada e a difusão do aikido no Brasil. Aparentemente, a abrangência desses dois tópicos pode parecer contraditória com a especificidade que visa a história oral temática, entretanto, sua escolha se deu com a finalidade de identificar possibilidades mais amplas nas memórias dos entrevistados, tais como, narrativas de origem, discursos de tradição e de legitimidade, definições acerca da cultura japonesa, entre outras. Por guardar uma relação intrínseca com o relato biográfico, a história oral temática permite observar o trabalho da memória, e a inscrição do sujeito na história por meio de sua narrativa, ainda que o entrevistado não tenha participado diretamente do(s) tema(s) colocado(s) em questão. Ou seja, é possível observar onde eventos ou acontecimentos históricos se cruzam com significados e sentidos individuais. Nesse perspectiva, Delgado (2010, p.18) enfatiza que o trabalho

com fontes orais “[...] contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas.”

O próximo passo após a opção pelos temas de entrevista foi a elaboração de um roteiro, o qual foi dividido em três seções. A primeira seção foi reservada ao conhecimento das biografias dos entrevistados. Além de levantar dados e informações pessoais, essa seção também teve por finalidade diminuir a distância entre o pesquisador e os professores entrevistados, criando um espaço de troca, de encontro, no momento das entrevistas. Essa estratégia foi concebida previamente, visto que o pesquisador não conhecia antecipadamente nenhum dos sujeitos que participaram desta pesquisa. A segunda seção por sua vez, contém questões referentes à chegada e ao início do aikido em solo brasileiro. Aqui cabe um parêntese, pois os termos “chegada” e “início” foram utilizados ao longo do presente texto como sinônimos, ainda que se compreenda que a expressão chegada tenha um sentido mais associado às viagens empreendidas por cada um dos mestres imigrantes ao Brasil. Essa associação de termos foi adotada a partir das narrativas dos entrevistados, que fundiram em seus discursos a chegada e o início do aikido em solo brasileiro, sem estabelecer distinções entre essas duas expressões ou momentos históricos. Por fim, a terceira e última seção, possui questões que versam sobre a disseminação do aikido a partir da influência dos Mestres japoneses Reishin Kawai, Teruo Nakatani e Ishitami Shikanai.

Não obstante as perguntas do roteiro tenham sido previamente elaboradas, é oportuno esclarecer que esse instrumento não foi utilizado de forma rígida, à maneira de um inquérito. Ou seja, o roteiro de entrevistas foi considerado como um instrumento semiestruturado e flexível, visto que seu objetivo era apreender a subjetividade das memórias dos entrevistados, e não a factualidade de suas narrativas. Sendo assim, algumas perguntas não previstas anteriormente no roteiro foram incluídas de acordo com o contexto de cada uma das entrevistas. Algumas dessas perguntas eram de caráter tangencial e tinham por finalidade eliciar, de maneira indireta, memórias sobre possíveis tensões e conflitos relacionados aos desdobramentos do aikido em solo brasileiro.

Outro esclarecimento oportuno, é que no caso do Mestre Ishitami Shikanai – o único entrevistado entre os três pioneiros – sua entrevista contou com perguntas mais próximas do gênero história oral de vida, que, segundo Alberti (2005, p.37-38)

[...] têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que

se inteirou. Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados.

Apesar de anunciar a valorização de aspectos relacionados à experiência de vida do Mestre Ichitami Shikanai no Japão, assim como, destacar os motivos de sua migração ao Brasil, os diferentes gêneros de história oral contemplados nesta pesquisa (história oral temática e de vida) pressupõem a relação com o método biográfico (ALBERTI, 2005). No quadro abaixo, é possível observar o referido roteiro utilizado nesta pesquisa.

QUADRO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de entrevista	
Dados cadastrais	Nome: _____
	Data de nascimento: _____
	Endereço residencial: _____ _____
	Telefone(s): _____
	Email: _____
	Profissão: _____
	Mestre: _____
	Tempo de prática: _____
	Graduação: _____

QUADRO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA (continuação)

<p>Dados Biográficos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Quando e como o senhor(a) começou a treinar aikido? - Quem foi seu primeiro Sensei? - O senhor(a) teve outros(as) Senseis? Quem? - Como foi essa “transição” de Sensei? - Há quanto o senhor(a) tempo dá aulas?
<p>Questões sobre a chegada do aikido ao Brasil</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O senhor(a) poderia me explicar como o aikido chegou ao Brasil? - O senhor(a) sabe quais os motivos que trouxeram o Mestre _____ ao Brasil? - Onde o Mestre _____ chegou primeiramente? Esse é o mesmo local onde ele fixou residência? - O senhor(a) tem conhecimento sobre o período e o(s) local(ais) onde o Mestre _____ começou a dar aulas? - O Mestre _____ mantinha alguma outra atividade profissional

	<p>além de ministrar aulas de aikido?</p> <p>- Nesse mesmo período o(a) senhor(a) sabe se existia alguma outra escola de aikido em algum outro lugar?</p>
<p>Questões sobre a difusão do aikido no Brasil</p>	<p>- O senhor poderia me descrever como se deu o processo de difusão do aikido a partir da influência do Mestre_____?</p> <p>- Nessas quatro décadas e meia de presença do aikido em terras brasileiras, quais eventos o(a) senhor(a) considera que foram fundamentais para a difusão dessa prática em nosso país?</p> <p>- Há algum ou alguns fatores que o senhor(a) identifica que podem ter dificultado a expansão do aikido no Brasil?</p> <p>- O senhor(a) poderia me citar alguns nomes que foram fundamentais na difusão do aikido em nosso país?</p> <p>- Nos dias de hoje, como o senhor(a) vê o desenvolvimento do aikido em nosso país?</p> <p>- Considerando que o senhor(a) já falou sobre o processo de início e difusão do aikido no Brasil, existem outras informações que considera importantes para que eu possa compreender melhor como se deu todo esse processo?</p>

Ressalte-se que tanto o roteiro, como o projeto de pesquisa que originou esta dissertação, foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, e foram aprovados mediante o parecer consubstanciado número 163.573. A inscrição do projeto junto ao CONEP (Comitê Nacional de Ética em Pesquisa) pode ser localizada no site “Plataforma Brasil” a partir do número de registro: 09280112.1.0000.0102. Os termos de consentimento assinados por cada um dos professores de aikido citados neste estudo, podem ser encontrados no item “apêndices”. A partir da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), é possível observar alguns dos cuidados éticos adotados antes, durante, e mesmo após a realização de cada uma das entrevistas.

Realizadas essas observações teóricas e procedimentais, deu-se então, o estabelecimento da lista de entrevistados em potencial. A seleção dos professores de aikido que compuseram o grupo de entrevistados desta pesquisa foi efetuada a partir de contatos fornecidos, primeiramente, pelo professor de aikido do pesquisador, o senhor Gilberto Machado Marecos¹¹, e posteriormente mediante uma ostensiva pesquisa nas duas das principais publicações sobre a presença do aikido no Brasil: “Aikido – Técnicas Básicas” de Marco Natali (1985), e “Aikido: O Caminho da Sabedoria. - Dobun, História e Cultura” de Wagner José Bull (2008). Esse levantamento prévio a respeito dos possíveis entrevistados é recomendado por Alberti (2005, p.32) a partir da seguinte indicação:

É preciso conhecer o tema, o papel dos grupos que dele participaram ou que o testemunharam e as pessoas que, nesses grupos, se destacaram, para identificar aqueles que, em princípio, seriam mais representativos em função da questão que se pretende investigar – os atores e/ou testemunhas que, por sua biografia e por sua participação no tema estudado, justifiquem o investimento que os transformará em entrevistados no decorrer da pesquisa.

Dessa forma, ao término desse processo de consulta, foram selecionados professores que treinaram e conviveram com um – ou mais de um – dos pioneiros do aikido no Brasil. Aqui cabe um esclarecimento, pois alguns dos entrevistados escolhidos, da cidade do Rio de Janeiro, haviam treinado com mais de um mestre pioneiro. Isso se deve ao fato do Mestre Ichitami Shikanai ter vindo ao Brasil para dar prosseguimento nas turmas iniciadas pelo senhor Teruo Nakatani, que em função de seus compromissos profissionais e de uma lesão sofrida durante um treinamento, não pôde continuar

¹¹ O Professor de aikido Gilberto Machado Marecos ministra suas aulas no espaço de treinamento “Aikido Shugyo Dojo” [Curitiba-PR] e é filiado a União Sul-americana de Aikido Kawai Shihan. Dessa forma sua lista de contatos estava adstrita aos professores que treinaram somente com o Sensei Reishin Kawai.

ministrando suas aulas de aikido. Entre os mestres pioneiros, o senhor Ichitami Shikanai foi o único a participar desta pesquisa, relatando por si mesmo suas memórias a respeito de sua trajetória de vida antes e depois de chegar ao Brasil. A não participação dos Mestres Reishin Kawai e Teruo Nakatani, se deve ao fato de o primeiro ter falecido pouco antes do início desta pesquisa, no ano de 2010, e no caso do senhor Teruo – ainda vivo – seu precário estado de saúde e sua idade avançada não permitiram a concessão de uma entrevista.

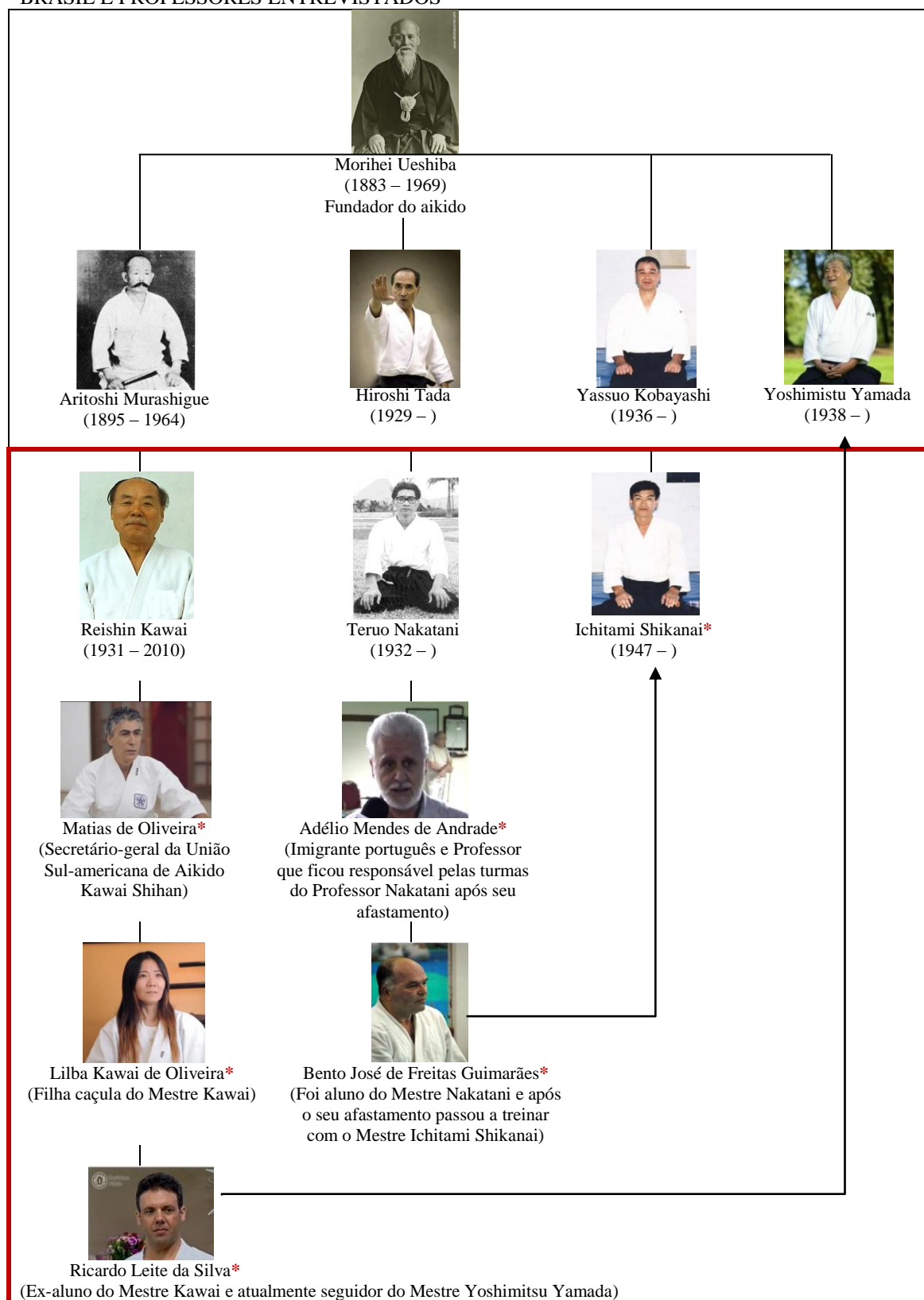
Outro esclarecimento é que a ausência de outros seguidores do Mestre Nakatani, além dos Professores Adélio Andrade e Bento Guimarães, se deve a dois fatores, o primeiro é que houve grande dificuldade de encontrar professores que treinaram diretamente com o senhor Teruo, pois muitos de seus ex-alunos já estão afastados do aikido há muito tempo, o que os impossibilitaria de falar com maior propriedade sobre a difusão dessa modalidade em terras brasileiras. O segundo fator é referente à idade de alguns dos professores que treinaram com o Mestre Nakatani e que foram localizados pelo pesquisador. Muitos deles já septuagenários ou octogenários, alegaram não ter condições de conceder uma entrevista em função de sua idade avançada e de seu estado de saúde.

A escolha dos entrevistados deu-se, portanto, principalmente em virtude de sua proximidade em relação a cada um dos mestres japoneses aqui indicados, mas também por estarem ativos treinando e ministrando aulas de aikido. Seu reconhecimento público e a posição que ocupam em seus respectivos grupos e organizações também foram fatores considerados para a sua seleção. Corroborando com esse formato de seleção, Alberti (2005, p.31) explica que

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam oferecer depoimentos significativos. O processo de seleção de entrevistados em uma pesquisa de história oral se aproxima, assim, da escolha de ‘informantes’ em antropologia, tomados não como unidades estatísticas, e sim como unidades qualitativas – em função de sua relação com o tema estudado –, seu papel estratégico, sua posição no grupo, etc.

A seguir, pode ser observado o quadro onde constam os nomes de todos os professores que participaram desta pesquisa, suas respectivas instituições e seus atuais ou antigos mestres.

FIGURA 1 – FUNDADOR DO AIKIDO, SHIHANS, MESTRES PIONEIROS DO AIKIDO NO BRASIL E PROFESSORES ENTREVISTADOS



FONTE: O autor (2014)

O quadro acima demanda alguns esclarecimentos. Primeiramente é necessário informar que os professores efetivamente entrevistados por ocasião deste estudo têm um asterisco anotado ao lado de seus respectivos nomes. O nome do senhor Ichitami Shikanai também possui um asterisco, pois esse Mestre – conforme já referido – foi o único entre os pioneiros. Acima dos nomes e figuras dos imigrantes japoneses que aportaram no Brasil trazendo o aikido, constam os nomes e imagens de seus respectivos mestres, com quem aprenderam a “arte da paz”. São eles os senhores Aritomo Murashigue, Hiroshi Tada e Yassuo Kobayashi. Optou-se por incluir esses Shihans¹² no quadro acima, visto que seus nomes foram citados em diversas entrevistas.

Outro esclarecimento oportuno é que além dos participantes apontados acima, outros professores que tiveram ligação com um dos mestres pioneiros do aikido no Brasil, também foram entrevistados, no entanto, em função do volume de material transcrito e do risco de subaproveitamento de seus relatos, uma delimitação se fez necessária. Dessa forma, constam no quadro da página anterior apenas os nomes dos professores de aikido mais próximos a cada um dos mestres imigrantes. As características de cada entrevistado e o nível de ligação que mantinham com seus respectivos mestres, serão exploradas com maior profundidade no capítulo 2. O que cabe para o momento é indicar que a composição do grupo de entrevistados aqui listados, procurou privilegiar de forma concomitante, a singularidade de cada relato e a polifonia a respeito da presença do aikido no Brasil. Assim, é possível encontrar, por exemplo, as memórias do genro (Matias de Oliveira) e da filha caçula (Lilba Kawai de Oliveira) do senhor Kawai, em contraste com as recordações de um de seus ex-alunos, o Professor Ricardo Leite da Silva¹³. Da mesma forma, as narrativas do Mestre Ichitami Shikanai, e de seu principal seguidor, o Professor Bento Guimarães, são colocadas em paralelo com as lembranças do Professor Adélio Andrade, que ao invés de seguir sendo orientado pelo senhor Shikanai após sua chegada ao Brasil, optou por estabelecer um grupo próprio de aikido, enquanto que o Professor Bento decidiu seguir sendo orientado pelo novo mestre. A dissonância, portanto, foi valorizada não com o objetivo de tentar

¹² A expressão japonesa Shihan tem o significado de mestre de mestres. Trata-se de um título conferido somente pela Fundação Aikikai do Japão, instituição criada pelo filho do fundador do aikido para dar continuidade no legado marcial de Morihei Ueshiba. A concessão do título de Shihan segue critérios internos da Fundação Aikikai e não está atrelada necessariamente ao nível de graduação do mestre. Devido a isso, não é incomum verificar mestres com 6º grau de faixa preta em aikido que portam tal título, ao passo que há mestres com 8º que não são considerados Shihans.

¹³ O professor Ricardo Leite da Silva, apesar ter sido aluno do senhor Reishin Kawai, desligou-se do mesmo em 1990 e desde então tem sido orientado pelo mestre Yoshimitsu Yamada, residente nos Estados Unidos. Os motivos para esse rompimento entre aluno e mestre, e seus respectivos significados subjacentes, serão explorados oportunamente no capítulo 2.

alcançar alguma verdade ou consistência nas lembranças dos entrevistados, mas como um recurso de valorização das peculiaridades de cada relato. Para tanto, as memórias reunidas ao longo dos capítulos seguintes, não foram consideradas como versões sobre o passado, mas como relatos, narrativas ou descrições sobre eventos vividos direta ou indiretamente. Essa forma de classificar as recordações dos entrevistados foi extraída de uma reflexão registrada por Alberti (2012). Nesse sentido, a autora aponta que se deve

[...] evitar que se tome “versão” como algo muito particular, como em “Essa, é a minha versão dos fatos” (frase que também tem um tom de reivindicação da verdade), ou então como algo menor, suscetível de erro, como em “Ah, isso é a versão dele!” (ALBERTI, 2012, p.163).

Na sequência dessas explicações, é necessário acrescentar outro dado relevante, a diferença etária entre os entrevistados. A diferença de idade entre os professores aqui entrevistados está associada à sua participação direta ou indireta nos primórdios do aikido no Brasil. Entretanto, é necessário considerar que a chegada da “arte da paz” em terras brasileiras não está condicionada a uma data determinada, isso porque cada um dos mestres pioneiros chegou num período diferente. Dessa forma, as lembranças dos entrevistados mais velhos, como é o caso dos Professores Adélio Andrade e Bento Guimarães, foram relativizadas em relação aos relatos dos narradores mais jovens. Esse cuidado, também foi adotado na análise da narrativa do Mestre Shikanai que descreveu por si mesmo suas impressões e percepções sobre sua chegada em solo brasileiro e também sobre o início e o desenvolvimento de seu trabalho com o aikido.

Observando as considerações acima, pode-se dizer que a ausência da experiência pessoal por parte dos professores mais jovens em eventos relativos ao início do aikido no Brasil, não reduziu o valor e o significado de suas reminiscências. Isso porque, a não participação de um indivíduo numa determinada situação ou circunstância, pode contar com memórias transmitidas de forma indireta. Trata-se do que o sociólogo Maurice Halbwachs examina no plano da memória individual:

Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. (HALBWACHS, 2006, P.72).

Ainda nesse sentido, pensando nas diversas maneiras de transmissão da memória individual enquanto possibilidades não isoladas ou fechadas, Michael Pollak (1992) expõe a noção de “acontecimentos vividos por tabela”. De acordo com o autor, esses

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga perceber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela, vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p.201).

Mais do que relatos sobre eventos pregressos, o que se observa nesse tipo de recordações, são as formas de apropriação e os sentidos conferidos ao passado por diferentes sujeitos.

Essas são apenas características iniciais a respeito dos professores que participaram desta pesquisa, sendo que maiores informações, sobretudo, referentes às suas respectivas situações de entrevista, serão abordadas conforme a apresentação de suas narrativas nos capítulos seguintes.

No processo de transcrição das gravações, foram utilizadas – com certa reserva – algumas das diretrizes presentes no “Manual de História Oral” da autora Verena Alberti (2005). A reserva a que se faz alusão, diz respeito ao posicionamento epistemológico rigoroso adotado por Alberti, que defende uma transcrição “fiel” àquilo que foi gravado. De acordo com a autora, além da transcrição, o processamento de uma entrevista compreende outras duas etapas: a conferência de fidelidade, e o copidesque (ALBERTI, 2005). Considerando-se que a própria atividade transcritiva implica em grande perda de elementos que não podem passar para a forma escrita como, o ritmo da fala, a entonação, a gestualidade, as hesitações, etc. é no mínimo ingênuo acreditar que uma transcrição possa reproduzir sem perdas semânticas consideráveis aquilo que foi gravado. E, se acrescentadas as etapas subsequentes – conferência de fidelidade e copidesque – conforme recomenda Alberti, inevitavelmente o resultado final do processamento será um texto editado e reeditado, provavelmente bastante diferente da exposição oral do entrevistado.

Literalidade e fidelidade são expressões que segundo Portelli (1997) não condizem com o ofício do historiador oral. Nesse sentido, o pesquisador italiano afirma que

É preciso lembrar que qualquer transcrição torna-se, automaticamente, uma forma de manipulação. Simplesmente não acredito na transcrição perfeita, não acredito sequer na fita perfeita. [...] Simplesmente não existe nenhuma reprodução neutra de qualquer evento. Em vista disso, creio que não deveríamos nos empenhar tanto em conseguir a neutralidade, mas em deixar clara a manipulação e, por conseguinte, buscar menos a reprodução do que a representação. São, porém, coisas diferentes. (PORTELLI, 1997, p. 39).

Ou seja, a transcrição é sempre uma prática arbitrária, que diz mais a respeito do pesquisador, do que sobre seus entrevistados. Isso ocorre em função de todas as operações realizadas a fim de tornar o texto transcrito inteligível e preservar, ainda que timidamente, um pouco da riqueza e vividez da fala.

Levando em conta essas e outras ponderações referentes ao processo de passagem do oral ao escrito, optou-se como já referido, por lançar mão de alguns dos procedimentos presentes na obra de Alberti (2005). Entre as diversas orientações metodológicas indicadas pela autora, o que foi observado no processo de transcrição das entrevistas realizadas para este estudo, foi o uso das marcações.

Na passagem de narrativas orais para a forma escrita, muitas vezes pode ser necessário lançar mão de marcações que informem o leitor sobre elementos que ultrapassam o conteúdo estrito das palavras proferidas. Essas marcações tem a função de suprir algumas deficiências que resultam da passagem do documento para a forma escrita: uma vez que não é possível, no documento escrito, reproduzir o tom de voz, seu ritmo, a pronúncia das palavras etc., ao menos se pode procurar fornecer outros indícios que complementam a simples leitura das palavras enunciadas. (ALBERTI, 2005, p.178).

Abaixo, pode ser observado o quadro com as marcações realizadas nas transcrições apresentadas ao longo desta dissertação. Ressalte-se que nem todas as marcações propostas pela autora foram utilizadas, assim como é necessário informar que foram incluídas marcações criadas pelo próprio pesquisador a fim de conferir maior legibilidade a algumas das transcrições.

QUADRO 2 – MARCAÇÕES UTILIZADAS NAS TRANSCRIÇÕES

Palavras estrangeiras	Palavras estrangeiras e expressões idiomáticas foram registradas em <i>itálico</i> .
Ênfases	Palavras ou trechos que receberam destaque durante a gravação foram grifadas em negrito . Nos casos de palavras estrangeiras, principalmente japonesas, enfatizadas pelos entrevistados, sua marcação foi registrada simultaneamente em negrito e em <i>itálico</i> .

QUADRO 2 – MARCAÇÕES UTILIZADAS NAS TRANSCRIÇÕES (Continuação)

Silêncio	A marcação [silêncio] é feita entre colchetes, e reserva-se apenas aos casos em que a duração da pausa for maior e chamar a atenção do entrevistador. Pausas curtas, comuns na linguagem falada, devem ser marcadas pela pontuação usada na linguagem escrita.
Riso(s)	Nesse caso, há duas situações de marcação: a primeira, em que ri apenas a pessoa que está falando, e a segunda, em que riem entrevistador e entrevistado(s). Elas correspondem às formas [riso] e [risos], respectivamente.
Emoção	Como o riso, as lágrimas também acrescentam significado à expressão verbal e devem ser marcadas para transmitir ao leitor da entrevista o envolvimento e os sentimentos do entrevistado em relação a determinado assunto. E não só as lágrimas expressam esse envolvimento, como também um tom de voz claramente emocionado. As emoções também são marcadas entre colchetes: [emoção].
Enunciados incompletos	Os enunciados incompletos foram marcados com reticências...
Palavras erradas	Foram mantidas apenas as palavras erradas que eram fundamentais para a compreensão do sentido da narrativa do entrevistado.
Omissões	Foram omitidas com cautela palavras e expressões que não contribuíam diretamente para a inteligibilidade da transcrição.
Notas	Eventualmente foram inseridas notas com a finalidade de traduzir para a forma escrita situações percebidas no momento da entrevista. Outras informações referentes ao contexto de cada uma das entrevistas e às características dos entrevistados foram inseridas no próprio texto desta dissertação, antes ou depois do trecho transcrito.
Inaudível	Quando na passagem das entrevistas para a forma escrita, foi impossível identificar, mesmo após várias tentativas, aquilo que o entrevistado falou. Essa marcação é feita entre colchetes: [inaudível].
Prosopopeia	Os trechos em que o entrevistado dá voz e/ou imita pessoas ausentes, ou já falecidas, foram registrados entre “aspas”.
Supressões	Foram suprimidos quando usados em excesso: titubeações, cacoetes de linguagem, o vocábulo “que”, e pronomes retos.
Pequenos acréscimos	Foram acrescentadas conjunções, preposições, etc. quando necessárias para uma melhor compreensão da transcrição. Acréscimos relativos ao contexto da entrevista foram inseridos na transcrição entre [colchetes].

FONTE: Modificado de Alberti (2005)

Nem todas as marcações indicadas pela autora constam no quadro acima. Além disso, com a finalidade de não sobrecarregar as transcrições, optou-se por adotar o mínimo de marcações possível.

Além de todas essas modificações resultantes do confinamento do discurso oral em um texto escrito, ainda foi adotada uma forma de apresentação das narrativas dos

entrevistados, que viabilizasse a possibilidade de discussão teórica de suas memórias. Sendo assim, os relatos dos professores de aikido que participaram desta pesquisa, foram cortados, costurados, colados, remontados, editados e reeditados. Aparentemente, essa clivagem pode parecer um tanto extravagante, mas trata-se de um tipo de procedimento alinhado com os cânones da história oral contemporânea, a qual visa, sobretudo, por em evidência os sentidos atrelados aos processos de subjetivação da realidade. Esse tipo de procedimento, não pertence apenas à história oral, visto que pode ser encontrado no tratamento dado a outros tipos de fontes históricas. O que ocorre, é que no caso do trabalho com fontes orais essa forma de intervenção é potencializada, sem no entanto, esvaziar os significados presentes nas lembranças dos entrevistados. Esse processo de edição até o formato final de publicação, pode em alguma medida, ser aproximado do conceito de “trabalho de enquadramento da memória” de Pollak (1992, p.206):

Por conseguinte, o trabalho de enquadramento da memória pode ser analisado em termos de investimento. Eu poderia dizer que, em certo sentido, uma história social da história seria a análise desse trabalho de enquadramento da memória. Tal análise pode ser feita em organizações políticas, sindicais, na Igreja, enfim, em tudo aquilo que leva os grupos a solidificarem o social.

De acordo com Pollak, o próprio historiador – e isso vale para pesquisadores de outras áreas – realiza de forma mais ou menos parcial esse tipo de trabalho, que põe em evidência aquilo que ele pretende explorar por meio de suas incursões teóricas.

Outro ponto a ser descrito, é que as fontes orais aqui registradas foram construídas em conjunto com o pesquisador. Respeitando, portanto, o caráter dialógico do material aqui apresentado, de acordo com as circunstâncias, as perguntas que produziram suas respectivas narrativas foram incluídas. Portelli (2010) explica que a inclusão eventual das perguntas, serve para lembrar ao leitor, que o pesquisador tem um papel fundamental na modulação dos relatos dos entrevistados, isso porque as pessoas não começam simplesmente a falar, sem nenhum estímulo, sem nenhuma forma de provocação. Nessa linha de raciocínio, a narrativa do entrevistado é de acordo com Portelli (2010), sempre uma *performance* que tem como ponto de partida a presença do entrevistador.

Outra consideração oportuna é que as expressões, memória(s), identidade(s), prática(s), representação(ões) e apropriação(ões) foram ora designadas como conceitos e ora como noções ao longo da presente dissertação. Essa forma de emprego de cada um

desses termos reflete em alguma medida as constantes retomadas e novas reflexões propostas por diferentes áreas das ciências humanas que pesquisam indivíduos e coletividades. Cada uma dessas noções e/ou conceitos serão descritas e aprofundadas oportunamente nos capítulos que se seguem.

3 *BURAJIRU*¹⁴: MISSÃO, DESTINO E ACASO

O presente capítulo tem por objetivo explicitar a variedade de memórias e seus múltiplos sentidos, relativos à chegada do aikido ao Brasil. Ganham destaque nesta seção, os significados não compartilhados sobre as motivações que trouxeram cada um dos mestres pioneiros ao Brasil. As recordações dos entrevistados evidenciam o papel ativo e a natureza processual da memória. De forma indireta, as narrativas aqui presentes descrevem a inauguração de um novo campo¹⁵ no cenário marcial brasileiro.

Como a chegada do *budô* de Morihei Ueshiba está diretamente associada às trajetórias individuais dos mestres pioneiros que aportaram em território brasileiro, os trechos selecionados para compor este capítulo versam mais sobre os vários sentidos atribuídos às motivações de seus processos migratórios e às suas dificuldades iniciais de adaptação. Conhecer essas memórias implica em compreender desdobramentos narrativos posteriores, que reivindicam a tradição e a oficialidade do aikido em solo brasileiro.

Privilegia-se nesta seção, portanto, a singularidade de cada relato, de cada memória, no lugar da consonância e dos significados compartilhados. Corroborando com tal perspectiva de análise, Portelli (1997, p.16) explica que embora as fontes orais estejam sempre moldadas “[...] de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais.”

A título de esclarecimento, é cabível informar que os relatos registrados neste capítulo têm uma ordem diversa em relação à realização das entrevistas. Com a finalidade de conferir maior clareza textual, optou-se por manter a cronologia – já consolidada nas fontes previamente consultadas – a respeito da chegada de cada um dos mestres pioneiros ao nosso país. Assim sendo, as narrativas a seguir versam primeiramente sobre o senhor Reishin Kawai, que foi sucedido por Teruo Nakatani, e esse pelo Mestre Ichitami Shikanai.

Oriundo da província de Shimane localizada no sudoeste do Japão, Munenori¹⁶ Toshio Kawai, ou simplesmente Reishin Kawai como ficou conhecido posteriormente,

¹⁴ “Brasil” na língua japonesa.

¹⁵ A expressão campo está sendo utilizada de acordo com o a conceituação de Pierre Bourdieu.

¹⁶ Em matéria intitulada “A arte da paz – teoria e prática” publicada na Revista Kiai, ano V, n. 34, p. 28 – o Professor Herbert Gomes Pizzano do grupo Aikido Ceará, discípulo do Mestre Reishin Kawai explica a mudança de nome de seu Sensei: “Seu nome de nascimento é Toshio; Munenori é o nome que lhe deu seu Mestre Saito Torataro. Finalmente Reishin é seu nome espiritual dado por Kassa Sensei, hoje com 103 anos de idade e sua orientadora nos caminhos do Espírito há pelo menos 30 anos.”

foi o primeiro a aportar em terras brasileiras. Nesse sentido, o título de Sensei é duplamente merecido, visto que essa expressão japonesa porta simultaneamente o significado de Mestre ou Professor e indica na sua forma literal “aquele que veio antes”, ou “aquele que chegou primeiro”. Não obstante sua posição na ordem de chegada, os motivos que trouxeram Kawai Sensei ao Brasil, são apresentados com uma variação tão rica, mesmo para pessoas próximas como seu genro, o Professor Matias de Oliveira e sua filha caçula, a Professora Lilba Kawai de Oliveira, continuadores de seu legado marcial.

A entrevista com o genro do senhor Kawai foi a primeira realizada na cidade de São Paulo, local onde o Mestre pioneiro fixou residência. Diferentemente dos outros entrevistados, o Professor Matias – no contato prévio para o agendamento de sua entrevista – teve o cuidado de solicitar o roteiro de perguntas para analisar com calma as questões e tópicos contemplados pelo roteiro. A esposa do Professor Matias por sua vez, foi entrevistada ao final da mesma semana¹⁷, entretanto, sua entrevista contou com a presença atenta do marido, que em diversos momentos interveio, acrescentando novas informações, corrigindo relatos e realizando admoestações sobre o que era melhor ser deixado de lado. A preocupação apresentada pelo genro do Sensei Kawai é justificável, sobretudo, pela posição que o entrevistado ocupa – como secretário-geral – na instituição criada por seu sogro para a difusão do aikido, a União Sul-americana de Aikido Kawai Shihan.

Observadas essas informações de ordem contextual, é possível estabelecer uma primeira distinção entre as memórias do Professor Matias e aquelas relatadas pela filha do Mestre Kawai. Enquanto os relatos do genro do senhor Reishin apresentam traços característicos de uma memória pública, ou seja, sem indícios que possam macular ou expor a vida do Sensei Kawai, a narrativa da Professora Lilba, tem um nível menor de organização, e apresenta frequentemente profundas marcas afetivas. Dois recortes narrativos que evidenciam os apontamentos anteriores podem ser constatados a partir das diferenças de enquadramento realizadas pelo Professor Matias, e por sua esposa quando questionados sobre como Kawai Sensei chegou ao Brasil e o que motivou sua vinda para cá.

Então o Kawai Sensei, quando ele [inaudível] conhecer o mundo e voltar e ser um político, se candidatar a deputado. E ele veio para o Brasil andou por aqui e depois foi para a Europa, e lá ele teve um encontro com o pessoal do aikido e tal. Aí que foi designado o [Mestre Aritomo] Murashigue falou

¹⁷ 10/04/2013.

assim: “Você vai tomar conta do aikido na América do Sul! Lá no Brasil e tal...” E daí ele na época, eu acho que não tinha, estava meio sem... sem muito que fazer da vida, estava meio indefinido assim... E ele gostou do Brasil quando esteve por aqui. Gostou do clima e tal. Ele acabou que quis voltar para o Brasil. Então ele teve motivo para vir para o Brasil. Então ele ficou aqui... O Murashigue na época era assim... um dos pilares lá da Aikikai. Então ele voltou com esse intuito, depois esse Murashigue Sensei acabou sofrendo um acidente na Bélgica e faleceu, alguns anos depois. Mas esse Murashigue era um samurai assim, lutou na 2ª Guerra, matou muita gente com a espada sabe? [riso] Era um cara muito respeitado lá. E ele chegou a treinar com o Murashigue uma época, e o Murashigue também era muito conhecido do Saito Torataro que era Professor do Kawai Sensei. O Kawai Sensei não treinou apenas aikido [e] aikijujutsu, ele treinou muitas outras coisas com esse Sensei.

Algumas características bastante interessantes podem ser observadas no relato acima. Primeiramente, o efeito de sentido de distanciamento em relação ao sogro pela forma de tratamento empregada pelo narrador ao longo de todo o seu relato. Ou seja, no lugar de uma modalidade pessoal de referência, prevalece a modalidade institucional “Kawai Sensei”. Essa poderia ser uma característica apenas do trecho selecionado, no entanto, a forma de referência/reverência ao sogro, é a mesma em quase seis horas de gravação. Além dessa característica, subjaz no discurso do entrevistado um sentido de incumbência, de missão, em relação aos motivos que trouxeram o senhor Reishin Kawai ao Brasil. Recorrendo a um dos conceitos de Pierre Bourdieu (1983), é possível indicar na passagem acima, um processo de delegação que teve por finalidade legitimar a transmissão do capital delegado por Murashigue Sensei ao Mestre Kawai:

O capital pode ser autoridade universitária, prestígio intelectual, poder político, força física, segundo o campo considerado. O porta-voz autorizado, é detentor ou em pessoa (e trata-se de carisma) ou por delegação (e trata-se do sacerdote ou do professor) do capital institucional de autoridade que faz com que se lhe atribua crédito, com que se lhe conceda a palavra. (BOURDIEU, 1983, p.147).

Para melhor compreender a relação de delegação – uma espécie de investidura na interpretação do entrevistado – que conferia a Sensei Kawai o poder de representação, e o capital necessário à sua missão em território brasileiro – são necessários alguns esclarecimentos sobre o seu Mestre, o senhor Aritoshi Murashigue.

Aritoshi ou Aritomo Murashigue (1895–1984) como também era conhecido, foi aluno direto do fundador do Aikido e recebeu do próprio Morihei Ueshiba, a incumbência de divulgar o seu caminho marcial na Europa. Seu nível de graduação e a natureza de sua delegação, conferiam ao Mestre Murashigue a permissão para realizar exames de graduação e conceder outros títulos sem a prévia autorização do próprio

fundador. Dessa forma, o senhor Reishin Kawai foi designado a iniciar e difundir o aikido em terras brasileiras. Não é à toa que os grupos e instituições filiadas à União Sul-americana de Aikido Kawai Shihan, reclamam o título de “introdutor oficial” para seu Mestre¹⁸.

Observadas essas informações tanto a respeito do senhor Kawai, quanto sobre seu Mestre, é possível recorrer a um apontamento de Portelli (2010c) para aprofundar alguns aspectos sobre a relação de entrevista estabelecida com o senhor Matias de Oliveira e das características de suas memórias:

A ideia de que existe um “observado” e um “observador” é uma ilusão positivista: durante todo o tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso. A “entre/vista”, afinal, é uma troca de olhares. (PORTELLI, 2010c, p.20).

Desse modo, a relação de entrevista é constituída não apenas por relatos de ações passadas, mas por ações que ocorrem em uma relação dialógica no presente. Sob essa perspectiva é possível compreender a forma como o Professor Matias descreve suas memórias e se relaciona com o pesquisador. Sua entrevista não diz respeito apenas à memória e aos seus significados, mas tem o efeito de produzir aquilo que o entrevistado pretende frente ao seu ouvinte, neste caso o pesquisador. Alberti (2004) aprofunda essa característica inerente às relações de entrevistas e explica a partir do referencial teórico de Peter Hüttenberger (1992) que todo encontro dialógico, fruto do trabalho com fontes orais, produz “resíduos de ações” que não se encerram quando o gravador é desligado, pois o que ficou registrado – não apenas pelo gravador, mas também pelo entrevistador – produz novos significados e tem o potencial de gerar novos efeitos, como por exemplo, em quem lê o texto de uma narrativa transcrita ou ouve o arquivo que foi gravado. No caso do senhor Matias, é possível entrever uma intencionalidade que visa apresentar o sogro, ou melhor, o Sensei Kawai como alguém que encontrou simultaneamente seu caminho marcial (o aikido) e sua missão (vir ao Brasil difundir a “arte da paz”).

Outras considerações poderiam ser tecidas acerca do relato do Professor Matias, entretanto, é oportuno explicitar como sua esposa, a Professora Lilba Kawai, descreve os motivos e as condições da viagem de seu pai ao Brasil.

Não obstante o olhar e a escuta atenta do marido, a caçula do senhor Reishin institui outro nível de comunicação ao longo de sua entrevista. Contrariando o

¹⁸ Segundo o site da União Sul-americana de Aikido Kawai Shihan, o senhor Kawai é apontado como o introdutor oficial do aikido no Brasil. Ver em: www.aikidokawai.com.br

estereótipo do japonês lacônico, sua fala é suave e não exige grande quantidade de questões adicionais. Suas memórias têm um tom doméstico, mais afetivo, que além de indicar outro tipo de relação – mais pessoal – chegam mesmo a ir de encontro à narrativa do Professor Matias.

É que o meu pai ele veio assim, praticamente com a roupa do corpo para cá. Daí meio que ele veio contra a vontade da família, tanto que eu não conheço ninguém lá! Porque o meu pai foi tipo um desertor assim! Abandonou tudo então... Ele era mal visto com a família de lá. Até hoje assim ele fala: “Se você for lá, não vai ser bem recebida!” Porque que nem ele fala assim: “Quando eu parti de lá, o correto seria assim, mesmo eu não tendo dinheiro todo mês [eu devia] mandar dinheiro pra lá!” Só que ele não fez isso né? Então ninguém respeitav... ninguém mais quer saber dele! Aí ele veio para cá, com a roupa do corpo não foi? [esperando a confirmação do marido]

Ao invés da figura pública, exemplar, comumente apresentada pelas informações publicadas pelos seus seguidores, o trecho acima cede espaço para uma imagem mais humana do Mestre Kawai. Outro traço característico da narrativa da Professora Lilba é que suas memórias são mais semânticas do que propriamente factuais, informando menos a respeito de “eventos que sobre significados” (PORTELLI, 1997a). Sobre essa característica das fontes orais, o historiador oral italiano ainda complementa explicando que as

Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos. (PORTELLI, 1997a, p.31).

Entretanto, a característica mais interessante – não apenas do fragmento selecionado, mas de toda a entrevista da filha do Mestre Reishin –, é o uso frequente do tempo verbal no presente ao falar sobre o pai. Ou seja, coexistem diferentes temporalidades no discurso da entrevistada, que explica que seu pai veio ao Brasil num passado determinado, mas “Até hoje assim ele fala: ‘Se você for lá, não vai ser bem recebida!’ ” Sobre esses múltiplos tempos que se sobrepõem na atividade memorial Lowenthal (1998, p.65) explica que

Na verdade temos consciência do passado como um âmbito que coexiste com o presente ao mesmo tempo que se distingue dele. O que nos une é nossa percepção amplamente inconsciente da vida orgânica; o que nos separa é nossa autoconsciência – o pensar sobre nossas memórias, sobre história, sobre a idade das coisas que nos rodeiam. A reflexão freqüentemente distingue o aqui e o agora – tarefas sendo feitas, idéias sendo formadas, passos sendo dados – de coisas, pensamentos e acontecimentos passados.

Mas união e separação estão em contínua tensão; o passado precisa ser sentido tanto como parte do presente quanto separado dele.

Outro trecho da entrevista realizada com a Professora Lilba, indica de forma curiosa a interferência do pai em seu presente narrativo. Ao falar sobre algumas das falhas que acredita que o genitor cometeu em seus esforços para difundir o aikido em terras brasileiras, a entrevistada torna vívida a sua presença no tempo (momento) e no ambiente da entrevista:

Olha pode ser o melhor Professor do mundo, pode ter a melhor filosofia, mas se for arrogante... não prospera e fica doente! Meu pai sabe, meu pai... **É assim, nessa parte o meu pai errou muito!** Eu sei, eu estou falando, ele vai ficar brabo comigo, mas tudo bem! Meu pai foi muito arrogante. Teve uma fase da vida dele que o ego encheu tanto, que assim, ele com toda a sabedoria dele, sabendo que era errado, o ego falou mais alto...

Desvela-se nesse comentário, não o passado com os eventuais equívocos que possam ter sido cometidos pelo senhor Kawai, mas uma relação contemporânea com o pai que pode, inclusive, ocasionar uma repreensão. É oportuno indicar, aproveitando os exemplos extraídos dos relatos da senhora Lilba, que todo processo de rememoração implica num ato interpretativo contínuo. Dessa forma, em toda narrativa há um componente subjetivo, por mais que o tema da entrevista esteja fora do horizonte temporal do entrevistado. Por isso, as fontes orais são de acordo com Portelli (1997) sempre parciais e implicam numa multiplicidade de pontos de vista, de discursos.

A história oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. “Parcialidade” aqui permanece simultaneamente como “inconclusa” e como “tomar partido”: a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os “lados” existem dentro do contador. E não importa o que suas histórias e crenças pessoais possam ser, historiadores e “fontes” estão dificilmente do mesmo lado. (PORTELLI, 1997, p.39).

A presença de Kawai Sensei é tão marcante nos discursos dos Professores entrevistados em São Paulo que mesmo quando inquiridos de forma objetiva sobre como “o aikido” chegou ao Brasil, seus relatos se desviam da prática marcial, para dar lugar às memórias sobre o mestre.

R.L. – Eu não participei desse momento. Quando eu perguntava ao Kawai Sensei ele ficava ofendido! Porque ele tinha muito orgulho do Saito Torataro Sensei, que foi o Mestre de acupuntura dele, e ensinou o que ele sabia de aikido basicamente, que me parece que era mais uma linha do *Daito-ryu* [aikijujutsu] do que aikido. E que era um sujeito de importância social muito

grande, que atendia a família imperial num determinado ponto, [e que também tinha ligação] nomes importantes da história do Japão, então era um cara de altíssimo nível social, e ele era discípulo desse Mestre, e isso ele contava com orgulho. Quando você entrava na linha do aikido já ele ficava... ele colocava o **Murashigue Sensei** que foi o Mestre [dele] que faleceu na França, um sujeito de grande nome no aikido também, parece que tinha muito talento, era um cara bastante habilidoso e de alguma forma o apresentou ao Japão [à Fundação Aikikai de Aikido no Japão], e intermediou a relação [dele] com o Japão. Mas ele nunca... [entrou em detalhes] Então hoje você vê na internet e o que eu posso dizer pra você, você também pode ver na internet!

O relato acima é de um ex-aluno do senhor Kawai, Ricardo Leite da Silva. A participação e os relatos do Professor Ricardo dão vazão a uma tensão há tempos latente entre o ex-aluno, e seu antigo Mestre. Segundo o entrevistado, o início de seus treinamentos está associado a um marco cronológico mais do que especial: “30 de agosto de 1978, dia do meu aniversário, quando fiz 14 anos.”¹⁹ Ao conquistar seu título de *shodan*, faixa-preta, em 1981, o Professor Ricardo que à época estava desempregado e acabara de completar 18 anos, recebeu um convite do senhor Kawai para se tornar um *uchi-deshi*, ou seja, um aluno interno. A vida de um *uchi-deshi* implicava numa espécie de imersão no modo de vida e na cultura japonesa, pois esses aprendizes passavam a residir junto com o mestre e sua família²⁰. O objetivo, no caso de Kawai Sensei, era oferecer aos seus *uchi-deshis* uma estreita experiência de convívio – tomar as refeições juntamente com o Sensei e seus familiares, realizar faxinas, rezar, etc. –, paralela ao aprendizado de seus três ofícios: a acupuntura, o shiatsu e o aikido.

O rompimento entre o professor e o aluno é o mote de quase toda a entrevista, mesmo quando as questões foram formuladas de maneira mais direta e específica. Esse tipo de desvio, longe de destituir o valor da narrativa do professor Ricardo, confere a ela novos contornos. Nesse sentido, Portelli (2010a, p.34) explica:

Eu penso que a coisa mais importante da entrevista não seja tanto aquela de saber fazer as perguntas, mas seja aquela de saber escutar as respostas e aceitar quando o narrador fala de coisas diversas daquelas que nós lhe perguntamos. Porque tem coisas que nós queremos saber e tem coisas que os narradores querem dizer, que nós lhes perguntamos ou não. E, portanto, aceitar essa negociação, essa espécie de dança a dois.

As referências constantes aos conflitos decorrentes da experiência de convívio com o antigo mestre, e certo ressentimento acumulado, deixam entrever na narrativa do

¹⁹ [00:01:35]

²⁰ A experiência de convívio e treinamento do senhor Reishin com o seu mestre Saito Torataro no Japão, havia sido vivenciada em circunstâncias semelhantes.

Professor Ricardo, uma característica que passa quase despercebida. Seu enquadramento sobre como e quando o aikido chegou ao Brasil tem balizas temporais fundadas em sua própria experiência. De alguma forma o aikido chegou ao Brasil quando o entrevistado começou os seus treinamentos, ou seja, no dia “30 de agosto de 1978”. É como se antes disso, o aikido não existisse, pois a subjetividade do ex-aluno de Kawai Sensei ocupa todo o espaço/tempo relativo aos primórdios do caminho marcial de Morihei Ueshiba em nosso país.

A fala do Professor Ricardo segue, ainda em resposta à mesma pergunta. Sua narrativa é monológica e segue um fluxo quase torrencial:

[...] eu costumo me perder, mas enfim... O Kawai Sensei eu já sabia que ele não era o que **mito** o propunha! Jamais perdi o respeito por ele por isso! Eu já participava de demonstrações para ele, que sempre foi um **show-men**, eu já tinha que ajudar a sua expressão corporal no sentido de muitas coisas que ele fazia... jogava a gente para o alto! Ele começou comigo, depois começou colocar quatro ou cinco, outro dia eu vi um vídeo aí, não sei quantos tinham em cima dele, ele dava uma barrigada e saía todo mundo voando! Isso é de verdade, não é verdade? É mentira? O que é verdade, o que é mentira? Tudo é relativo! Então eu cumpria com a minha função como discípulo, dando coerência ao que o meu mestre estava fazendo! Mas era verdade ou era mentira? O que você chama de verdade, o que você chama de mentira? Era o que era! Era o que era... [...] O próprio Kawai Sensei nessas reuniões da Federação [Federação Paulista de Aikido - FEPAI], no fim quem ficou mais tecnicamente preparado na Federação foi Sensei Nishida, que foi um *senpai* [veterano] que sempre me apoiou... Uma vez comecei ir ao *dojo*²¹ do Nishida aos sábados, só que não deu tempo de avisar o Kawai Sensei, eu não tinha arrumado o argumento necessário para apresentar a ideia, mas eu já estava indo... Aí ele ligou pra minha casa, e eu era jovem ainda e morava com minha mãe e minha mãe disse que eu estava na academia do Nishida [riso]. Quando cheguei ao *dojo* foi uma das broncas que ele me deu, dessas de: “Vá embora!” Aí eu expliquei pra ele e [depois] ele reconheceu que o Nishida era um cara que tinha um preparo técnico muito bom, um preparo didático muito bom, e após [eu] praticamente fazer um haraquiri moral [risos] ele me perdoou, e aceitou que eu fosse aos sábados no Nishida, que foi um *senpai* que me ajudou bastante naquela época. [risos] Ele falava na própria federação: “**Quem tem aqui *ki*²² sou eu!**” Porque ele realmente tinha uma energia louca, maluca! [...] Ele era loucão, [mas] nessas loucuras algumas coisas eu discordava muito. Quando ele era tirano, quando era ditador, quando era preconceituoso, e tudo isso eu via! E eu também não sou nenhum santo! Na situação social, naquela época tinha o AI5, então pra completar o que eu queria dizer assim: “Quem tem *ki* aqui sou eu, quem tem técnica é o Nishida!” **Isso era público!** Ele não ficava dizendo: “Eu sou bom de aikido!” Não! [Ele dizia:] “Eu tenho *ki*, e sou eu que sou o representante do *Doshu* Kisshomaru aqui no Brasil! Eu sou delegado oficial! E o Nishida tem técnica boa sim, estudem com ele!” Didática, técnica... na época era o que tinha de melhor.

²¹ Local (de iluminação) onde se pratica o caminho (marcial). Local de treinamento.

²² Energia sutil que preenche, alimenta e conduz o universo. A força vital que ilumina os seres vivos. Energia espiritual, princípio criador fundamental.

Confluem na narrativa do ex-*uchi-deshi* do Mestre Kawai a velocidade narrativa e o fluxo de informações. Mesmo com as mudanças de direção operadas no relato do Professor Ricardo, é possível perceber um trabalho de estruturação narrativa que em alguns momentos chega a parecer uma forma de justificar o rompimento com o seu antigo Sensei. É importante também considerar que a presença do entrevistador – como ouvinte e espectador – estabeleceu uma influência direta na modulação do discurso do entrevistado. Isso porque o pesquisador tinha conhecimento sobre a ruptura entre o mestre e o discípulo, mas também porque o Professor Ricardo foi informado que tanto o genro, quanto a filha caçula do senhor Reishin Kawai iriam participar da pesquisa. Esse tipo de influência é o que fez com que Michael Pollak (1992) classificasse a memória como “um fenômeno construído”, pois de acordo com o autor

A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. (POLLAK, 1992, p.204).

Assim, é importante considerar a entrevista como uma experiência dialógica e também performática, sobretudo por parte do narrador. A esse respeito, Portelli (2010a) esclarece que o processo de recordar é uma *performance* que se estabelece por meio de um diálogo, dessa forma, a fala do entrevistado não é produzida *per se*, mas que implica num processo de comunicação mais amplo e não em meras respostas produzidas na ausência de interação. Essas observações dos autores acima mencionados permitem uma melhor compreensão para as inúmeras oscilações presentes na narrativa do ex-aluno do Mestre Reishin.

Outra reflexão possível a partir das memórias do Professor Ricardo, pode ser viabilizada a partir da relação entre a história oral e a terapia psicológica discutida por Alberti (2004). Citando exemplos de pesquisas com fontes orais sobre o nazismo, a autora reflete sobre a “vocação terapêutica” da história oral. Seu olhar é fixado, sobretudo, no processo narrativo que tem como característica central a elaboração do passado.

Ou seja, trata-se da ideia de trabalhar um acontecimento ou experiência para, de alguma forma, superá-lo psiquicamente, como ocorre em uma terapia. A elaboração do passado que sobressai de diversos estudos no campo da história oral na Alemanha tem, pois, essa conotação; é como se a história oral possibilita-se uma terapia coletiva. (ALBERTI, 2004, p.49).

Dessa forma, o espaço narrativo e a possibilidade de escuta, fazem com que as ambiguidades e flutuações presentes no relato do Professor Ricardo como, por exemplo,

“O que cabe aqui dizer é o que eu aprendi com o Kawai Sensei, **nada! Ele escondia muito!**”²³ ou “**Eu sou fã dele! Eu era apaixonado por ele!** [Estou sendo] sincero!”²⁴ guardem alguma coerência, já que o narrador encontrou no pesquisador e no espaço da entrevista a possibilidade de elaborar seu passado.

Além das características já mencionadas, as memórias do narrador sobre os primórdios do aikido no Brasil, também chamam a atenção pelo lugar que a destreza técnica ocupa em sua percepção:

Era uma época bastante inicial ainda, realmente era muito importante. Ele eventualmente ia para o Japão, eventualmente trazia uma informação ou outra. Naquela época pra você ter ideia, filme super 8 era uma coisa rara, e tinha que colocar a fita cassete para sincronizar com a imagem... Qualquer informação era uma raridade, era um tesouro! Naquela época você chamava mestre do outro lado do mundo, mas nem tinha [ainda] seminário [técnico], mas a gente ficava preocupado onde põe o pé, onde põe a mão, o que é uma coisa elementar! Eu já era 3º Dan quando consegui licença do Kawai Sensei para copiar os filmes super 8 dele, passar pra vídeo. Eu fui a primeira pessoa que passou para vídeo e deu para as pessoas aí no Brasil, porque todo mundo dependia dele liberar os vídeos super 8 que ele tinha lá. O resto era tudo de um livro! Os livros do Saito [Morihiro]²⁵... Esses eram os mestres que a gente tinha! Fitas super 8 eventual, uma vez por ano, sem replay, sem nada... e livro do Saito... Então imagine você ver uma técnica, não entender, esperar o ano que vem e ver se cai de novo na sorte do Kawai Sensei, de ele passar aquela técnica pra você ver se entendeu o que estava na fita! Então naquela época era muito básico! O Nishida ia ao Japão, trazia uma informaçãozinha de alguém que ele conversou, de uma aula que ele fez... E era básico, não era uma riqueza enorme! **Era uma riqueza enorme diante da pobreza enorme!** Então a gente ficava louco atrás dessas informações... Então a mão pra cá, a mão para lá, o pé aqui... Quando hoje a gente estuda, isso aí você pega no youtube, e não passa do elementar! Mas você precisa do elementar para avançar!

Técnica, didática, raridade, riqueza, e pobreza são substantivos que atravessam o discurso do Professor Ricardo, e que refletem – ainda que metaforicamente – suas interpretações sobre o início do aikido em solo brasileiro. Entretanto, não se pode perder de vista que o entrevistado fala a partir de seu ponto de vista, dessa forma a escassez e o amadorismo presentes nas recordações do narrador além de indicar sua visão sobre a falta de perícia técnica do senhor Kawai, também permitem entrever suas predisposições e valores.

Com a finalidade de conferir certa dose de factualidade às suas recordações o Professor Ricardo explica ao entrevistador – mas também a si mesmo – que o próprio

²³ [00:47:38]

²⁴ [00:53:18]

²⁵ Morihiro Saito foi discípulo direto de Morihei Ueshiba e era responsável pelo seu dojo do fundador em Iwama, uma aldeia a duas horas por trem de Tóquio.

Kawai Sensei assumia perante os outros suas limitações técnicas: “**Isso era público!**” O suposto compartilhamento de opiniões a respeito do antigo Mestre não se dá no passado, mas no presente, uma vez que a situação de entrevista estabelece uma relação concreta de comunicação. Nessa perspectiva Contardo Calligaris (1998) registra uma contribuição pertinente ao explicar que

[...] as condições de enunciação de uma mensagem se tornam tão importantes quanto, ou mais importantes que, a mensagem mesma. [...] Ora, minha observação – em uma perspectiva antropológica – é uma maneira de descrever como, na modernidade ocidental, a verdade que importa é cada vez mais a que está no sujeito, no foro íntimo do indivíduo, de onde se presume que provenham a fala e escrita. Essa proposição quase não precisa de demonstrações. É comum observar que nas artes modernas, por exemplo, o valor da obra depende da conotação subjetiva, ou seja, da presença e da força expressiva da subjetividade do artista, e cada vez menos das qualidades intrínsecas do produto. (CALLIGARIS, 1998, p.45).

As memórias sobre a chegada do aikido ao Brasil a partir das impressões dos Professores Matias de Oliveira, Lilba Kawai de Oliveira e Ricardo Leite da Silva desvelam sentidos próprios e relacionados às experiências de convívio com o Mestre Reishin Kawai. Em seus respectivos relatos, a figura do sogro, do pai e do mestre se fundem com a própria presença do aikido no Brasil. Ou seja, é como se o senhor Kawai fosse o próprio aikido. O Professor Matias Oliveira deixa isso evidente ao destacar energicamente a importância do sogro no processo de introdução e difusão da “arte da paz” em terras brasileiras:

[...] **Praticamente todos no Brasil treinaram com ele**, essas pessoas que estão na ativa. Tiveram envolvimento com o Kawai Sensei. Eu diria que o... Menos esse que está morando em São Paulo agora... Esqueci o nome dele...

E. – Teruo Nakatani?

M.O. – **Nakatani, isso!** Menos o Teruo Nakatani – que eu não tenho informação sobre isso – todos os outros tiveram de certa forma uma **ajudinha** do Kawai Sensei com relação ao aikido. **Todos!** Shikanai... **Todos!** Esse pessoal da FEPAI, esses caras aí que estão... **Todos treinaram com o Kawai Sensei! Todos! Todos os 6ºs dans do Brasil, menos o pessoal do Teruo Nakatani! Todos têm o dedo do Kawai Sensei com relação ao aikido! Todos!** Todos têm a influência do Kawai Sensei. Então, é mais ou menos isso...

O desconhecimento da influência do segundo Mestre a aportar em território brasileiro, o senhor Teruo Nakatani, e a relação de dependência de “**Todos!**” os aikidoístas brasileiros – até mesmo do Mestre Ichitami Shikanai – proporcionam ao

discurso do Professor Matias, um efeito de sentido sobrelevação do senhor Kawai em relação a seus conterrâneos.

A lacuna deixada pela aparente ausência de informações a respeito do papel do Sensei Teruo Nakatani no desenvolvimento e consolidação do aikido em terras brasileiras é o ensejo para explorar as memórias dos professores que tiveram alguma ligação com esse mestre pioneiro.

Nascido em 31 de julho de 1932, na ilha de Hokkaido, ao norte do arquipélago japonês, Nakatani Sensei iniciou seus treinamentos de aikido no Hombu Dojo, que além de ser um local de treinamento, também é a sede da Fundação Aikikai do Japão. Criada em 1948 pelo filho do fundador do aikido, a Fundação Aikikai é conhecida e reconhecida como a entidade que detém o monopólio institucional sobre o aikido “tradicional” – tanto no Japão, quanto internacionalmente –, pois vem sendo mantida dentro da linha de sucessão familiar de Morihei Ueshiba. O reconhecimento de mestres e de seus respectivos grupos ou instituições²⁶, assim como a validação de exames de graduação a partir da faixa preta, são algumas das atribuições da Aikikai, como também é simplesmente denominada.

Entre os Professores que tiveram contato direto com o Mestre Nakatani e que participaram da presente pesquisa estão os senhores Bento José de Freitas Guimarães, Adélio Mendes de Andrade, e o Sensei Ichitami Shikanai. Entre esses Professores, o primeiro a tomar a vez para falar sobre o início do aikido no Brasil é o Professor Bento de Freitas Guimarães. Recolhido no Vale das Araras, na região serrana de Petrópolis, o Professor Bento, é um dos aikidoístas mais antigos e respeitados do Rio de Janeiro. Sua casa, localizada em meio a uma extensa área verde de mata atlântica, longe do centro de Petrópolis, conta com um *dojo* nos fundos de sua propriedade, onde são ministrados treinamentos, *gashukus* que são práticas ao ar livre, junto à natureza, e outros tipos de encontros promovidos pela Associação Carioca de Aikido²⁷.

Com um ar severo e bastante desconfiado, o Professor Bento Guimarães começa sua entrevista com respostas lacônicas que pareciam afastar qualquer possibilidade de

²⁶ Há grupos de aikido que não têm o caráter de uma federação, sobretudo, em função de seu número de aikidoístas. As federações já possuem uma forte conotação institucional e diferenciam-se pelo seu grande contingente de filiados. Há ainda confederações de aikido, as quais abarcam todas as federações de uma determinada extensão territorial, como é o caso, por exemplo, da União Sul-americana de Aikido criada pelo Mestre Reishin Kawai.

²⁷ O Aikido Rio de Janeiro é uma associação que congrega diversas academias no estado do Rio de Janeiro sob a supervisão do seu Presidente, o Professor Ichitami Shikanai, 7o Dan, representante da Fundação Aikikai em Tóquio, Japão. O Presidente Honorário da associação é o Professor Teruo Nakatani, precursor do aikido no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.albertoaikidorj.com.br/aikidorj.html>>. Acesso em 20 de maio de 2014.

uma experiência efetivamente dialógica como geralmente preconizam os manuais de história oral.

E. – Quando foi que o senhor começou a treinar Aikido?

B.G. – Eu comecei em... 72. Com o Professor Nakatani.

E. – O senhor lembra o local onde o senhor começou os seus treinos?

B.G.- **Foi Barata Ribeiro, Copacabana!** [silêncio] Precisamente assim, não sei dizer.

Ao invés de um espaço de narração compartilhado, a evidência mais clara do encontro com o professor Bento Guimarães é, ao menos inicialmente, a diferença. Entretanto, como afirma Portelli (2010b) a arte do diálogo é uma arte de paciência, de flexibilidade, e pouco a pouco o laconismo e a desconfiança do entrevistado são substituídos por um discurso eloquente, com uma estruturação narrativa bastante elaborada.

E. – O senhor sabe me dizer o que motivou a vinda dele [do Sensei Teruo Nakatani] ao Brasil? Se foi trabalho, se foi o próprio aikido?

B.G. – Ele... Bom eu não sei, eu acho que eu ouvi falar, eu não sei de... mas... Era um problema econômico dele, entendeu? Parece que tinha a ver com algum problema... Alguma coisa política também, alguma militância dele lá, política. Ele andou desagradando lá certos grupos, alguma coisa assim, e aí... Ele saiu de lá meio que **apressado**. Tanto que ele fez um curso rápido de aikido entendeu? No Japão. Ele fez um curso rápido. Inclusive com o próprio Ueshiba, Morihei Ueshiba. Consta isso que o Ueshiba deu umas... umas aulas, um curso instantâneo pra ele [riso]. E aí foi isso! Agora eu acho que ele e o Kawai começaram mais ou menos na mesma época, um em São Paulo e o outro aqui [no Rio de Janeiro]. Tenho a impressão que foi mais ou menos no mesmo período. [...] E lá ele estava sem muita perspectiva... Então ele, foi mais ou menos como o Professor Shikanai também. Não tinha assim um... Não tinha uma ocupação assim, sólida. Ele estava solto na vida, e lá as perspectivas eram muito mais complicadas, inclusive na área de arte marcial. Então aqui era uma [oportunidade], né? Tinha uma oportunidade estava toda linha aberta, a maioria... O Nakatani veio para cá e se tornou pioneiro, junto com o Kawai. Não havia... no Rio de Janeiro... Acho que com o Kawai foi a mesma coisa. O Rio de Janeiro só tinha o Nakatani mesmo naquela época! Ninguém sabia o que era o aikido.

As reminiscências do Professor Bento permitem divisar como dúvidas e certezas podem coexistir em uma mesma narrativa oral. A expressão inicial de sua incerteza denota num nível performativo, um cuidado com as informações que estão sendo transmitidas, como se o entrevistado só falasse ou só pudesse falar a respeito daquilo que realmente sabe. A hesitação, além de ser um traço característico do princípio de cada relato do Professor Bento, pode ser interpretada como um expediente discursivo

que visa conferir à própria narrativa um caráter de factualidade, de certeza. Entretanto, conforme afirma Lowenthal (1998, p.87 – 88),

[...] não há confiança que ateste a veracidade de nenhuma lembrança específica. Lembrar-se de algo é, na melhor das hipóteses, considerá-lo provável; embora suas consequências presentes ou futuras possam confirmar algumas lembranças, elas somente podem ser confirmadas quando comparadas com outras recordações do passado, nunca com o passado em si.

Corroborando com essa perspectiva de Lowenthal, Portelli (1996) explica que o que se deve colocar em questão na análise das fontes orais não é a certeza dos fatos, pois não há segurança sobre as memórias de quem quer que seja. Entretanto, de acordo com o autor italiano, o que é indiscutível nas narrativas orais é a “certeza dos relatos”, ou seja, aquilo “[...] que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro.” (PORTELLI, 1996, p.4)

As afirmações do Professor Bento terminam quase sempre com interrogações como condições de confirmação. Todavia, essa característica está associada ao início de sua entrevista onde uma relação de confiança mínima, entre entrevistador e entrevistado precisa se estabelecer. O encontro de gravação com o Professor Bento Guimarães traz à tona a reflexão sobre quem está no controle da entrevista, pois o entrevistado percebe que suas palavras deixarão Teresópolis e serão “faladas” por outra pessoa, nesse caso o pesquisador. Portelli (2010) chama a atenção para essa característica da pesquisa com fontes orais, especialmente no que diz respeito às assimetrias de poder entre entrevistador e entrevistado, tanto no momento da entrevista, quanto posteriormente no processo de transcrição, na preparação dos textos, e em sua publicação.

Outra característica que pode ser verificada a partir da narrativa do Professor Bento, é a forma como o entrevistado aproxima, a partir de suas impressões, os motivos que trouxeram não apenas o senhor Teruo ao Brasil, mas também os Mestres Reishin Kawai e Ichitami Shikanai. “E lá ele estava sem muita perspectiva... Então ele, foi mais ou menos como o Professor Shikanai também. Não tinha assim um... Não tinha uma ocupação assim, sólida.” “Acho que com o Kawai foi a mesma coisa.” Em alguma medida, na consciência do entrevistado, os passados dos três pioneiros ganham contornos de motivações compartilhadas e têm um único e mesmo destino comum, o Brasil. Considerando que a memória é idiossincrática e cria significados pessoais para diferentes acontecimentos, é possível afirmar a partir da interpretação do professor

Bento Guimarães, que não só Brasil era uma possibilidade para os mestres precursores, mas também seu passado individual.

A entrevista continua e o entrevistado complementa seu relato a respeito do antigo mestre,

É ele não era um professor profissional, o Nakatani, entendeu? Ele estava dando aula de aikido quase que **forçado!** É quase **forçado** porque... É num determinado momento... Se não me engano foi, não sei nem se foi o Mehdi, o professor George Mehdi²⁸, um professor de judô muito famoso no Brasil. O Mehdi é que instigou ele, que insistiu com ele pra ele dar aula de aikido, ele não queria, porque ele achava que o aikido dele não era essas coisas e tal... E... Mas no Rio ele seria o primeiro né, não tinha ninguém dando aula; então era um mercado a ser aberto! E aí ele começou, mas ele nunca foi um **entusiasta** sabe? [riso] Por isso que ele sempre ficava assim, não usava *hakama*²⁹ essas coisas assim, ele era... É que a cabeça dele era de judô eu acho sabe? No fundo a cabeça dele era de judô! Mas o aikido dele era **forte!** Ele era aquele japonês da velha geração... Eu quando comecei a fazer aikido um pouquinho antes, ocorreu um episódio que saiu até no jornal, ele foi assaltado no Rio, dois caras assaltaram ele, e ele partiu pra cima dos caras! O Nakatani era um cara corajoso!

Relacionando os elementos internos do trecho acima, é possível verificar que o Professor Bento iniciou seus treinamentos algum tempo depois que o senhor Nakatani havia começado a ministrar aulas de aikido na capital carioca. Como pois, o narrador poderia saber se o Sensei Teruo estava dando aulas de aikido “quase que **forçado**”? Nesse sentido, é cabível recordar conforme afirma Portelli (1996) que o ato de relatar memórias é indissociável de sua interpretação. Dessa maneira, o entrevistado partindo de impressões pessoais, e provavelmente de relatos de terceiros, quem sabe até mesmo do antigo Mestre, estabelece hipóteses particulares sobre o início do aikido no Rio de Janeiro. Suas metáforas para definir esse período são retiradas do mundo do trabalho, assim, mesmo não sendo um “Professor profissional” o Sensei Nakatani tinha “um mercado a ser aberto” já que não havia outros professores de aikido no mesmo período na capital carioca. O conhecimento de algumas informações referentes à biografia do Professor Bento permite compreender como

Mudanças que tenham subsequentemente tomado lugar na consciência subjetiva pessoal do narrador, ou em sua situação sócio-econômica, podem afetar, se não o relato de eventos anteriores, pelo menos a avaliação e o ‘colorido’ da história. (PORTELLI, 1997a, p.34).

²⁸ De nacionalidade francesa e radicado no Brasil o professor George Mehdi é um dos judocas mais conhecidos do Rio de Janeiro. www.mehdijudo.com.br

²⁹ Traje formal longo, similar a uma saia, utilizado pelos praticantes de aikido. O uso do *hakama* está reservado aos praticantes que chegaram à faixa preta também chamados no aikido de *yudansha(s)*.

As metáforas utilizadas pelo entrevistado são, sobretudo, uma consequência direta de suas experiências de vida posteriores ao início de seus treinamentos de aikido. Além de duas viagens ao Japão, o Professor Bento também experimentou um novo aikido, mais moderno, com o Mestre Ichitami Shikanai que veio ao Brasil com o propósito de dar prosseguimento nas turmas iniciadas pelo Sensei Nakatani, já que o mesmo não poderia continuar orientando seus alunos em função de seus compromissos e viagens profissionais. O processo de recuperação das memórias do Professor Bento, foi sobremaneira afetado principalmente pela diferença de nível técnico constatada na mudança de mestre.

E. – Como é que foi esse processo de transição para o senhor já que o senhor tinha começado o seu treinamento com o Sensei Nakatani, quase chegou a obter a faixa preta com ele, e depois houve essa transição pra começar a treinar com o Shikanai Sensei?

B.G.- O Shikanai quando chegou no Brasil, ele veio com o [Mestre Yassuo] Kobayashi³⁰, entendeu? O Kobayashi era o que... era... 6º *dan* na época eu acho... 7º *dan*, alguma coisa assim... E... Logo que eles chegaram no primeiro ou segundo dia, teve um exame, e eu fiz um exame, com o Kobayashi. Aí o Kobayashi ficou uns 15 dias aqui no Brasil, foi a São Paulo e depois foi embora e **largou** o Shikanai aqui em Copacabana, num apartamentozinho lá na Figueiredo Magalhães. [riso] O Shikanai obviamente não falava nada de português né? Mas o aikido do Shikanai era bastante diferente do aikido do Nakatani, era um **salto geracional** entendeu? Era outra coisa! [riso] Já era um pulo assim, tecnológico! E o Shikanai é uma história totalmente diferente, o Shikanai já era, vamos dizer assim, praticamente profissional! Ele como *uchi-deshi*... O trabalho dele praticamente era esse, assistente do Professor Kobayashi... E nessa época, o Shikanai tinha, nós temos a mesma idade eu e o Shikanai com a diferença de meses, acho que um ano, eu sou um ano mais velho que ele. Então ele tinha 27 anos quando ele veio né? Não 27 não, nessa época ele não tinha 27, nessa época ele tinha trinta e alguma coisa... E... Então ele estava assim numa forma... Estava no auge! Então não foi, não foi complicado não!

O contraste entre os dois Senseis e o impacto causado pelas novas tecnologias e recursos trazidos pelo Professor Shikanai, afetaram em grande medida suas percepções sobre o antigo Mestre, o senhor Teruo Nakatani. Paralelamente, o fragmento acima também permite entrever um nível de maior afinidade entre o Professor Bento e o Sensei Shikanai, pois ambos tinham praticamente a mesma idade quando se conheceram. Além disso, o narrador informou em outro momento da sua entrevista que quase não conversava com o Sensei Nakatani “Primeiro porque era difícil entender o que ele

³⁰ O Sensei Yassuo Kobayashi foi o Professor de aikido do Mestre Ichitami Shikanai. Verificar quadro n.1 na página de número 30.

falava. E ele já não era um cara de falar, ele sentava do teu lado e se você ficasse duas horas do lado dele, ele ia ficar duas horas calado, não falava nada!”³¹

Dando continuidade aos relatos sobre o início da “arte da paz” no Rio de Janeiro, faz-se necessário apresentar outro entrevistado que teve contato direto com o Sensei Nakatani e que também foi ex-colega de tatame do Professor Bento Guimarães, trata-se do Professor Adélio Mendes de Andrade. Português, nascido na aldeia de Alvarenga, região que pertence ao Conselho de Arouca e ao Distrito de Aveiro, próximos à cidade do Porto, o senhor Adélio chegou ao Brasil em 1960, com apenas 17 anos e passou a morar com os tios na capital carioca. Sua entrevista foi realizada na Associação Atlética do Banco do Brasil – às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas – onde o entrevistado ainda ministra suas aulas e se reúne diariamente com amigos para jogar sua “sinuquinha”. Com um ar matreiro o Professor Adélio fala quase que ininterruptamente por três horas. Sua relação com o senhor Teruo foi definitiva para o seu destino pessoal, pois após o afastamento do Mestre dos tatames, o Professor Adélio ficou responsável por manter a academia até um novo professor japonês aparecer para dar continuidade nas turmas iniciadas pelo Sensei Nakatani.

E. - Eu queria que o senhor falasse só um pouco mais a respeito do Professor Nakatani, algumas características dele, o que o senhor sabe a respeito do Professor Nakatani, de onde ele veio, com quantos anos ele chegou ao Brasil...

A.A. – A idade não... A idade eu não sei. Características... um japonês sensacional que **nunca, nunca, nunca** ouvi alguém falar algo que não fosse bom sobre ele! Caráter incrível, um japonês muito forte, para os padrões da época grandão... O cara era um atleta, porque antes de praticar aikido ele era alpinista, então ele falava: “Adélio várias vezes a minha vida dependeu da força dos meus dedos...” Então ele tinha uma força muito grande... Em nível de aikido para a época, para a época, para quem o conheceu e tudo mais, uma coisa diferente... Ele era muito forte, então a técnica do aikido – aliás em artes marciais como em tudo, força é igual a dinheiro né – não é tudo mas ajuda pra caramba! Então o Nakatani era muito forte, era um atleta muito forte. Não tinha a técnica do Shikanai, **purificada** que nem a do Shikanai, mesmo porque ele foi preparado para vir ao Brasil, e foi feito um faixa preta rápido. Quando souberam no Hombu Dojo que ele vinha ao Brasil como imigrante, para ficar [aqui] no caso, é que alguém teve a ideia de prepará-lo para ser Professor. Então, o [Hiroshi] Tada³² que foi quem levou o aikido para Itália, Mestre Tada...[...] Então o Nakatani foi ao Hombu Dojo, [e] teve o Tada como Mestre. Eu acredito até porque quem mais se assemelhava com o Nakatani era o Tada, porque eles até fisicamente eram muito parecidos... O Tada também tinha o aikido muito forte, forte que a gente diz é que o Tada também já vinha de outra arte marcial, não sei se era karatê ou se era outro negócio... e também era um cara muito forte. Então o que eu quero dizer é o

³¹ [00:23:36]

³² Hiroshi Tada (1929 –) é um Mestre ligado à Fundação Aikikai do Japão e que é apontado como o introdutor do aikido na Itália. Ver quadro n.3 nos apêndices.

seguinte, aguentar um golpe do Nakatani pouca gente aguentava, haja visto que ele deu aula aqui na academia do Mestre Mehdi do judô, que você já ouviu falar, um francês que tem aqui no Brasil, [ele dava aula] aqui pertinho, deve ser Visconde do Pirajá... Está velhinho também, não sei a idade dele, mas acho que é um pouco mais velho que eu... e o Mehdi adorava ele, adorou o aikido, por isso que permitiu que ele lecionasse lá. Então de uma técnica assim... Agora, técnica apurada como a técnica do Shikanai isso não! [...]

A capacidade de mesclar elementos tão distintos numa mesma narrativa é a característica central das memórias do Professor Adélio Andrade. Essa característica é observável não apenas em suas memórias, mas também em sua voz, que mistura de forma muito peculiar a pronúncia lusa com o sotaque tipicamente carioca. No caso da entrevista com o senhor Adélio, a palavra “interpretação” adquire um duplo sentido, isso porque além da ação interpretativa inerente a qualquer processo recordatório, o entrevistado também interpreta de forma quase que dramatúrgica seus relatos.

Compreendendo que a memória é tanto pessoal ou individual, quanto social ou coletiva, muitas vezes o indivíduo pode apresentar narrativas aparentemente ambíguas e até opostas, como exemplificado em muitos momentos da entrevista realizada com o senhor Adélio. Nessa perspectiva, Halbwachs (2006, p.71) esclarece que:

Por um lado, suas lembranças teriam lugar no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal – as mesmas que lhes são comuns com outras só seriam vistas por ele apenas no aspecto que o interessa enquanto se distingue dos outros. Por outro lado, em certos momentos, ele seria capaz de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo.

Assim sendo, diferentemente do Professor Bento Guimarães que passou a treinar com o Sensei Shikanai assim que esse mestre chegou ao Brasil, o Professor Adélio resolveu seguir seu próprio caminho na arte do aikido. Entretanto, mesmo seguindo um rumo de treinamento distinto do ex-colega de tatame, há nas reminiscências do senhor Adélio, alguns sentidos que se aproximam das memórias do Professor Bento a respeito do Sensei Nakatani e de seu estilo marcial. Assim, o antigo Mestre é descrito como um japonês muito forte e com uma técnica bastante contundente, sendo associado no discurso do Professor Adélio, aos atuais praticantes de MMA:

Agora eficiência, eficiência, por exemplo no MMA, um Nakatani bateria dois Shikanais! Entendeu como é? Ou seja, era mais o que eles consideram hoje um praticante de MMA. Devido à formação física dele, devido ao esporte dele, ser um esporte de força, que era o alpinismo na neve, enfim desenvolve muito, então era um atleta.

Ou seja, a diferença técnica entre os dois mestres japoneses também faz parte do discurso do professor Adélio, que reiterou que o senhor Teruo recebeu um rápido treinamento marcial para se graduar como faixa preta, para que pudesse começar a divulgar o aikido – ainda que com um parco conhecimento técnico – em solo brasileiro. As menções dos Professores Adélio e Bento Guimarães referentes ao célere treinamento recebido pelo Mestre Nakatani, evidenciam impressões semelhantes – porém não idênticas – entre os dois ex-alunos do Sensei Teruo. Logo, ainda que os Professores Bento e Adélio tenham treinado juntos e tenham participado do mesmo grupo, evitou-se qualquer tipo de generalização de suas lembranças em um nível coletivo. Esse cuidado foi tomado não apenas na análise das entrevistas dos senhores Bento e Adélio, mas também, em relação a todas as outras narrativas que foram registradas neste trabalho. Isso porque, entende-se conforme afirma Portelli (1997b, p.16) que

A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais.

Não se trata de negligenciar a existência de uma possível “memória coletiva” do grupo de que participavam os Professores Bento e Adélio – e aqui, é necessário enfatizar que não há apenas uma memória coletiva, mas uma multiplicidade de memórias coletivas, visto que um mesmo sujeito participa de diferentes grupos, temporalidades e espaços. A esse respeito, Barros (2011, p.327) explica que “A memória coletiva não é de fato única, e somente se pode falar esta expressão no singular como recurso discursivo para a identificação e delineamento de um campo, porque há na verdade inúmeras memórias coletivas.”

Longe de ser um espelho da realidade, a memória é um imenso campo de possibilidades que se abre a cada nova narrativa, a cada novo olhar sobre a história pessoal do entrevistado. É exatamente essa riqueza e vividez da memória que permitiram ao Professor Adélio afirmar de forma contrária ao seu ex-colega, que o Mestre “Nakatani foi ao Hombu Dojo, [e] teve o Tada como Mestre.” Ainda que nas palavras do Professor Bento o senhor Teruo tenha passado por um treinamento

intensivo com o próprio fundador do aikido, “Ele fez um curso rápido. Inclusive com o próprio Ueshiba, Morihei Ueshiba. Consta isso que o Ueshiba de umas... umas aulas, um curso instantâneo pra ele [riso].”

O relato do Professor Adélio prossegue e um ponto, motivo de antigos embates vem à tona em seu relato:

E foi ele que realmente trouxe o aikido... Se quiser falar um pouquinho pelo que eu sei do Kawai... Eu acho engraçado que isso já em 1974, isso pra 75, o Nakatani um dia chegou na academia aqui em Copacabana, aí falou: “Adélio, tem livros aikido não tem? Onde estão?” Aí eu fui pegar lá pra mostrar pra ele, aí ele sentou e tal... eu comecei até a fazer uma faxina no meu dojo e tudo mais, dali a pouco ele estava falando sozinho: “**Por quê? Por que não faz livro? Livro tem aikido, por que não faz igual?!?**” Aí eu cheguei perto dele e falei: “Sensei, o senhor está falando sozinho o que está havendo?” “**Kawai! Por que Kawai não olha livro fazer aikido? Kawai não fazer aikido!**” Entendeu? Ele estava revoltado com o Kawai! Então pelo que eu sei do Kawai é o seguinte, o Kawai aprendeu **algo parecido** com o aikido com alguém, pelo que eu soube foi na Bélgica ou num país assim da Europa... e como não tinha aikido, aí ele depois denominou a técnica dele de aikido e andou se aperfeiçoando da maneira que ele pode, que nem eu provavelmente, ou seja, também desenvolvendo o que ele queria que fosse aikido e tudo mais. **Mas aikido de verdade mesmo, quem implantou no Brasil foi Sensei Nakatani!** Porque praticantes, os alunos do Kawai costumam dizer que ele veio primeiro. Veio primeiro, mas não com o aikido! Ele não era formado em aikido, e tinha pouco conhecimento do aikido.

Diferente do discurso missionário do genro do senhor Kawai – o Professor Matias de Oliveira – a descrição do senhor Adélio traz para o contexto de sua entrevista outro ponto de vista a respeito dos primórdios do aikido em terras brasileiras. A expressão “E foi ele que realmente trouxe o aikido...” ao invés de ser apenas o princípio de uma sentença tem, em termos discursivos, a finalidade de encerrar qualquer ponta de dúvida sobre quem foi o introdutor do aikido no território brasileiro. Todavia, é cabível enfatizar a natureza contemporânea da memória, sendo assim, nas palavras do Professor Adélio, o Sensei Teruo não “foi”, mas “é” o precursor do aikido. O critério do entrevistado não é a ordem de chegada ao Brasil, mas o domínio de um aikido considerado verdadeiro, portanto, legítimo. Assim, mesmo tendo feito um curso rápido de aikido no Japão, o fato do senhor Teruo Nakatani ter treinado diretamente no Hombu Dojo, confere a ele – na interpretação do Professor Adélio – o título de verdadeiro introdutor da “arte da paz” em terras brasileiras. Desvela-se nesse ponto uma característica não apenas da narrativa do Professor Adélio, mas de toda e qualquer fonte oral, a parcialidade. Isso porque, curiosamente, aquele “**algo**” que Kawai Sensei treinou na Bélgica e que depois denominou de aikido era nada mais, nada menos que o estilo

marcial a partir do qual Morihei Ueshiba criou o seu aikido³³. Não se trata de destituir o valor das recordações do Professor Adélio, ao contrário, é isso que faz segundo Portelli (1997a, p.32) que as fontes orais gozem de uma credibilidade “diferente”, pois

A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há “falsas” fontes orais. [...] a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis.

Outras considerações poderiam ser tecidas acerca das descrições do professor Adélio, entretanto, faz-se necessário apresentar o último mestre imigrante, o Sensei Ichitami Shikanai.

Nascido em 30 de julho de 1947, na província de Aomori, ao norte da ilha de Honshu, o Professor Shikanai, como também gosta de ser chamado, chegou ao Brasil em 1975.

Agendar um encontro com o senhor Ichitami foi um grande desafio, pois pelo menos cinco pessoas intermediaram a negociação de uma possível entrevista até o aceite do referido Mestre. A sugestão para que uma entrevista também fosse realizada com o Sensei Shikanai foi feita pelo Professor Bento Guimarães, que indicou firmemente que o pesquisador tomasse cuidado ao procurar o senhor Shikanai:

B.G. – Eu se fosse você não usava essa palavra científico com ele não, porque você vai bater de frente com ele! Ele não tem nada de... Ele não gosta desse negócio de científico não! Ele é muito espiritual.

Posteriormente, o Professor carioca Alberto Ferreira que também foi entrevistado por ocasião desta pesquisa, mas que não teve suas memórias aqui registradas pelos motivos já apontados no primeiro capítulo, deu novas dicas e indicou os nomes dos dois principais assistentes do Mestre Shikanai, os Professores mineiros Gliber Angelo Lavalle Filho e Euler Vilaça Lima. Assim como o Professor Bento Guimarães, o Professor Alberto também admoestou severamente o pesquisador para que não tentasse fazer contato diretamente com o Sensei Ichitami, pois certamente ele se

³³ Esse estilo marcial é conhecido como daito-ryu aikijujutsu ou simplesmente aikijujutsu e foi ministrado a Morihei Ueshiba pelo Mestre japonês Sokaku Takeda. Há inúmeras semelhanças técnicas entre o aikido de Ueshiba e o aikijujutsu do Mestre Takeda. Assim, mesmo tendo treinado diferentes práticas marciais, o próprio fundador e seus descendentes reconhecem que o daito-ryu do Sensei Takeda foi sua principal influência marcial para a criação do aikido (UESHIBA, 2011).

recusaria de imediato a participar de qualquer tipo de entrevista que pudesse dar publicidade à sua vida, mesmo sendo para uma pesquisa com viés acadêmico. Assim, foi feito um primeiro contato com o Professor Gliber que explicou ao pesquisador que a única pessoa que poderia convencer o Mestre Ichitami a conceder uma entrevista seria o seu Professor norte-americano de *Jodo*³⁴, o Sensei Phil Relnick. Quando os contatos com o senhor Gliber começaram a ser feitos a fim de explicar a proposta da presente pesquisa, o Mestre Shikanai estava em Seattle, na casa do Sensei Phil e foi ele quem persuadiu o senhor Ichitami a participar deste estudo.

Todos esses percalços até o acesso efetivo ao entrevistado poderiam parecer preciosismo, entretanto, posteriormente foi possível perceber que o Sensei Shikanai demonstrou ter aversão a qualquer tipo de publicidade sobre sua intimidade, sobre o seu aikido.

As maiores dificuldades, no entanto, foram relativas ao momento da entrevista e à transcrição da gravação realizada com o Mestre Shikanai. Com um português complicado, o processo de passagem da narrativa oral do Sensei Ichitami ao formato escrito, exigiu um registro gráfico distinto, a fim de preservar minimamente a qualidade sonora e o seu sotaque nipônico.

A gravação da entrevista do Professor Ichitami foi realizada em seu pequeno *dojo*, no bairro Savassi, em Belo Horizonte – MG. A ausência de mesas ou cadeiras, ou recepção, ou qualquer outro elemento típico das modernas academias de artes marciais, denota tanto a simplicidade do entrevistado, quanto sua compreensão do que efetivamente é um *dojo* que tem como tradução para o português, o “lugar onde se treina o caminho”. Após uma longa explicação sobre as características da pesquisa que estava sendo empreendida, o gravador é ligado e inicia-se não apenas uma entrevista, mas uma experiência interativa, onde distâncias culturais, étnicas e etárias se sobrepõem e se fundem, gerando um diálogo cheio de ricas lições de vida e histórias com profundos significados filosóficos e morais.

As muitas mudanças territoriais experimentadas pelo senhor Ichitami deixaram impressas profundas marcas em sua consciência. Antes de vir ao Brasil, o Professor

³⁴ Prática marcial também de origem japonesa, realizada com bastão de aproximadamente 120 centímetros de comprimento. Acredita-se que essa arte “[...] foi desenvolvida pelo grande espadachim Muso Gonosuke, há aproximadamente quatro séculos atrás, após uma derrota em combate pelo famoso Myamoto Musashi, que utilizava espadas de madeira (bokken, bokutô) para seus combates.” (BUGUEI, 2014).

Shikanai saiu primeiramente da região de Hakkoda, no subúrbio da cidade de Aomori, e viajou a Tóquio para iniciar seus estudos na faculdade de Economia³⁵.

E. – O senhor foi sozinho para Tóquio, ou sua família foi junto?

I.S. – Não, não, não, eu sozinho. Morei sozinho. Nove anos morei em Tóquio total né? Depois formei faculdade, dois anos e pouco trabalhei, aí entrei na academia da Kobayashi e dois anos e dez meses eu fiquei, aí depois me mudei para cá. Porque eu queria trabalhar minha terra, terra de meus pais, eu gostava pai, eu queria ficar perto do meu pai. Eu tinha esse desejo, só que Nakatani voltou Japão, procurou academia central: “Rio de Janeiro já tem academia, tem aluno, só que eu não posso dar mais, será que alguém interessado? Fica no lugar, meu lugar?” Assim que procurou jovens, instrutores jovens na academia central, mas pessoal da academia ninguém interessado. Aí segunda vez quando Nakatani procurou na academia central, meu Professor estava lá, eles são conhecidos né. Nakatani antes de emigrar para o Brasil, ele já conhecia. “Ah, Kobayashi san, você aluno jovem academia interessado? Já tem academia, já tem aluno!” Aí Kobayashi quando voltou à academia, eu e Igarashi meu colega, aí consultou: “Um de vocês eu quero que vá a Brasil, pra ficar no lugar do Nakatani!” Aí eu vem! [risos] Não é meu interesse não, meu desejo era ficar, trabalhar, encontrar emprego e ficar perto do meu pai. Cuidar meu pai que morreu, esse era meu desejo, aí desistiu.

E. – Mas se o senhor pudesse o senhor teria voltado a Aomori?

I.S.- É!

E. – E por que é que foi o senhor que veio, e não foi o seu amigo, o Igarashi Sensei?

I.S. – Igarashi pai dele estava machucado. Então eu pensei que ele assim [tinha] família, “Ah, então se for longe lugar para ele não dá...” Eu sou terceiro filho né! Eu sou da roça! Terceiro filho era eu: “**Vai, vai, vai onde quiser!**” [riso] Nesse sentido... Então eu: “Ah, Igarashi não dá...” Igarashi era superior na faculdade né!

A ligação com a terra – não apenas a terra natal – e o desejo de ficar perto do pai, distanciam as memórias do Mestre Shikanai do estereótipo do japonês desprovido de qualquer traço de afetividade. O retorno do Sensei Nakatani ao Japão acabou se tornando uma missão compulsória por parte do senhor Shikanai, face ao sentimento de dever para com o Mestre Yassuo Kobayashi. A maneira como o entrevistado se refere a esse episódio é curiosa, pois mesmo em tom de “consulta” o Sensei Kobayashi determina de forma categórica que um dos assistentes teria que viajar ao Brasil. As relações entre mestre e discípulo nas artes marciais, assim como na própria cultura japonesa, são intrincadas e complexas. Em alguma medida, o entrevistado tenta

³⁵ Universidade Meiji do Japão.

transmitir essas diferenças ao pesquisador, tentando indicar – ainda que de forma sutil – os motivos que o compeliram a vir ao Brasil:

Mas quando eu entrei na academia central, eu sou mais antigo, então eu sou superior [a] ele na academia, quando nos encontramos [ele me fala]: “**Oh, Professor! Oh, senpai!**” *Senpai-kohai* lembra essa palavra! Não tem nada a ver com parte técnica. Esse cultura engraçado né? Aluno antigo tem prioridade... [riso] Esse cultura japonesa. Aqui não tem isso né? Aqui não tem isso não... Ninguém entende isso aqui... [riso]

A expressão japonesa *senpai-kohai* designa uma relação entre um aluno mais antigo, ou um veterano (*senpai*), e um praticante mais moderno (*kohai*). Como as relações nas artes marciais japonesas são bastante verticais, há um forte senso de hierarquia não apenas entre os seguidores e seu mestre, mas também em relação aos próprios praticantes que devem reverenciar os alunos mais antigos, portanto mais graduados. No caso da cultura japonesa esse respeito não está associado apenas ao nível de graduação dos veteranos, mas também à idade, ou seja, pessoas mais velhas são merecedoras de respeito por terem mais experiência de vida, e por consequência mais sabedoria. No Japão essa linha hierárquica invisível é denominada de *tate-shakai*.

Dessa forma, ainda que atenuado por risos, o comentário do Mestre Shikanai deixa entrever uma nuance que vai além da mera distância cultural entre japoneses e brasileiros, trata-se do reconhecimento – por parte do narrador – da impossibilidade de compreensão, por parte do entrevistador, dos motivos que o constrangeram a emigrar para o Brasil. Nesse sentido, as memórias do Sensei Shikanai passam por um duplo filtro de interpretação, temporal e cultural. Assim, de forma paralela ao ato narrativo, o entrevistado acrescenta suas impressões sobre a cultura e os valores do povo japonês.

Mesmo sendo um issei³⁶, houve aqui o cuidado de relativizar as impressões do senhor Shikanai a respeito da vida e dos costumes de seu povo. Isso porque o entrevistado fala sob o prisma de suas interpretações, as quais são sempre idiossincráticas e, portanto, parciais. De acordo com Oda (2011, p.104) a representação monolítica e reificada da sociedade japonesa não é exclusividade dos brasileiros, até mesmo os imigrantes e seus descendentes tendem a tratar a cultura nipônica “[...] como uma totalidade homogênea, imutável e exótica, sem atentar para os sérios conflitos políticos que este tipo de perspectiva oculta.”

³⁶ Japonês que emigrou para a América.

Após explicar ao pesquisador as motivações de seu processo migratório, o Mestre Shikanai passa a descrever as primeiras dificuldades que experimentou ao chegar ao Brasil:

I.S. – Eu, não é negócio... não é negócio comércio, não, nada disso. Já tinha academia, então só dar, continuar no lugar do Nakatani, dar aula de aikido, na Associação Carioca de Aikido. Naquela época quem estava tomando conta era Professor Adélio que você vai entrevistar né? É bom, ele conhece muito bem. Mas ele característica muito forte, minha opinião. Muito forte. Por isso que pessoalmente, eu tive que sair. Eu saí, de lá. E que quando abriu Niterói eu fiquei com Niterói. Continuando a amizade, mantendo a amizade com ele. E depois mais tarde, a Associação Carioca, eu fiquei com Niterói só. Mas Adélio é trabalhador, ele não é homem ruim não. Até agora eu tenho amizade, igual com Bento. Só que dentro de grupo tem assim, cada um... [...] Aqui Confederação tem muito, quando eu cheguei aqui, Professor Kawai aproveitou esse daí. Então quando eu cheguei aqui no Brasil, eu recebi tanta rivalidade ele correu, [e] organizou. Para mim é outra cabeça, eu aproximou ele, por causa de ele superior. Então eu respeito ele. Eu respeito ele. Para ele me dominar teve que correr, é que cabeça diferente de mim. Todo mundo reconhece: **“Não, ele é mais antigo! Ele que começou o aikido antes de Nakatani, começou!”** Agora reconhecimento de academia central talvez Nakatani é mais antigo, mas quando eu cheguei aqui no Brasil ele já tinha reconhecido da academia central, então eu tenho que respeitar. Não tem problema nenhum comigo, [só que o] aikido não interessa dele! Aikido dele para mim não me interessa. Não é por causa de arte. Mas respeito tem, esse é cultura japonesa! Eu tem. Agora ele domina como pode. Cara tem arte dele. Personalidade dele! Eu não faço isso, eu não tem. Se meus alunos quer fazer organização, associação, se precisa de um nome pode usar, mas eu não entro. Só entro se precisar só parte técnica, só parte técnica interessa. Se isso ajuda pra crescer, tá bom, aproveita. Mas eu não interessa como esse maneira para aumentar, não, não, não interessa. Então minha maneira só. Esse [é] meu jeito. Por isso que meu grupo não cresce, cresce bem menos do que outro. Daí dá aula, “Não, dá aula! Abre academia e você pode dar aula!” Mas não quer dar aula.

O trecho acima revela uma característica fundamental das fontes orais, que posicionam o sujeito na história e privilegiam a pessoalidade das experiências vividas, no lugar de acontecimentos de grande amplitude social. Nessa perspectiva, as memórias do Sensei Shikanai operam em escala reduzida, individual, e refletem tensões antigas relacionadas às disputas de poder que estavam apenas começando no cenário nacional do aikido. Duas reflexões são oportunas a partir desse desvio circunstancial operado pelo narrador. A primeira diz respeito aos significados individuais que no entendimento de Portelli (2010a) são sempre escolhas, uma vez que mesmo que diferentes sujeitos participem de um mesmo evento coletivo, cada pessoa chega com uma multiplicidade vivida de histórias pessoais. E a segunda diz respeito à singularidade intrínseca de cada entrevista, que Alberti (2003, p.1) explica ter uma vivacidade especial, pois

É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. Ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. Que interessante reconhecer que, em meio a conjunturas, em meio a estruturas, há pessoas que se movimentam, que opinam, que reagem, que vivem!

A personalidade forte do Professor Adélio Andrade e a rivalidade gratuita do senhor Kawai tomam forma e relevo na consciência do Sensei Shikanai. Suas dificuldades de adaptação não se referem ao idioma, ao clima, ou aos costumes brasileiros, mas ligam-se em suas lembranças aos conflitos e tensões por ter ingressado no “campo” do aikido brasileiro. A expressão campo está sendo aqui utilizada nos termos de Bourdieu (1983, p.121-122), que explica que

[...] todas as pessoas que estão cometidas num campo têm em comum um certo número de interesses fundamentais, a saber tudo o que está ligado à própria existência do campo: daí uma cumplicidade objectiva que está subjacente a todos os antagonismos. Esquece-se que a luta pressupõe um acordo entre os antagonistas sobre aquilo que merece que se lute e que está recalcado no que é óbvio, deixado no estado de doxa, quer dizer tudo o que faz o próprio campo, o jogo, as paradas em jogo, todos os pressupostos que tacitamente se aceitam, sem se saber sequer, pelo facto de se jogar, de se entrar no jogo. Os que participam da luta contribuem para a reprodução do jogo contribuindo, mais ou menos completamente segundo os campos, para produzir a crença no valor das paradas em jogo. Os novos que entram têm de pagar um direito de entrada que consiste no reconhecimento do valor do jogo (a selecção e a cooptação prestam sempre muita atenção aos índices da adesão ao jogo, do investimento) e no conhecimento (prático) dos princípios de funcionamento do jogo.

Assim, mesmo que discursivamente o Professor Shikanai procure afastar seu aikido de qualquer interesse institucional ou econômico, afirmando que a ele só interessa a parte técnica, sua chegada em território brasileiro, compulsoriamente o inscreveu no interior de um jogo atravessado por relações de poder, tensões e interesses próprios. Ou seja, uma forma diferente de “arte da paz”.

Finalizando, o que se procurou explicitar a partir das narrativas coligidas no presente capítulo, foi a riqueza e a variedade das memórias (pessoais e sociais) relativas à chegada e ao início da prática do aikido em terras brasileiras. Missão, destino e acaso, são possibilidades que nas memórias dos professores entrevistados trouxeram os Mestres Reishin Kawai, Teruo Nakatani e Ichitami Shikanai ao Brasil. Um sem número de análises, de novas relações e de enquadramentos poderiam ser realizados a partir dos

mesmos fragmentos, dos mesmos textos – e as reminiscências aqui registradas, têm o estatuto de textos. Isso porque, todo texto, fruto de uma entrevista em história oral, tem de acordo com Portelli (1997a), caráter dialógico, pois é produzido por múltiplas vozes e permite múltiplas interpretações: as muitas interpretações do entrevistado, do pesquisador-entrevistador, e as interpretações dos leitores.

4 “QUE TIPO DE AIKIDO VOCÊ GOSTA?”












Lá onde a identidade individual se apaga,
não há nem punição nem recompensa.

Ernst Jünger (1895 – 1998)

A interrogação que dá nome ao presente capítulo foi retirada da entrevista realizada com o Mestre Ichitami Shikanai. Aproveitando essa reflexão surgida no contexto da entrevista com o Mestre imigrante, optou-se por estabelecer como objetivo deste capítulo a análise de como os diferentes entendimentos a respeito do aikido refletem as diferenças identitárias individuais e coletivas por parte dos entrevistados. As memórias registradas nesta seção são problematizadas, sobretudo, como esquemas de percepção que conformam identidades individuais. Entretanto, não se perde de vista a relação entre o particular e o coletivo, ou seja, os relatos dos entrevistados também descortinam possibilidades de pensar a identidade individual em sua relação com o social. A intervenção do pesquisador como coprodutor das identidades de cada um dos professores entrevistados, também ganha destaque ao final deste capítulo.

Há diversos tipos de aikido (vide quadro n.3), e esses diferentes estilos não guardam relação apenas com as interpretações dos professores que participaram da presente pesquisa. O mestre e fundador da “arte da paz” – Morihei Ueshiba – teve diversos alunos antes, durante e depois da Segunda Grande Guerra, muitos deles, no entanto, após a institucionalização do aikido empreendida por Kisshomaru Ueshiba – filho de Morihei – decidiram trilhar caminhos individuais e criaram seus próprios estilos. É o caso do Tomiki Aikido (criado por Kenji Tomiki), do Yoshinkan Aikido (criado por Gozo Shioda), do Yoseikan Aikido (criado por Minoru Mochizuki), do Shin Shin Toitsu Aikido (criado por Koichi Tohei), do Korindo Aikido (criado por Minoru Hirai), e do Ki No Michi Aikido (criado por Masamichi Noro).

FIGURA 2 – O FUNDADOR DO AIKIDO, SEU FILHO KISSHOMARU E SEU NETO, MORITERU UESHIBA, O ATUAL *DOSHU* (REPRESENTANTE MÁXIMO DO AIKIDO NO MUNDO) E OS DIFERENTES ALUNOS DE MORIHEI UESHIBA QUE CRIARAM ESTILOS PRÓPRIOS DE AIKIDO.

			
1920s	1930s		1950s
 <p>Yoichiro Inoue (1902 – 1994) Criador do estilo Shin'ei Taïdo Aikido</p>	 <p>Gozo Shioda (1915 – 1994) Criador do estilo Yoshinkan Aikido</p>	 <p><i>Doshu</i> Kisshomaru Ueshiba (filho de Morihei Ueshiba e principal responsável pela institucionalização aikido) (1921 – 1999)</p>	 <p>Masamichi Noro (1935 – 2012) Criador do estilo Ki no Michi Aikido</p>
 <p>Kenji Tomiki (1900 – 1979) Criador do estilo Tomiki Aikido</p>	 <p>Koichi Tohei (1920 – 2011) Criador do estilo Shin Shin Toitsu Aikido</p>	 <p><i>Doshu</i> Moriteru Ueshiba (neto de Morihei Ueshiba e atual responsável pela Fundação Aikikai do Japão)</p>	
 <p>Minoru Mochizuki (1907 –) Criador do estilo Yoseikan Aikido</p>	 <p>Minoru Hirai (1903 – 1908) Criador do estilo Korindo Aikido</p>	<p>1940s</p>  <p>Morihiro Saito (1928 –) Criador do estilo Iwama-ryu Aikido</p>	
LEGENDA			
ESTILO DE AIKIDO	DESCRIÇÃO		
Shin'ei Taïdo Aikido	Estilo criado pelo sobrinho do fundador, o Mestre Yoichiro Inoue. Não foram encontrados consistentes e confiáveis sobre as características desse estilo.		
Tomiki Aikido	O mestre Kenji Tomiki uniu sua experiência como atleta de judô e criou uma forma de aikido esportivo ou competitivo bastante criticada não só pelos tradicionalistas ligados à Fundação Aikikai, mas também em relação a aikidoístas de outros estilos.		
Yoseikan Aikido	O Mestre Minoru Mochizuki fundiu seus conhecimentos e experiências em		

	outras artes marciais como o judô, o karatê, iaido, etc. para criar uma arte ou um caminho marcial.
Yoshinkan Aikido	Também conhecido como estilo “duro” ou “ <i>hard</i> aikido”, suas técnicas estão mais associadas a movimentos realizados com contundência. Esse estilo guarda grande proximidade com o aikijujutsu também treinado pelo fundador do aikido.
Shin Shin Toitsu Aikido	Criado pelo genro de Morihei Ueshiba, esse estilo está fortemente associado à respiração. Os movimentos de seus praticantes são suaves e bastante fluidos.
Aikido Aikikai	O aikido Aikikai está relacionado à Fundação Aikikai do Japão, organização atualmente liderada pelo neto do fundador, o Doshu Moriteru Ueshiba. Trata-se de um estilo cada vez mais formalizado, em função de seu caráter cada vez mais institucional.
Iwama-ryu Aikido	O nome desse estilo foi retirado do nome da cidade onde Morihei Ueshiba passou sua velhice antes de falecer. Seu principal seguidor em Iwama era o Mestre Morihiro Saito que treinou e desenvolveu suas técnicas com o bastão ou <i>jo</i> .
Ki No Michi Aikido	O Ki no Michi é um amálgama de experiências do Sensei Masamichi Noro que reuniu conhecimentos de diferentes áreas e artes para fundar seu caminho marcial. Seu estilo talvez seja o mais suave e coreografado de todos.

Fonte: O autor (2014)

Todos os Professores que participaram deste estudo praticam o aikido chamado Aikikai, que é o estilo mantido dentro da linha de sucessão familiar de Morihei Ueshiba. Não obstante seu caráter institucional, o aikido Aikikai é tido como o estilo “tradicional”, pois segundo seus defensores é o “verdadeiro” aikido praticado por Morihei Ueshiba. Passado e presente, tradição e instituição são expressões que coexistem nos discursos dos narradores e evidenciam formas muito pessoais de interpretação sobre o aikido e por consequência definem diferentes processos de constituição identitária atreladas a essa prática marcial.

Aproveitando essas considerações sobre os diferentes estilos de aikido, a narrativa do Professor Matias de Oliveira é retomada e o entrevistado é instado a refletir sobre em que medida sua experiência como continuador do legado marcial do Mestre Reishin Kawai, se assemelha às dificuldades iniciais experimentadas pelo filho de Morihei Ueshiba, que transformou um caminho marcial artesanal em um empreendimento organizacional. Sua relação de parentesco com o senhor Kawai e as dificuldades enfrentadas com a finalidade de profissionalizar a administração da entidade criada pelo sogro são temas que atravessam sua narrativa e desvelam sua concepção de aikido e em outro nível sua identidade como aikidoísta.

Isso existe até hoje, e sempre vai existir. Porque antiguidade é antiguidade. Agora as pessoas confundem antiguidade com administração, uma coisa é diferente da outra. Respeito é respeito, por antiguidade e graduação. Agora administrativamente têm as funções. É isso que as pessoas não conseguem **separar!** Então eu respeito **todos** pela graduação. Agora quando a gente começa a falar sobre a entidade, sobre atribuições dentro da entidade, aí que existe o conflito! **As pessoas não conseguem separar isso!** As pessoas pensam que a antiguidade supera qualquer função administrativa, não é assim

que funciona! Se for assim a entidade **não vai conseguir sobreviver!** [...] Só que a administração da academia envolve algumas decisões que tem a ver com um evento, com exame de faixa... Então nessa hora às vezes acontecia muitas coisas assim que não condiz com uma boa administração o que estava acontecendo, e eu não poderia também fechar o olho. Então eu tive que criar algumas regras, para que essas regras fossem seguidas que não interferisse na administração o posicionamento dos Professores com relação à graduação, com relação... Então tem que ter regras, critérios, para que não existam facilidades para A ou B. Então eu comecei a criar alguns critérios aqui dentro da academia, e esses critérios começaram também a ser colocados em prática dentro do grupo, isso com relação a graduações, principalmente com relação a graduações. Mas isso aí, qualquer mudança que a gente faz numa entidade assim que hoje está com cinquenta anos, não é? O pessoal estava muito acostumado de certa forma, qualquer mudança que a gente faz, que a gente tenta fazer, algumas pessoas não vão ficar contentes.

Do recorte acima é possível extrair tanto significados pessoais atribuídos ao aikido, quanto traços característicos da personalidade do Professor Matias. Logo no início de sua entrevista, ao ser questionado sobre sua profissão, o senhor Matias respondeu categoricamente: “Hoje eu sou instrutor de aikido, essa é minha profissão!”³⁷ Sua experiência profissional anterior como analista contábil e posteriormente como representante comercial de empresas do ramo alimentício, dotaram o Professor Matias de Oliveira de um acurado senso administrativo. Os problemas de saúde e a idade avançada do senhor Kawai, acabaram compelindo seu genro e sua filha Lilba a darem prosseguimento na instituição que o Mestre Reishin havia criado. Entretanto, assim que assumiu a gestão da gestão da “academia central” – como também é chamada a sede da União Sul-americana de Aikido Kawai Shihan – um problema entre antiguidade e entidade se instalou. Desprovido do capital que acompanha as graduações mais avançadas no aikido – assim como em qualquer arte marcial – o Professor Matias enfrentou seu primeiro desafio administrativo na definição dos novos rumos que a União-sul Americana iria seguir. Aqui, cabe um breve parêntese sobre o sentido em que a expressão capital está sendo empregada. De acordo com Bourdieu (2007, p. 134),

O capital – que pode existir no estado objectivado, em forma de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e que pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo (num dado momento) e, mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre o conjunto dos instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e ganhos. As espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado (de facto, a cada campo ou subcampo corresponde uma espécie de capital particular, que

³⁷ [00:01:42]

ocorre, como poder e como coisa em jogo, neste campo). Por exemplo, o volume do capital cultural (o mesmo valeria, *mutatis mutandis*, para o capital económico) determina as probabilidades agregadas de ganho em todos os jogos em que o capital cultural é eficiente, contribuindo deste modo para determinar a posição no espaço social (na medida em que esta posição é determinada pelo sucesso no campo cultural).

Dessa forma, mesmo sendo genro do senhor Kawai, o volume e a estrutura de seu capital estavam aquém do necessário, ao menos inicialmente, para gozar de reconhecimento e autoridade em meio aos aikidoístas mais antigos e graduados. A concepção de aikido do Professor Matias é organizacional, administrativa, e está relacionada a um modelo racional baseado em critérios que passaram a ser adotados na a fim de viabilizar a continuidade da instituição criada pelo Mestre Kawai. Na sua percepção os alunos mais antigos estavam tirando proveito do sogro, o que pode ser constatado pelos números que acompanham o discurso do entrevistado:

A academia estava com 82 alunos, 67 não pagantes! Esse era o quadro da academia em 2002, então ou eu fazia alguma coisa, ou a academia fechava. Então não era uma coisa assim, eu preciso mudar por mudar, não! Eu tinha que fazer alguma coisa para manter a academia.

A narrativa do entrevistado articula elementos de sua história de vida com sua concepção fortemente institucional de aikido. Observando a relação estabelecida pelo Professor Matias entre sua biografia e sua compreensão acerca do aikido, é necessário destacar o papel fundante desempenhado pela memória no sentimento de identidade. A esse respeito, Michael Pollak (1992, p.204, grifo do autor) explica que

[...] *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Nessa perspectiva lidar com fontes orais é identificar como memórias e identidades refletem processos de apreensão da realidade em suas instâncias individual e coletiva. O relato do Professor Matias dá margem à reflexão sobre como a sua concepção pessoal – a respeito do que é o aikido – pode refletir ainda que parcialmente uma identidade em nível coletivo. Isso porque, ao utilizar expressões como “a entidade”, “o grupo”, “a gente”, “os graduados”, o genro do senhor Kawai confere à sua narrativa um efeito de sentido de coletividade, ou seja, de que a sua concepção de aikido é compartilhada pelos outros membros do grupo do qual faz parte. Não há aqui a intenção de destituir as memórias do senhor Matias de uma possibilidade de compartilhamento

com outros praticantes de aikido, sobretudo, ligados ao Mestre Reishin Kawai, entretanto, o que seu relato põe em questão é até que ponto existe algum compartilhamento entre os significados presentes nas memórias de um indivíduo – as quais fundam seu sentimento de identidade pessoal – e uma identidade em nível coletivo. A esse respeito, Candau (2012, p.24) explica que

[...] um grupo não recorda de acordo com uma modalidade culturalmente determinada e socialmente organizada, apenas uma proporção maior ou menor de membros desse grupo é capaz disso. [...] quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo.

Para viabilizar alguma anotação mais consistente a respeito dessa reflexão, faz-se necessário apresentar as memórias e identidades dos outros entrevistados que tiveram contato com o Mestre Reishin Kawai. Nessa via, a filha caçula do senhor Reishin registra em sua memória uma definição diferenciada de seu marido a respeito do que entende ser o aikido.

Meu pai sempre falou assim: “O que é ‘do’ do aikido? [O] “Do” do aikido é caminho né? Mas é aquele caminho de não balançar! Você não balança com nada... Se você quer ser um aikidoísta de verdade, a gente tem que ter as três palavrinhas o *ai*, o *ki*, e o *do*. *Ai* [é] aquele amor assim incondicional, amor com todo mundo... mas principalmente com as pessoas que a gente não gosta. O *ki* é energia! Mas a energia está em todo lugar, então tem que ser aquela energia boa! Se a gente tiver uma energia boa, sentimento bom, pensamento bom, ação boa, a gente vai ter um ki bom. Se a gente não tiver esses três, nosso ki é ruim. *Do* [é] caminho! Você tem um caminho, mas assim o que é caminho? “Ah, caminhar certo?” Não, caminho [é] aquele que você não balança. **Você não balança com nada!** Aconteceu um terremoto aqui, você não balança. Então é assim que a gente vê... Quando meu pai ri, na verdade ele não está rindo... **É só o exterior!** Entende? Existem várias situações... Um verdadeiro... Uma pessoa que quer realmente seguir o caminho do aikido ela não balança com nada! Meu pai fala assim: “*Bakudan nani ga attemo!*” *Bakudan* é bomba né? Mesmo que caia uma bomba na sua cabeça você não balança.

E. – *Baku*...?

L.K. – *Bakudan*, é! É uma bomba né, explodir você não balança. Porque assim, nós ocidentais a gente é muito assim, [por exemplo], olha vou te ligar [e dizer] aconteceu isso: “**Ai meu Deus do céééuuuuu!!!!**” Você já viu muito oriental fazer isso? Geralmente não faz. Aquilo lá está dentro, ele **está aos pedacinhos**, pode ficar aos pedacinhos, mas geralmente não mostra. O ideal é não estar nem por dentro... Aí é que está, como é difícil a gente evoluir! Porque pra gente alcançar que nem eu falo um nirvana, a gente tem que estar por fora e por dentro né! Não balançou nem por fora e nem por dentro. A maioria dos orientais não balança por fora, mas por dentro está aos pedaços. Mas se a gente conseguisse não balançar por fora e por dentro também não, aí a gente está caminhando... É diferente a maneira de pensar. A gente pensa como nós, ocidentais... Se a pessoa faz uma brincadeirinha de

mal gosto falando isso, a gente fica magoado. Por que o meu pai falava assim: “**Lilba segue caminho do ‘do’!**” Se a gente ficar [se] importando com o que os outros pensam da gente, vai, chega uma pessoa aí e fala assim: “Nossa Lilba esse seu aikido é bonito, maravilhoso...” Aí eu fico cheia de ego... **Já caí! Já caí!** Se vem outra pessoa e fala assim: “Ah, o aikido dela é ruim não sei o quê...” [Se eu] balançar com isso, **já caí também!** Se vem uma pessoa que está se destacando mais que a gente, e a gente fica balançado, **já caí também!** Não pode balançar... **Nada pode balançar a vida da gente! Nada!** Então, pode vir furacão, pode vir não sei o quê...

O rigor da educação nipônica à qual a Professora Lilba Kawai foi submetida, deixou profundas marcas em suas memórias que mesmo descritas num tom de voz delicado, guardam um alto grau de austeridade. A superexigência do pai – que no entendimento da entrevistada era uma forma de proteção – forjou no cadinho das experiências domésticas sua identidade e por consequência sua concepção de aikido. A repressão de qualquer traço de fragilidade e a dureza de caráter são nas palavras da Professora Lilba, expressões que definem tanto a personalidade de seu pai, quanto o jeito de ser japonês. A metáfora da bomba de Hiroshima descrita nas palavras da entrevistada, além de indicar o nível de dificuldade inerente a um caminho marcial como o aikido, evidencia um marco pessoal na biografia da entrevistada que faz aniversário exatamente “No dia da bomba atômica, 6 de agosto!”³⁸

A história pessoal da Professora Lilba e o desenvolvimento de sua personalidade revelam como suas experiências de vida, ou seja suas memórias, convergiram para formar tanto seu senso de identidade, como sua compreensão de aikido. À severa educação familiar – reflexo das experiências do pai que vivenciou a desolação da 2ª Guerra Mundial e enfrentou inúmeras dificuldades como imigrante – soma-se a sua experiência de treinamento num ambiente predominantemente masculino. Essa participação de um mesmo sujeito em diferentes espaços e temporalidades conflui segundo Delgado (2003), na estruturação de um sentido de identidade nos níveis pessoal e coletivo. A autora lança mão de um exemplo relacionado ao universo estudantil para indicar essa heterogeneidade de contextos de que um mesmo indivíduo pode fazer parte:

Dessa forma, na história de uma comunidade estudantil universitária de um determinado país, entrecruzam-se temporalidades diversas: a da vida universitária propriamente dita, a da cidade na qual a universidade está inserida, a do país na qual está integrada – e a do movimento estudantil em si mesmo, com suas heterogêneas vivências e a dos estudantes, sujeitos principais desse processo específico. (DELGADO, 2003, p.12).

³⁸ [00:37:51]

A narrativa da caçula do senhor Kawai, também põe em questão a forma como a noção de identidade, sobretudo individual, é geralmente mobilizada nas discussões teóricas sobre memória. Isso porque, a identidade individual é geralmente associada a ideias de unidade, de coerência, de solidez. Por exemplo, Pollak (1992) mesmo recorrendo à literatura da área de Psicologia Social e da Psicanálise, explica que a construção da identidade conta com três elementos essenciais:

Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. (POLLAK, 1992, p.204).

Sem desconsiderar a contribuição do autor, é necessário, no entanto, apontar as contradições, ambiguidades e variações que conferem às identidades individuais um caráter de dinamismo, de fluidez. No caso da Professora Lilba, isso é perceptível quando a entrevistada tenta destacar as diferenças de comportamento entre os orientais e os ocidentais. Longe do sentido de unidade e coerência o que se observa no seu relato é o trânsito entre os modos de vida oriental e ocidental, quase que como um reflexo do não lugar ocupado pela narradora tanto em seu país natal, como em relação ao Japão.

O tom de louvor emprestado às virtudes japonesas, sobretudo, à impassibilidade do oriental frente às adversidades, gera ainda que de forma sutil um efeito de sentido de pertencimento ao povo nipônico. Entretanto, enquanto fala a Professora Lilba faz questão de lembrar a si mesma e ao entrevistador que pensa como ocidental. Os trechos acima denotam que a narradora tenta localizar sua identidade que não está ligada com exclusividade nem ao universo japonês e nem ao mundo ocidental. A variação e as ambiguidades presentes no enunciado da Professora Lilba, contribuem para uma noção de identidade menos unificada e coerente, porém mais real. Contribuindo com essa perspectiva Candau (2012, p.27, grifo do autor) afirma que os

[...] destaques das “dimensões” e das “significações da identidade” são geradores de diferenças ou, mais exatamente, de “fronteiras sociais” escorregadias a partir das quais os atores estimam que as coisas e as pessoas – “nós” *versus* “os outros” – são diferentes. Essas variações situacionais da identidade impedem de reificá-la, de reduzi-la a uma essência ou substância.

Essa variação que confere maior vivacidade e diferentes matizes à identidade de um mesmo indivíduo também pode ser observada nos relatos de outros entrevistados, como no caso do ex-seguidor do Mestre Kawai, o Professor Ricardo Leite. No fragmento abaixo, o Professor Ricardo descreve como deu prosseguimento ao seu caminho marcial como aikidoísta, contudo antes, abre um parêntese para explicar o motivo do rompimento com o Sensei Kawai:

Mas tem uma coisa que eu queria contar pra você antes... Não sei te dizer a data, porque você está falando sobre a separação... [sobre a] vinculação, [e] desvinculação com o Kawai Sensei. Ainda faixa preta, relativamente novo, já discípulo dele – do Kawai Sensei – estagiando o dia inteiro lá, ainda fazia escola, mas já ficava o dia inteiro acupuntura, shiatsu e aikido à noite. E aí, o sensei já sabia, já via minha conduta. O Kawai Sensei tinha uma religião que ele seguia, e tinha uma mestra dessa religião que recebia [uma entidade], chamava *Fudoo Myoo Sama*³⁹ [era] o nome do Deus. Então essa mestra era uma médium que intermediava mensagens supostamente do *Fudoo Myoo Sama* segundo o conceito da religião [dele], então o Sensei vinha toda 4ª feira na época também... mudou um pouco o período mas... com as respostas do que era pra ser feito, do que não era pra ser feito, [com todas] as decisões. Foi uma das coisas que comprometeu a relação dele com a federação [FEPAI⁴⁰], porque veja bem, eu chego numa reunião de federação como presidente – ou não tanto faz, como mestre responsável de qualquer forma – e digo: “Bom, nós temos que decidir sobre esse assunto. **Eu consultei Deus ontem e ele mandou dizer que é isso aqui!** Só queria adiantar, agora vocês discutem o que quiserem a respeito. **Claro que os votos vão ser respeitados, mas Deus já decidiu isso! É opinião de Deus!**” [riso] *Fudoo Myoo Sama*... aí o pessoal vai dizer o quê? [riso] E tudo discípulo né? Tudo formado por ele... Então isso com o tempo acabou começando a pesar.

Na entrevista do Professor Ricardo, a palavra “remissão” assume uma dupla conotação, pois sua narrativa adquire contornos de uma experiência catártica, por meio da qual o entrevistado procura se “redimir” da separação com o antigo Mestre, “remetendo-se” constantemente à sua experiência de convívio com o senhor Reishin. A maneira como o interlocutor eufemiza em sua consciência seu comportamento de discordância em relação às decisões do Sensei Kawai evidencia que o entrevistado possuía outra compreensão de aikido e que buscava um caminho marcial diverso daquele que o Mestre Reishin estava trilhando até então.

A forma complexa de culto religioso professado pelo senhor Reishin e os critérios espirituais utilizados para fundamentar suas decisões, começaram a entrar em

³⁹ Entidade japonesa que é simbolizada como o guardião das artes marciais, especialmente do aikido.

⁴⁰ A FEPAI, Federação Paulista de Aikido, foi a primeira federação nacional de aikido. Fundada em 1979 a partir dos esforços do mestre Reishin Kawai e de sua esposa Letícia Kawai.

choque – na interpretação do narrador – não apenas com seus interesses, mas com os interesses de todos os outros membros da entidade que o próprio mestre havia criado.

A época, em função da legislação vigente e por sua condição de imigrante, o senhor Kawai estava privado de exercer – ao menos formalmente – a presidência da Federação Paulista de Aikido. Para tanto, um de seus alunos mais antigos, o Professor José Gomes Lemos foi escolhido como presidente interino. A incompatibilidade entre a gestão praticada pelo Mestre Kawai e os rumos, principalmente técnicos, que a FEPAI deveria tomar, põem em evidência a concepção de aikido do Professor Ricardo Leite que explica na sequência do mesmo relato:

No início o Mestre vai decidir de qualquer jeito, [mas] depois as pessoas já começam a ter 3º, 4º *dan* já começam a ter academia própria, a federação já precisa ter um ritmo mais próprio e o Kawai Sensei já... esse ritmo já começou...

Na percepção do entrevistado o Sensei Kawai estava ultrapassado e sua autoridade passou a ser questionada, por ele e – na sua interpretação – por outros colegas de tatame que também já haviam conquistado graduações mais altas na arte do aikido. O relato do Professor Ricardo Leite é rico em possibilidades de análise, sobretudo, pela forma como sua narrativa flui de impressões pessoais para sentidos tomados como coletivos. Sua fala pode ser interpretada primeiramente como uma tentativa de eximir-se – ao menos perante o entrevistador – de qualquer traço de culpa por ter rompido com o antigo mestre. Esse tipo de expediente discursivo foi amplamente analisado por Portelli (2010, p.202), que explica que “O modo mais fácil de encontrar absolvição é lançar a responsabilidade sobre o contexto: todo mundo fazia, eles nos forçaram a fazer isso, nós estávamos cumprindo ordens.” Outra característica do relato do Professor Ricardo é o efeito de sentido gerado por sua narrativa – à semelhança do Professor Matias de Oliveira – a qual visa inscrever seu relato num nível coletivo de compartilhamento. E aqui, mais uma vez as noções de memória e identidade se cruzam tanto em seus sentidos individuais como coletivos. Essa interdependência é analisada por Candau (2012, p.27, grifo do autor) a partir da seguinte perspectiva:

[...] tal como para a noção de memória coletiva, coloca-se a questão da pertinência dos *conceitos* de identidade quando aplicados a grupos, quer dizer, a pertinência de expressões tais como “identidade cultural” ou “identidade coletiva”. Em resumo, nos dois casos, tanto para memória quanto para identidade, somos levados a questionar sobre o grau de pertinência do que chamo de *retóricas holistas* [...]

O conceito de retórica(s) holista(s) elaborado por Candau (2012) reflete o esforço do autor na análise da passagem do individual ao coletivo, sobretudo com a finalidade de distinguir entre as “retóricas heurísticamente necessárias” e aquelas empregadas como generalizações que resvalam em super ou subinterpretações. Visto que os indivíduos não vivem suas vidas de forma apartada da coletividade, Candau (2012, p.31) parte do pressuposto que há um compartilhamento ainda que mínimo na produção de significados “[...] de conhecimentos, de saber, de representações, de crenças cuja descrição e explicitação irão justificar o recurso às retóricas holistas.” Desse modo, não se discute que ocorra uma comunicação de sentidos entre diferentes indivíduos como demonstram as narrativas dos Professores Ricardo Leite e Matias de Oliveira, e aqui cabe reiterar que ao indicar a incontestabilidade da comunicação Candau (2012) está se referindo ao entendimento de memória(s) e identidade(s). Assim, o autor se concentra sua análise especificamente na natureza da comunicação das retóricas holistas e no resultado daquilo que foi compartilhado entre diferentes indivíduos. Comunicação e compartilhamento no entendimento de Candau têm definições distintas e para explicitar seu raciocínio o autor recorre às noções de “[...] *representações factuais*, que são representações relativas à existência de certos fatos, e as *representações semânticas*, que são as representações relativas ao sentido atribuído a esses mesmos fatos.” (CANDAU, 2012, p.39, grifo do autor). Dessa forma, segundo o autor, as retóricas holistas tem maior grau de pertinência quando as representações são factuais, ao passo que as representações semânticas mesmo quando “corretamente comunicadas e transmitidas” têm um baixo grau de pertinência em função das idiossincrasias de cada indivíduo comunicante. No caso do trabalho com fontes orais, que tem como principal finalidade analisar como se dão os diferentes processos de apreensão subjetiva da realidade, essa perspectiva de compartilhamento de sentidos fica praticamente anulada, pois as pesquisas de história oral operam em escala reduzida ou a partir daquilo que Portelli (2010a, p.46) chama de um olhar sobre a “micro-experiência”. A fim de exemplificar essa impossibilidade de generalização de significados, é possível retomar a sequência do relato do Professor Ricardo Leite:

Mas, em determinada época ele me abordou na academia e falou: “Você... é... *Fudoo Myoo Sama* falou e eu também estou sentindo que você não concorda comigo, e vai me abandonar um dia!” [emoção] Eu sou muito emotivo desculpe! Essas coisas são muito fortes pra mim... E aí... Tem muito sangue aí né? E aí ele pediu pra traduzir, foi o... **Célio Taniguchi!** Professor aqui da USP também. E aí ele treinava lá com a gente, e ele pediu para o Célio

Taniguchi traduzir a conversa que ele tinha pra dizer pra mim, e ele disse isso pra mim: “Você um dia vai me deixar, então já prefiro que você já faça isso logo, que é pra gente já ficar liberado, já estar tranquilo...” Aí eu falei, “Ó Kawai Sensei, primeira coisa...” Eu era discípulo novo dele, e ele era praticamente o maior representante que tinha no Brasil, e era o **f...!**⁴¹ Era o cara que tinha o todo o domínio aqui sobre o país, e eu já havia visto pessoas que haviam saído da escola dele e [havia sido] **marginalizadas! Excluídas!** Então eu sabia que mesmo se eu fosse sair de lá não adiantava eu ir treinar em outra academia. [Era] **Exclusão!** E falei: “Ó Sensei, então se o Sensei quiser eu não posso dizer contra, quer dizer *Fudoo Myoo Sama* está dizendo né, Deus está dizendo... e o Sensei também está vendo...” [...] Mas eu falei pra ele: “Então é o seguinte...” – isso já com lágrimas rolando, sem desespero, mas [com um sentimento] profundo – “... se o Sensei decidir eu vou parar de treinar, nem adianta ir procurar outra academia, mas eu estou aqui de coração! Eu gosto muito de aikido, acho que aikido é uma coisa que estou decidindo pra mim, e gosto muito do Sensei...” – naquela época eu não via razão, nem caminho algum de dissociação – “... mas se o Sensei está dizendo eu não vou discordar, nem desacreditar. Mas eu me comprometo com o seguinte, o Sensei é o único delegado oficial da Aikikai no Brasil. O Sensei é o cara que é o delegado oficial, então nesse sentido eu peço que o Sensei **se aceitar**, que o Sensei continue me aceitando como discípulo e eu tenho o compromisso de manter o aikido no melhor nível possível, de manter o aikido da Aikikai...”

Após passar por modalidades verbais e pronominais coletivas, o entrevistado personaliza seu discurso. O uso de diferentes referentes – institucionais, coletivos, e pessoais – é uma das características centrais das narrativas orais, sobre esse aspecto Portelli (2010c, p.22) destaca que

Nos relatos de história oral estas modalidades jamais são separadas, ou separáveis, de modo nítido ou explícito; pelo contrário a arte de contar a história consiste em combiná-las de maneira criativa em estruturas significativas [...].

Fortemente emocionado, o Professor Ricardo indica que as diferenças com o Mestre Kawai tinham chegado ao limite. A metáfora sanguínea utilizada pelo entrevistado é descrita no tempo presente, momento em que o narrador interpreta suas memórias e tenta entender o que aconteceu para que ele e o mestre se separassem. Entretanto, as diferenças entre o poder do senhor Kawai – advindos de sua delegação e de sua graduação – e a posição do Professor Ricardo dentro da Federação Paulista de Aikido se tornaram um ponto de inflexão em sua fala, pois não havia como concorrer com o maior representante do aikido no Brasil. Desse modo, a falta de outros mestres de aikido e a inexistência de outros *dojos* de treinamento a época, poderiam fazer com que os títulos de graduação do entrevistado ficassem reduzidos a meros pedaços de papel, já que ele não teria nem o reconhecimento da Federação Paulista de Aikido, muito menos

⁴¹ O entrevistado não usou um palavrão, mas apenas a letra “f” de maneira enfática.

o da Fundação Aikikai do Japão, que legitima os títulos de *dans*⁴² conferidos aos praticantes de diferentes países.

A graduação de um aikidoísta é seu capital, conforme já foi indicado a partir do relato do Professor Matias de Oliveira. Esse capital pode assumir diversas formas no jogo das trocas sociais que ocorrem não só num *dojo* de aikido, mas em um espaço mais amplo de relações como, por exemplo, no que diz respeito a outros agentes sociais que participam do mesmo campo e estão filiados a outras instituições. As diferentes feições que uma ou mais formas de capitais podem assumir, especialmente em um cenário marcial como o do aikido definem não só a participação dos sujeitos em relação às “paradas em jogo” para usar uma expressão de Bourdieu (1983), mas também o seu direito de jogar o jogo.

O capital – que pode existir no estado objectivado, em forma de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e que pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo (num dado momento) e, mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre o conjunto dos instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e ganhos. As espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado (de facto, a cada campo ou subcampo corresponde uma espécie de capital particular, que ocorre, como poder e como coisa em jogo, neste campo). Por exemplo, o volume do capital cultural (o mesmo valeria, *mutatis mutandis*, para o capital económico) determina as probabilidades agregadas de ganho em todos os jogos em que o capital cultural é eficiente, contribuindo deste modo para determinar a posição no espaço social (na medida em que esta posição é determinada pelo sucesso no campo cultural). (BOURDIEU, 2007, p.134)

É possível reconhecer na fala do entrevistado, o lugar reservado à graduação, especialmente se levados em consideração todo o tempo e energia investidos pelo Professor Ricardo em sua formação como aikidoísta. Além da desvalorização de seus títulos como aikidoísta, também havia o risco da identidade do Professor Ricardo ser afetada pela marginalização e pela exclusão a que estaria sujeito caso o rompimento com o mestre se efetivasse.

A análise das memórias do ex-seguidor do Mestre Reishin ainda permite verificar como determinações sociais e significados pessoais se cruzam no desenvolvimento da identidade. Não obstante sua experiência tão íntima como ex-*uchi-*

⁴² Após atingir a faixa preta no aikido, o praticante ainda pode galgar diferentes *dans* ou graus na escala de hierarquia estabelecida pela Fundação Aikikai do Japão. Esses graus são divididos da seguinte forma: 1º grau – *shodan*; 2º grau – *nidan*; 3º grau – *sandan*; 4º grau – *yodan*; 5º grau – *godan*; 6º grau – *rokudan*; 7º grau – *nanadan*; 8º grau – *hachidan*. Graduações superiores a essas não são mais concedidas pela Aikikai, entretanto, há mestres ainda vivos que tem graduações superiores, recebidas diretamente do fundador do aikido.

deshi do senhor Kawai, o significado atribuído pelo Professor Ricardo ao aikido está atrelado a um reconhecimento institucional, por isso palavras como “lealdade” e “gratidão” assumem uma conotação diferente em seu discurso, pois ao invés de serem reservados ao seu antigo mestre, são empregadas para registrar sua reverência ao aikido da Aikikai.

[...] ele como representante da Aikikai foi um cara que introduziu o espírito de **lealdade no melhor sentido!** De gratidão, de valorização à família Ueshiba. Porque ele mesmo não tinha tanto vínculo com a família Ueshiba, mas era realmente a linhagem que a gente queria seguir e ele cultivou no Brasil inteiro o respeito a essa linhagem. E fez muito sentido pra nós, tanto que ele não impôs! Ele cultivou, implantou com todo carinho e todo mundo se apropriou desse carinho pela família Ueshiba e pela linhagem da Aikikai.

A sequência da entrevista com este professor revela que sua ruptura efetiva com o Mestre Kawai se deu em 1990, e em 1991 o entrevistado se ligou ao Mestre Yoshimitsu Yamada, delegado da Fundação Aikikai na América do Norte. A partir de então, o Professor Ricardo passou a contar com o reconhecimento e a orientação técnica do Mestre Yamada, e abriu seu próprio *dojo*⁴³ na capital paulista, contudo, pode-se dizer que o primeiro Mestre não só ainda é presente em suas memórias, como faz parte de sua própria identidade:

A minha relação com o Kawai Sensei foi muito rica pra mim, eu nunca vi desgosto da parte dele com relação à vivacidade da nossa relação... [em relação à] simbologia da nossa relação, ao amor da nossa relação, à sinceridade da nossa relação...

Na esteira dos diálogos encetados, o Professor Bento Guimarães toma a vez e ao descrever suas memórias registra suas impressões acerca do que entende ser o aikido a partir de suas experiências como professor, mas também como aluno que teve como mestres os Senseis Teruo Nakatani e Ichitami Shikanai. Sua identidade se desvela como um substrato de seu discurso.

E ao contrário do Nakatani, eu com o Shikanai a gente conversava muito! A gente conversava muito! Então quer dizer respondendo a sua pergunta, esse troço me impressionou muito essa coisa de **educador**, porque eu nunca tinha feito essa correlação. **Pra mim arte marcial era luta!** Quer dizer era um educador isso era uma, já uma coisa... Pra mim foi até revolucionário!

O recorte acima permite divisar a complexa relação de dependência e influência mútua entre a memória e a identidade. Considerada como o “esteio da identidade”

⁴³ www.bushinkan.com.br

segundo afirma Delgado (2010, p.14), a memória tem uma natureza ativa e está permanentemente sujeita a modificações, distorções, omissões, invenções, etc. Desse modo, a identidade como seu substrato, também assume um caráter de não fixidez e de mutabilidade. Isso não significa, no entanto, que não haja qualquer coerência ou coesão como já foi apontado na análise da narrativa da Professora Lilba um pouco mais acima. Entretanto, esse caráter de mudança da identidade é acentuado no relato do Professor Bento Guimarães que explica em sua narrativa o quanto sua concepção de aikido se modificou a partir da transição de mestre. Nessa perspectiva, Delgado (2010, p.51) a memória como fundamento da identidade caracteriza-se como “[...] um processo dinâmico, dialético e potencialmente renovável, que contém no seu âmago as marcas do passado e as indagações e necessidades do presente.”

A influência e o caráter de educador do Mestre Shikanai alteraram completamente a visão do entrevistado que modificou não apenas sua percepção a respeito do aikido, mas também seu comportamento junto a seus próprios alunos. Essas mudanças podem ser constatadas a partir de dois outros trechos de sua entrevista. No primeiro o Professor Bento, explica com certa ironia a despreocupação do seu primeiro Mestre, o senhor Nakatani com qualquer tipo de formalidade ao ministrar seus treinamentos:

O Nakatani era totalmente fora do padrão, entendeu? [riso] Ele não seguia... Ele não estava nem interessado nessas coisas, de procedimento padrão. [...] Tanto que eu nunca usei faixa, e o Professor Nakatani nunca se importou. Ele não estava nem aí para isso! Se quisesse usar usava, se não quisesse não usava! Ele era tão pouco ortodoxo que nem *hakama* ele usava. **Ele não usava *hakama*!**

Na sequência, o entrevistado ao discorrer sobre seu início como professor de aikido – já sob a orientação do Mestre Shikanai – relata ao entrevistador:

Eu quando comecei a dar aula tal, eu sempre fiz questão dessa coisa da etiqueta, do cerimonial, eu nunca admiti o menor deslize nesse sentido. [...] Eu por exemplo, eu não deixava aluno meu fazer aula se ele chegasse atrasado. Não deixava. Podia deixar assim excepcionalmente, mas mesmo assim eu ia criar um clima lá com ele bem desagradável. Eu considerava isso uma falta de respeito! E hoje em dia eu vejo, inclusive entre os meus alunos, hoje em dia essa coisa está praticamente desaparecendo. O aluno chega a hora que quer, entendeu? Isso tudo pra acomodar pra... Então essa coisa você vai perdendo aquele ambiente **espíritual!** De respeitar a aula? De chegar cedo e respeitar, e isso tudo vai... Na verdade parece que o objetivo hoje em dia é exigir o mínimo do aluno, sabe? “Ah não, ele já está muito traumatizado com as coisas que acontecem... então aqui tem que ser um negócio agradável e tal.” Mas não era pra isso né? *Dojo* é como a própria palavra ***dojo*** significa: **lugar do caminho**. Supostamente é porque você está interessado em achar o

seu caminho! Por isso que é bom o professor ter outro trabalho, não ficar dependendo do que ele está ensinando não, de aikido... Porque senão ele começa a ter essa pressão sabe? Se você não depende do que você está pra viver, você pode ficar à vontade! **O aluno não gosta vai embora!** É importante o aluno ir embora entendeu? Porque você seleciona. O problema em arte é esse negócio, o negócio vai crescendo, crescendo... Isso pronto acabou! A qualidade [caiu]...

O contraste entre os dois trechos acima, reflete o quanto as impressões e a identidade do Professor Bento Guimarães foram transformadas a partir da sucessão de suas experiências na prática da “arte da paz”. A mudança de sentido operada na consciência do entrevistado além definir sua interpretação bastante parcial em relação ao aikido – e a outras artes marciais japonesas – revela traços únicos de sua identidade, como por exemplo, o rigor e a austeridade. Não se pode afirmar, entretanto, que essas características da personalidade do Professor Bento foram apreendidas exclusivamente a partir da convivência com o senhor Shikanai que demonstrou uma visão de aikido mais maleável, o que poderá ser constatado mais adiante na apresentação de seu relato.

Essa mudança na percepção do Professor Bento dá margem a outra análise oportuna na lida com fontes orais. Assim, é possível refletir sobre em que medida uma categoria macrosociológica como o conceito de *habitus* de Bourdieu (1983) guarda – ou não – alguma relação com a noção de identidade nos níveis individual e coletivo. Para tanto, é necessário definir o conceito de *habitus* que pode segundo Bourdieu (1983, p.125) ser considerado como um

[...] sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem estar objectivamente em conformidade com os interesses objectivos dos seus autores sem terem sido expressamente concebidas para esse fim. (BOURDIEU, 1983, p.125).

Essa reflexão é aqui proposta, pois com frequência a expressão *habitus* é aproximada da(s) noção(ões) de identidade, o que implicaria em definir traços comuns a diferentes indivíduos, como, por exemplo, uma possível identidade coletiva compartilhada pelo Professor Bento Guimarães e os outros alunos do Mestre Ichitami Shikanai. O referencial teórico de Candau (2012) é que permite mediar a aparente impossibilidade de conciliação entre as instâncias individual e social. Segundo esse autor,

[...] as estratégias identitárias de membros de uma sociedade consistem em jogos muito mais sutis que o simples fato de expor passivamente hábitos

incorporados. Evidenciar essa sutileza constitui, aliás, o aporte principal das teses situacionais, desenvolvidas em oposição ao primordialismo. Essas teses são muito convincentes, uma vez que sustentam que as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de “traços culturais” – vinculações primordiais –, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociossituacionais – situações, contexto, circunstâncias – de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de “visões de mundo” identitárias ou étnicas. (CANDAU, 2012, p.27).

Não se desconsidera a pertinência e o valor da categoria interpretativa formulada por Bourdieu, mas é evidente que em trabalhos com fontes orais – as quais são sempre parciais – qualquer traço de generalização implica na perda daquilo que a história oral proporciona de mais rico, ou seja, a forma idiossincrática como as pessoas interpretam e conferem sentido à realidade. Aproveitando um dos trechos da entrevista do Professor Bento, é possível relacionar sua fala com a reflexão que está sendo aqui empreendida:

Arte marcial é coisa pequena! Arte marcial de qualidade é coisa pequena! É coisa dentro de uma sala assim ó ⁴⁴! Aí você começa a fazer federação não sei o que, pode ter certeza que isso vai virar bagunça! E você acha lugares com essa tendência em **fechar** a coisa! Voltar às origens entendeu? Aí você tem grupos pequenos... Você tem Professor aí de diversas artes com dez, doze alunos... **Dez, doze alunos!** E ele não quer mais não!

O trecho acima reflete de forma metafórica a questão da identidade individual que tende a ser obliterada em um nível coletivo, social. Quantidade e qualidade são noções antagônicas, tanto no discurso do entrevistado, quanto em relação às discussões sobre identidade(s), que muitas vezes tendem a solapar diferenças em favor de análises totalizantes e essencialistas.

Por ser a memória um fenômeno construído, é possível observar como por meio de sua organização narrativa, o entrevistado – e esse comentário não está adstrito ao Professor Bento – quer ser visto pelo entrevistador. Ainda que o pesquisador module por meio de suas perguntas aquilo que o entrevistado vai falar, em última instância o trabalho de organização de memórias e a forma como a narrativa vai ser proferida são sempre exclusividade do entrevistado. Assim, ao verbalizar suas lembranças, o narrador realiza uma performance que não é apenas oral, mas sim total, já que dispõe de outros elementos, como por exemplo, a linguagem não verbal e as relações espaciais durante a entrevista, para que consiga expressar suas recordações e ao mesmo tempo revelar sua

⁴⁴ O entrevistado exemplifica o tamanho “ideal” de um *dojo* de aikido, fazendo referência ao espaço (pequeno) da sala da sua residência.

identidade. Nesse sentido a narrativa do Professor Adélio Andrade, presta grande contribuição:

E em 1971 um amigo meu estava praticando o aikido... naquela época o aikido era pouco conhecido, só tinha o Nakatani no Brasil, havia inaugurado uma academia na Barata Ribeiro, aqui em Copacabana, em 1970. Então isso foi final de 70 que ele abriu a academia, creio eu... e em 71, em julho, dia 15 de julho esse colega me convenceu a ir assistir uma aula, eu fui assistir aí gostei da filosofia, gostei dos movimentos e essas coisas e tudo mais. Aí me matriculei e comecei a praticar, abandonei o que eu estava fazendo, treinando com o pessoal do *telecatch* porque era totalmente diferente, ali tinha tudo: pancadaria, tinha jiu-jitsu, capoeira, luta livre – greco-romana no caso – enfim, tinha tudo.

Da mesma forma que o *telecatch* é uma luta bastante performática, a entrevista do Professor Adélio também o é. Enquanto fala, o entrevistado senta e levanta várias vezes, descreve golpes no ar, explica técnicas, bate sobre a mesa, arregaça as calças e mostra suas lesões nos joelhos... Alguns fatores podem ter contribuído para que o relato do Professor Adélio fosse apresentado dessa forma, como por exemplo, o fato de o entrevistador desconhecer antecipadamente o entrevistado, a diferença etária entre ambos, o nível de graduação do Professor Adélio como artista marcial, a possibilidade de poder contar suas memórias e ser escutado, entre outros.

Considerando-se que as memórias são lastros de identidade, é necessário, especialmente no trabalho com história oral, levar em conta as circunstâncias que influenciaram a relação de entrevista, as quais por sua vez, vão dar ensejo à produção da identidade do entrevistado. Corroborando com esse raciocínio, Pollak (1992) explica que a questão da identidade sempre se põe em relação ao outro. Desse modo, o autor afirma que:

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p.204).

Narrativas, temporalidades e identidades são as marcas do trabalho com fontes orais. Compreender como a realidade foi apreendida, também é verificar como diferentes identidades se constituíram. No caso do Professor Adélio Andrade, por

exemplo, é possível constatar como suas memórias sobre o afastamento do Mestre Teruo Nakatani dos tatames, influenciou sua identidade e seu caminho marcial como praticante e Professor de aikido:

Então nesse dia ele reuniu os alunos e comunicou que as atividades, [que] não poderia mais vir para o Rio de Janeiro e tinha que fechar a academia. Aí, eu que sempre fui assim na minha vida, continuo sendo, tenho 70 anos já feitos, completos, e continuo sendo assim, questiono tudo, aí falei: “Sensei, eu não concordo com o senhor fechar a academia! O senhor já procurou analisar as possibilidades de alguém assumir, de alguém ficar sob o seu comando?” [ele respondeu] “Ah... é uma boa pergunta, seria mas... realmente Herbert não pode [era um faixa preta], Eduardo também não pode, não sei o quê, todos eles têm coisas, não tem ninguém pra assumir...” Aí eu falei, “Sensei é uma pena, porque eu acabo de fazer exame pra faixa marrom e vou parar nisso?” Aí eu falei pra ele: “Puxa eu já sou marrom de judô e não sei o quê, nunca vou conseguir nada? E agora que eu estou gostando?” Aí ele falou assim: “Olha, há uma coisa, você assumiria a academia?” E eu falei: “Sensei eu sou faixa marrom, o senhor acabou de me dar a faixa marrom!” “Não importa!” [Eu] falei: “Sensei, olha assumir eu assumo, agora tem uma condição, o senhor me dá carta branca?” Ele falou, “O que é isso ‘carta branca’?” Ele não sabia o que era carta branca. Eu falei, “Sensei, eu sou você na sua ausência! Então só isso! Eu sou você na sua ausência. Eu vou fazer tudo o que eu acho que o senhor faria! Obviamente tecnicamente não, eu não tenho a sua técnica e tudo mais... Mas eu vou pensar, eu sou você e fim de papo! Agora, também todo mundo vai me obedecer!” Aí ele falou: “Carta branca é isso? Ah, está dada a carta branca! Você assume mesmo Adélio?” “Assumo!”

Ao falar pelo Mestre Nakatani em seu relato, o entrevistado não legitima a passagem de comando apenas em relação aos seus colegas de tatame mais graduados, mas também em relação ao entrevistador. Nesse sentido, é cabível recordar que a entrevista como espaço de narração permite ao entrevistado que projete sua identidade por meio de seus relatos, de suas lembranças. Sobre essa característica de constituição de diferentes identidades própria do trabalho com fontes orais, Alberti (2000, p.5) afirma que

[...] em um trabalho de história oral, a biografia, a trajetória individual, não é coisa dada, mas construída à medida mesmo em que é feita a entrevista. Se a pessoa tem o costume de refletir sobre sua vida, provavelmente já tem uma espécie de sentido cristalizado para alguns acontecimentos e percursos e pode preferir relatar esses, em vez de outros. Isso não quer dizer que aquele sentido seja falso ou não tenha relação com a realidade. É preciso ter claro, contudo, que ele não é a única possibilidade.

A graduação ocupa um lugar de destaque não apenas no fragmento acima, mas ao longo de toda a entrevista com o Professor Adélio que em outro trecho de sua narrativa afirma categoricamente: **“Nunca na minha vida eu fui reprovado em nada**

também!”⁴⁵ Sua principal característica é o exagero, traço peculiar de sua identidade, de sua concepção a respeito da “arte da paz”. Isso pode ser constatado na continuidade da narrativa do entrevistado que explica: “Então aí eu assumi, assumi e comecei a desenvolver o meu aikido.”⁴⁶ Essa talvez seja a frase mais emblemática de toda a entrevista realizada com o Professor Adélio, que explicou posteriormente ter inserido técnicas novas em seu aikido, como por exemplo, o *armlock* – uma chave de braço que faz parte do rol de técnicas do judô e do jiu-jitsu – e a “biqueira”, segundo ele o mesmo chute ensinado por Steven Seagal aos lutadores de MMA, Anderson Silva e Lyoto Machida⁴⁷.

Ainda que as descrições do Professor Adélio apresentem certo grau de comicidade em diversos momentos, a organização de sua narrativa guarda certo grau de coerência, especialmente se for levada em conta a experiência de treinamento do entrevistado com o *telecatch*. Obviamente que o feixe de influências que permitem ao entrevistado conciliar elementos tão distintos como a “arte da paz” com as lutas de MMA – geralmente associadas a altos índices de violência – não pode ser reduzido apenas às suas experiências no terreno das lutas e das artes marciais. Nessa linha de raciocínio, Delgado (2010) explica que as pesquisas com fontes orais, sobretudo quando se debruçam sobre as questões da identidade, devem levar em conta que

O ser humano tem múltiplas raízes: familiares, étnicas, regionais, nacionais, religiosas, partidárias, ideológicas, culturais. Sua vida é uma totalidade, na qual processos diversificados conformam a dinâmica do viver. (DELGADO, 2010, p.51).

Da capital carioca a Belo Horizonte, quem toma a vez na ordem dos relatos é o Sensei Ichitami Shikanai. Sua narrativa começa com a interrogação que deu origem ao título deste capítulo:

Que tipo de aikido você gosta? “Ah, eu gosto mais de defesa pessoal!” [ou] “Não, eu gosto mais harmonia, eu gosto desse filosofia de fundador...” Tem vários tipos. Então acaba criando divisão. [...] Mas eu sou reconhecido pela academia central, então todo mundo me respeita obrigatoriamente. [riso] Essa que é a diferença entre outro instrutor que tem grupo, ele não tem autoridade, porque a academia central não reconhece; através do grupo [é que] ele vai chegar lá... Mas eu particularmente não tenho organização, mas a academia central me reconhece. Então, depois de morrer por exemplo, meu grupo, vai

⁴⁵ [00:05:35]

⁴⁶ [00:09:40]

⁴⁷ Anderson Silva também conhecido como “*The Spider*” e Lyoto Machida “*The Dragon*” são lutadores brasileiros de artes marciais mistas. Por seus resultados no UFC (Ultimate Fight Championship) ganharam fama e grande visibilidade internacional.

dar problema. Eu tenho que providenciar isso antes de eu morrer, tem que ter [uma] organização. Esse tipo de arte tradicional japonês geralmente – aikido é arte moderna – arte tradicional japonês, tem essa linha, e linha é coisa mais importante na cultura dessa organização. Mas esse aikido, “Aikikai”, aqui fala Aikikai, é organização modelo. Ele para Aikikai importante... Eu não uso organização porque eu quero manter essa coisa tradicional. Ensino de técnica, transmissão é **individual**. Quem faz arte ou, quem faz isso é cerimônia de chá, arranjo floral, zen budismo, é estilo antigo de arte marcial japonesa, qualquer estilo, *jujutsu*, *kenjutsu*, etc. Tudo coisa antiga que a gente respeita, é mesmo jeito. Não é assim aula, seminário pra todo mundo assim, não é não. Transmissão individual! Porque cada um diferente né? Como cuidar pranta [planta] de cada lugar. Hoje em dia fazendeiro grande “**Pow!**”⁴⁸ Não cuida né? Arte não é assim não, transmissão individual. Eu quero manter isso. Só que a academia central quando cresce demais tem que ter através de organização para ser... Por exemplo, se um dia... vamos supor [que houvesse um] “governo mundial” né? Então quem vai definir [que] você é cidadão mundial desse planeta Terra! Então quem reconhece? “Oh, governo Brasil, você reconhece, **brasileiro!**” “Presidente da Argentina, você reconhece? Você vai carimbar argentino?” Então governo mundial reconhece como se fosse cidadão... [riso] nesse sentido. A academia central acho que quer adotar essa sistema. Sistema organização democrática. Então, essa transmissão individual não é democrática. Se achar bom ensina, se [não] gostar não ensina. Eu tenho frente de mim, tem cinco alunos importantes, mas para mim você diferente dele. Então sou opinião diferente, fala diferente, por causa de pensar seu crescimento, seu entendimento, seu maneira de entender, seu maneira de ser homem, aí muda palavra e ensina individual. Não pode dizer igualmente, igual, igual: “faça isso”, não é assim. [inaudível] Então eu tenho que manter isso, eu quero manter isso aqui.

Além dos diversos estilos marciais de aikido criados pelos ex-seguidores de Morihei Ueshiba e descritos no início desta seção, o Mestre Shikanai acrescenta que a escolha por uma forma ou outra de aikido tem relação direta com o gosto pessoal, com a identidade do praticante. Predisposições, valores, crenças, ou seja, a história de vida irá concorrer para determinar não apenas a escolha do estilo de aikido a ser praticado, mas também a forma como o praticante irá interpretar e atribuir significado ao “seu” aikido. Acrescente-se ainda, que dentro de um mesmo estilo, como é o caso, por exemplo, do aikido Aikikai – praticado por todos os professores entrevistados neste estudo – há variações que são fruto das diferenças de identidade entre os mestres imigrantes que aportaram no Brasil. Seus entendimentos, suas noções e interpretações também estão presentes na forma como difundiram – e continuam difundindo como é o caso do Mestre Shikanai – seu aikido. Isso por si só, na compreensão do entrevistado gera “divisão”.

No caso do senhor Ichitami ainda há outro fator que acrescenta um nível maior de complexidade na compreensão da relação entre identidade e significados pessoais

⁴⁸ Trata todas as plantas da mesma forma, sem respeitar as peculiaridades de cada espécie.

atribuídos ao aikido. Isso porque, o entrevistado explicou que gosta de “Bastão e espada. Pessoa que não interessa bastão e espada, já divisão comigo!”⁴⁹ O bastão e a espada aos quais o Sensei Shikanai se refere são outros dois tipos de *budō* que há anos esse Mestre treina, o *jodo* e o *iaido*. O primeiro, é uma forma de caminho marcial que utiliza o bastão ou *jō*⁵⁰ na defesa contra movimentos de espada. Não há nenhuma forma de combate na prática de *jodo*, mas apenas técnicas denominados *kihon*, que são treinadas individualmente ou em duplas. Já o *iaido*, compreende um conjunto de técnicas exclusivamente para desembainhar uma espada. Assim como o *jodo*, o *iaido* não possui qualquer tipo de competição e está adstrito ao estudo minucioso do saque da espada japonesa conhecida como *katana*. Trata-se de uma forma de aprimoramento pessoal e espiritual, por meio de um treinamento extremado da concentração.

Se as experiências do Mestre Shikanai com outras formas de *budō* fossem desconsideradas, dificilmente se compreenderia sua concepção atual acerca da “arte da paz”, que no seu entendimento – apesar de ser uma arte marcial moderna – deve ser transmitida individualmente. No desenrolar de sua entrevista, o senhor Shikanai explicou ao entrevistador que nas formas ditas tradicionais de *budō* – como é o caso do *jodo* e do *iaido* – se não houver uma indicação fortemente respaldada por outro praticante “Como se fosse [um] fiador, ninguém aceita para praticar arte marcial!”⁵¹

A noção de tradição atravessa em diferentes momentos as descrições do entrevistado e é oposta ao modelo de organização preconizado pela Fundação Aikikai do Japão. Em sua consciência há a associação entre tradição e transmissão, como se os seus ensinamentos – com a marca de sua identidade – pudessem ser mantidos e perpetuados tal como foram apreendidos pelos seus seguidores. O efeito de sentido produzido pela fala do Mestre Shikanai leva a crer numa espécie de transmissão pura, livre de todo e qualquer tipo de influência. Mais a frente – e essa discussão ficou reservada ao próximo capítulo – o entrevistado irá reconhecer por meio de seu discurso a dificuldade de fazer com que seus alunos compreendam a importância de manter a tradição e de não criar adaptações ou mudanças que maculem a sua arte.

A partir dessas noções de tradição e transmissão descritas pelo Sensei Shikanai em sua narrativa, é possível recorrer a Candau (2012, p.121) que explica que a tradição

⁴⁹ [00:13:35]

⁵⁰ Devido à sua característica física (1,28 cm de comprimento e cerca de 2,6 cm de diâmetro), o *jō* permite um manuseio fácil e uma grande variação de movimentos contra os ataques da espada, podendo estocar como a lança, dar pancada como a espada e ser arremessado como uma foice, sem que, necessariamente, provoque a morte do adversário. Fonte: www.albertoaidorj.com.br/jodo.html

⁵¹ [01:30:47]

está fortemente associada à lógica identitária e é moldada pelo “[...] presente de onde obtém sua significação”. O autor ainda acrescenta que o apelo à tradição encontra

[...] sua justificativa não apenas em assegurar uma continuidade fictícia ou real entre o passado e o presente, mas também em satisfazer uma lógica identificadora no interior do grupo, mobilizando deliberadamente a memória autorizada de uma tradição. (CANDAU, 2012, p.122).

O que se pode observar na fala do Mestre Shikanai não pode ser interpretado apenas como um apelo à manutenção de um suposto legado marcial, pois seu relato reflete sua identidade – a qual, em sua interpretação – corre o risco de desaparecer caso a tradição não seja respeitada. Desse modo, o entrevistado usa metáforas que em um nível mais profundo traduzem suas experiências de vida, ou seja, de alguém que saiu da região agrícola de Hakkoda nas cercanias da cidade de Aomori e confrontou a realidade de grandes cidades como Tóquio e o Rio de Janeiro. Assim, uma “pranta” no seu português carregado demanda cuidados especiais de acordo com o local onde foi plantada, ao passo que a individualidade e as características únicas de cada sujeito desaparecem em relação a um “governo mundial”.

Percebendo esse movimento organizacional que visa adquirir um monopólio institucional cada vez maior sobre professores e praticantes de aikido de diferentes países, o senhor Ichitami fala com certa perplexidade tentando entender como um modelo de ensino democrático e impessoal pode realmente contribuir para a formação de bons artistas marciais, e por consequência de bons seres humanos. A seu modo, o Mestre Shikanai descreve no contexto de sua entrevista reflexões que se aproximam do objetivo do presente capítulo desta dissertação: valorizar o indivíduo e sua identidade, suas peculiaridades a partir de sua concepção de aikido. Nesse sentido, a história oral presta grande contributo ao revalorizar o sujeito, sua identidade e suas memórias. Alberti (2004) enfatiza o papel da história oral, como metodologia privilegiada capaz de romper com posturas totalizantes e essencialistas ainda bastante comuns em pesquisas de diferentes áreas das ciências humanas que tendem a desvalorizar o indivíduo em detrimento das análises macrossociológicas:

Tomar o indivíduo como valor não é apenas considerá-lo uma entidade valorizada em nossa cultura “individualista”. É verificar que a crença no indivíduo autônomo e igual perante os outros, que é também o indivíduo único e singular, o ser psicológico, *dá sentido* a uma série de concepções e práticas em nosso mundo. Basta ver que, em outras culturas, igualdade, liberdade, singularidade psicológica etc. não dão sentido a práticas e modos de ser, para reconhecer que esse indivíduo é um valor em nossa cultura, não

tendo nada que ver com uma suposta “natureza humana”. (ALBERTI, 2003, p.2).

Não obstante o ar de tristeza e descrença em relação ao futuro de seu trabalho, o Sensei Shikanai reconhece que em algum momento antes de morrer terá que se dobrar à lógica coercitiva da Fundação Aikikai. Ou seja, ainda que seu método de ensino seja baseado na transmissão individual – inclusive de outros caminhos marciais como o *jodo* e o *iaido* – o mestre Ichitami entende que não pode se eximir da tarefa de buscar uma filiação formal junto à Fundação Aikikai sob o risco de também reduzir os títulos de seus alunos a meros pedaços de papel, como exemplificado no caso do professor Ricardo Leite. Sem recorrer novamente à questão da importância dos *dans* (graduação) como uma forma de capital entre os aikidoístas, o comentário do Sensei Shikanai dá margem a uma discussão permanente nos estudos socioculturais sobre a identidade, a de que não existe identidade individual ou coletiva sem uma experiência de contraste, ou seja, em relação ao outro.

Além disso, precisamos considerar que toda identidade é uma construção histórica: ela não existe sozinha, nem de forma absoluta, e é sempre construída em comparação com outras identidades, pois sempre nos identificamos como o que somos para nos distinguir de outras pessoas. A identidade feminina, por exemplo, se constrói ante a identidade masculina, a identidade dos negros ante a identidade dos brancos etc. (SILVA, K. V.; SILVA, M. H., 2012, p.204).

Orientando essa discussão para o escopo desta pesquisa, pode-se dizer que a relação de entrevista produz duas identidades, a do entrevistado e a do entrevistador, ainda que esta última esteja esmaecida, eufemizada. No caso de um trabalho de história oral essa questão atinge um grau superlativo, pois além do entrevistado produzir sua identidade no curso da relação de entrevista a partir das questões propostas pelo entrevistador, sua entrevista é posteriormente transcrita – portanto manipulada – e de acordo com o critério de seleção daquilo que será analisado na narrativa do entrevistado haverá também um processo de edição que implica em cortes, recortes, montagens e desmontagens do texto transcrito. Acrescente-se ainda, a forma como o narrador é apresentado ao leitor no decorrer do texto, a qual está sujeita às impressões do entrevistador e às orientações de sua pesquisa. Ou seja, aquela identidade inicial – a produzida no momento da entrevista – é apresentada de uma forma bastante diversa daquilo que inicialmente foi percebido no encontro de gravação. Assim, fundem-se no

trabalho com fontes orais as identidades do entrevistado, a do entrevistador, e a do próprio leitor que realiza uma interpretação bastante pessoal daquilo que está lendo.

Dessa forma, tanto as concepções de aikido, como as identidades dos professores aqui apresentadas e analisadas, repousam menos em aspectos factuais do que nos sentidos e significados que informam sobre cada uma de suas identidades.

O próximo capítulo desta dissertação também irá explorar essa sobreposição de sentidos, contudo, em outra perspectiva, a de relacionar a importância da técnica nos discursos dos entrevistados, com noções e interpretações acerca da cultura japonesa.

5 O JAPÃO E O AIKIDO: ENTRE PRÁTICAS, REPRESENTAÇÕES E APROPRIAÇÕES

A palavra é meu domínio sobre o mundo.

Clarice Lispector – “A descoberta do mundo”

Este quinto e último capítulo possui uma abordagem diferente em relação aos anteriores. Invertendo a perspectiva de análise, optou-se por partir de três noções amplamente difundidas nos estudos socioculturais para então selecionar os trechos das entrevistas a serem analisados. Ou seja, as narrativas que constam ao longo deste capítulo, foram coligidas arbitrariamente para viabilizar a discussão sobre práticas, representações e apropriações. Essas três noções são discutidas a partir de diferentes referenciais, principalmente, de publicações de Roger Chartier (1990, 1991), Edward Said (2007) e Ernani Shoitani Oda (2010, 2011). Dentre as possibilidades oferecidas pelas descrições dos entrevistados para análise, dois temas foram selecionados: o primeiro diz respeito às representações sobre o Japão, sua cultura e seus valores, e o segundo está relacionado às apropriações e significados atribuídos ao aikido por parte dos narradores. Os diferentes discursos sobre o aikido e o Japão foram aqui tomados como o âmbito da prática, na articulação das noções de práticas, representações e apropriações. Isso porque o objetivo desta pesquisa é analisar os significados presentes nas memórias dos entrevistados, e não sua performance concreta nos treinamentos do aikido.

No meio das artes marciais japonesas, é bastante comum a presença de narrativas laudatórias e carregadas de veneração em relação aos comportamentos e virtudes definidos como “tipicamente” nipônicos. São impressões por vezes desprovidas de criticidade e que tornam o Japão um lugar homogêneo e inerte, onde diferentes valores e crenças podem ser anotados conforme o bel prazer daquele que versa acerca da nação insular japonesa. Essa característica, no entanto, não faz parte apenas dos discursos dos praticantes de artes marciais, pois também pode ser observada em autores de diferentes áreas, inclusive, no próprio meio acadêmico. A título de exemplo, podem ser citados os trabalhos de Célia Sakurai (2008) e Marcel Farias de Sousa (2010) que mesmo procurando desconstruir estereótipos associados aos japoneses e à sua cultura,

acabam tentando definir as características típicas dos japoneses⁵², no caso da primeira autora, ou traçar as diferenças de pensamento entre ocidentais e orientais conforme indica o segundo autor⁵³.

Para aprofundar a discussão em relação aos japoneses e sua cultura, é possível recorrer a um trecho da entrevista do Professor Matias de Oliveira que procura explicar o quanto o imediatismo ocidental impede que os praticantes de aikido percebam os supostos benefícios intangíveis que podem ser auferidos a partir de uma dedicação sincera a esse caminho marcial.

[...] Porque pra você realmente receber os benefícios do aikido, você vai ter que treinar muitos anos, e o nosso... o ocidental ele é **imediatista! Ele quer retorno rápido!** Então a pessoa que treina aikido mais de cinco anos, com certeza vai entender o aikido, ele vai receber esses benefícios da prática do aikido. Realmente vai se tornar um praticante de aikido, e não um praticante das técnicas do aikido. Então só nesse momento que ele começa a ser realmente um praticante de aikido, ele vai entender os benefícios do aikido em si, não só como atividade física, mas como uma filosofia que é aplicada em todas as situações do dia a dia. E aí ele começa a receber os benefícios. Mas isso aí não é **palpável** para o ocidental. Para o oriental sim! Mas para o ocidental não. [...]

O excerto acima evidencia, no entendimento do entrevistado, as diferenças culturais entre ocidentais e orientais. Obviamente que não se pode desconsiderar o lugar de onde o entrevistado fala, por isso como administrador e continuador do legado marcial de seu sogro, o Professor Matias reconhece as dificuldades de uma maior adesão ao aikido em função de suas características ainda é pouco atrativo aos ocidentais. A compreensão do entrevistado é de que os japoneses conseguem desfrutar verdadeiramente dos benefícios do aikido em função de sua natureza oriental e não necessariamente por sua dedicação e estudo da “arte da paz”.

As representações do entrevistado reservam um lugar privilegiado aos habitantes da terra do sol nascente, os quais sabem valorizar aquilo que não é imediato e que custa ser alcançado, pois entendem verdadeiramente o que é um *dō* japonês. Seu relato – além de ter um efeito de sentido de propriedade sobre o Oriente – parece ter sido proferido por um japonês que tem consciência de uma suposta superioridade nipônica em relação ao mundo ocidental. A expressão “representações” acima, demanda um parêntese para

⁵² Célia Sakurai (2008, p.261) dedica um capítulo inteiro em seu livro “Os japoneses” para definir o que é tipicamente japonês. A autora dá destaque especial à língua, aos regionalismos e ao associativismo para definir características próprias e compartilhadas por todos os japoneses.

⁵³ Sousa (2010, p.99) lança mão da comparação estabelecida por Daisetz Teitaro Suzuki (1960) entre os poetas Alfred Tennyson (inglês) e Matsuo Bashō para definir as diferenças de personalidade entre os “ocidentais” e os “orientais”.

indicar a partir de qual perspectiva essa noção está sendo aqui empregada. Concorrem para o entendimento de representação – leia-se também representações – aqui presente, os referenciais teóricos de Edward Said (2007), Ernani Oda (2011). No caso do primeiro autor, suas incursões teóricas não versaram especificamente sobre o Extremo Oriente, e nem tinham como objeto de estudo as artes marciais japonesas, entretanto, seus conceitos e metodologia são cabíveis para auxiliar na interpretação das descrições produzidas acerca do Oriente. A análise de Said (2007, p.17) baseia-se, sobretudo, na consistência interna entre os discursos e as representações sobre o Oriente “[...] a despeito ou além de qualquer correspondência, ou falta de, com um Oriente ‘real’.” Assim, sua análise recai especificamente sobre como as representações acerca do Oriente Próximo – sua delimitação geográfica para efeito de estudo – adquiriram espessura e densidade, e ao mesmo tempo sobre como tais representações traduzem certa forma de dominação por parte do Ocidente em relação ao Oriente. No caso de Ernani Oda (2011) sua perspectiva teórica refere-se aos discursos ufanistas em torno do Japão e das virtudes e costumes do povo nipônico a partir da análise das comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil (1908 – 2008). Oda afirma que tanto os brasileiros, quanto os próprios japoneses tendem a adotar uma postura conservadora e acrítica em relação à “cultura japonesa”. O autor explica que

[...] uma das principais razões para isso é a ausência no Brasil de uma discussão consciente das transformações e das contradições sociais da sociedade japonesa, e o desconhecimento dos debates entre os principais pensadores sociais do cenário intelectual japonês. (ODA, 2011, p.104).

Para explicar os discursos de veneração da vida e dos valores japoneses Oda se debruçou sobre a produção teórica – literária e acadêmica – nipônica, sobretudo, após os anos 90 onde um novo sopro neonacionalista procurou retomar a primazia da identidade japonesa e de suas tradições culturais⁵⁴ (ODA, 2010).

A narrativa do Professor Matias tem continuidade e outras imagens a respeito dos japoneses surgem em suas descrições:

[...] Eu penso que isso, esses Senseis que nem [o] Morihei Ueshiba, que nem esses caras, eles eram **muito rigorosos** nesses princípios do *dō*, sabe? E a gente está perdendo isso, a gente está aceitando tudo! “Ah, tudo bem...” A gente tampa o olho e aceita. Isso é uma atitude que está na nossa cultura já, agora como que você vai fazer frente a isso? Eu estou falando uma coisa assim que acontece, você sabe que acontece, a gente sabe que acontece, tudo

⁵⁴ No bojo dessas tradições estão, sobretudo, a valorização da figura do imperador e a lealdade às virtudes e ao “espírito japonês”.

mundo aceita e está tudo bem! “Ah, mas eu não posso fazer nada por isso!” Não, você pode não aceitar! Assim, tu não compactua com isso! Eu quando vejo o Brasil cavando falta, eu não compactuo! Eu olho [e falo] assim: “não tinha que ser pênalti e pronto acabou!” “Ah, mas ganhou!” Não interessa! Jogou mal tinha que perder! Então assim, eu não compactuo com isso, com coisas erradas assim... Igual a maioria aceita, eu não aceito! [...] É igual tirar cópia de CD, piratear um CD. Pirataria é **crime, todo mundo sabe que é crime!** Mas me diga uma coisa, quantas pessoas respeitam isso aqui no Brasil? Aí eu fico pensando a nossa cultura é muito pobre! Agora eu peguei tirei um... um evento aí de 2005, 2006 eu fiz um DVD do seminário, editado tudo ficou muito legal, e no ano seguinte eu dei de presente para o Seki *Shihan* levar cinco CDs. Ele levou! Ele deu de presente para umas pessoas lá no Japão. Alguns praticantes lá do Hombu *Dojō*. No ano seguinte uma pessoa foi para lá, e voltou e falou assim: “Olha aquele CD do Seki *Shihan*, que o Seki *Shihan* deu, o pessoal está pedindo... Você não tem mais para vender? Tem que mandar para lá, o pessoal quer comprar!” Eu falei: “Ah, eu não tenho mais... Não tenho mais. Fala para a pessoa copiar!” “Ah, de jeito nenhum! De jeito nenhum, lá ninguém faz isso!” **Não faz! Não faz nem escondido no quarto dele! Não faz!** Porque na cultura dele é inaceitável isso, ele copiar um CD. Você vê como que a gente está **longe** de chegar a ser uma pessoa correta! Então é isso que eu chamo de *dō*. Assim a gente precisa aprender mais com isso, [a] realmente ser honesto.

Duas distâncias, ou formas de representação, se sobrepõem no relato acima. A primeira diz respeito ao passado como um período melhor do que o presente, no qual tem vigorado a falta de ética e a ausência de valores: “Qual que é o sentido do *dō*? É a evolução tudo bem, mas e aí? Então acabou! Então quer dizer, na realidade a gente está vivendo uma grande assim, um engana o outro e está tudo bem!”⁵⁵ A segunda forma de representação é relativa ao Japão e aos japoneses, sobretudo, ao rigor dos antigos mestres, como Morihei Ueshiba por exemplo, que vem se perdendo. As assimetrias entre as culturas brasileira e japonesa são explícitas na narrativa do Professor Matias e chegam ao seu ápice no exemplo da pirataria de CDs, aprovada tacitamente no Brasil por relaxo moral e “pobreza cultural” e veementemente reprovada em seu relato por “todos” os japoneses, já que “lá ninguém faz isso!” Ou seja, o Brasil adquire os contornos de sua representação na experiência de contraste com o Japão e os japoneses, dessa forma pobreza e passividade civil são expressões empregadas para definir a cultura nacional, ao passo que os habitantes da terra do sol nascente têm o rigor e a austeridade necessários para evitar e coibir qualquer tipo de desvio.

As representações do narrador são obviamente essencialistas e reificam não apenas os japoneses “como um tipo de abstração ideal e inalterável” conforme afirma Said (2007, p.20), mas também os brasileiros e sua(s) cultura(s) que não podem ser

⁵⁵ [03:20:26]

todos englobados num mesmo tipo de classificação genérica e totalizante. Diferente dos discursos de subjugação presentes nas análises textuais realizadas pelo orientalista Edward Said (2007), o Japão é nas palavras do Professor Matias – e de outros entrevistados que participaram desta pesquisa – é um lugar de sobrelevação, de investimento.

Com um tom diferente do marido, a Professora Lilba Kawai têm outra percepção a respeito dos japoneses e de sua cultura. Ao final de sua entrevista, a Professora Lilba foi questionada sobre a possibilidade de escolher entre o Brasil e o Japão, já que mesmo não tendo viajado ao arquipélago japonês sua educação foi fortemente influenciada por um modelo de educação nipônico, fruto do convívio com o pai. Assim, a narradora acrescenta um ponto de vista e representações diferentes do Professor Matias, em função de sua história de vida.

L.K. – Se eu moraria? **Não!** Por quê? Ah, porque assim... Assim ó, o amor que eu tenho pelo Brasil é muito grande. Eu nunca fui ao Japão, passei a minha infância inteira querendo conhecer o Japão, eu ficava: “Pai quando que eu vou?” “Não, este ano não dá!” Pelos motivos que eu te falei. No ano seguinte: “Dá pra ir?” “Não, não dá!” Aí assim, eu peguei e falei assim: “Acho que não é para [eu] ir né?” E assim, a minha vida inteira foi o Brasil! Eu não tenho nem vontade de conhecer o Japão para você ter uma ideia! O Matias queria ir este ano ao Japão. Falou assim: “Não, eu só vou se você for!” Eu falei assim: “Então vá sozinho, porque eu não vou...” “Não é importante pra gente, até pra ter um reconhecimento maior dos alunos...” Porque eles valorizam muito isso, “ah foi no Hombu [Dojo], foi treinar...” aquela coisa! Aí Matias: “Vamos?” Eu falei assim: “Ah vai sozinho, eu ainda não sinto... Primeiro porque eu não estou nem aí para o que os alunos estão pensando! Eles têm que gostar da minha técnica e do que eu sou. E segundo que eu não faço questão!” Aí ele falou assim: “Então vamos no ano que vem conhecer Shimane?” [Aí eu falei] “Ah, Shimane a gente pode...” Mas assim, vai passear conhecer Shimane... Tá eu gosto de aikido, então vou treinar no Hombu e volto.

Conforme relatado no primeiro capítulo, as memórias da Professora Lilba têm algo mais doméstico, e, de alguma forma, seu desejo tantas vezes frustrado de viajar ao Japão acabou embotando sua vontade, “[...] aquela **vontade, sabe aquela? Não tenho a menor vontade de conhecer o Japão!**”⁵⁶ Suas representações sobre os japoneses e seu modo de vida foram fortemente influenciadas pelos sacrifícios aos quais sua família foi submetida para que seu pai pudesse dar continuidade no processo de desenvolvimento do aikido em território brasileiro.

⁵⁶ [00:19:22]

L.K. – Então isso é outra coisa que me... eu tenho uma revolta com o meu pai assim que... Ele não... Ele falava assim: “Aprende a falar japonês que [você] vai para o Japão ano que vem.” Tá bom, aprendi! Nunca me levou! [riso] “**Não, tem que comer bonito senão [você] não vai para o Japão!**” Mas nunca que me levou para o Japão né... Mas assim, o meu pai, ele assim... na verdade ele tinha muitos gastos. Então quando ele trazia o pessoal do Japão, a gente... Ah, eu vou falar, porque está aqui [no roteiro de perguntas] e eu vou ter que falar... A nossa família foi muito privada das coisas, todo mundo vinha do Japão e era aquele abuso sabe? Meu pai quando trazia eram três, quatro [mestres do Hombu Dojo]. Hoje a gente deixa no hotel Matsubara que é um hotel assim três estrelas, não sei duas estrelas... Mas o meu pai só deixava no Maksoud Plaza! Maksoud Plaza... Então assim, quatro pessoas, uma semana, Maksoud Plaza... A diária, a diária é R\$ 1.000,00 e pouco... Então seria sei lá R\$ 1.500,00, não sei quanto está mas é nessa faixa a diária, é... quatro pessoas dá quase R\$ 7.000,00 aí não sei...

E. – Mil todos eles juntos? Todos juntos?

L.K. – Mil reais uma pessoa a diária.

E. – Quatro pessoas se ficarem uma semana [isso] dá R\$ 28.000,00...

L.K. – **R\$ 28.000,00!** Aí, fora isso presentes... Então o meu pai, ele tinha que presentear todas as esposas dos Professores... Então era a minha mãe “H.Stern”! Não sei se ainda tem, faz tanto tempo que eu não vejo joia... [riso] Mas na época era H.Stern. Então a minha mãe ela ia muito triste assim, chateada assim... Não, chateada assim porque pesava né? Comprar joias para presentear as esposas dos Professores. Geralmente minha mãe gostava muito de comprar broches, mas eram broches caros e comprava para dar de presente. Fora isso tinha que presentear os próprios Professores... Comida! Porque não é só hospedar, tinha que levar pra jantar e o meu pai era desse negócio, tinha que levar num lugar muito bom! Então levar quatro pessoas, sete dias, levar pra jantar, almoço, café da manhã... Antigamente era Palmeiras né que a gente tinha o doutor Lemos – José Gomes Lemos – ele era presidente do Palmeiras, então a gente tinha acesso a fazer as demonstrações lá né... Mas assim o meu pai gastava muito dinheiro com isso. **Fora o sharei!**⁵⁷ **O sharei pra todos!** Ó, se a gente com o Seki Shihan a gente tem que dar... quanto que a gente deu de *sharei*... 4 mil dólares? Não, 3 mil dólares, são quase 6 mil reais para o Seki Shihan de *sharei*. Meu pai dava muito mais pra eles de *sharei*! Então a família mesmo a gente tinha que ficar assim ó [se apertando]. Então eu falava pai: “Eu para o Japão?” [Ele respondia] “Não dá ó esse ano vem ele, o fulano, o beltrano, tenho esse gasto e tal... Você não dá... Nem pensar em você” Aí então a gente ficava meio assim né: “pô!” Perto do que eu iria gastar não era nada, podia ir...

Os significados presentes nas representações da Professora Lilba Kawai são diferentes do tom laudatório atribuído aos japoneses na narrativa do marido. Essa diferença de interpretação entre os dois entrevistados é o ensejo para introduzir a noção de apropriação de Roger Chartier (1990, 1991) a qual pode corroborar para a compreensão dos diferentes processos de significação da realidade. Chartier (1991) postula uma abordagem articuladora entre as noções de práticas, representações e apropriações, as quais segundo o autor não podem ser pensadas de forma isolada e ainda

⁵⁷ Remuneração; gratificação.

demandam a consideração de um extenso universo de variáveis. Não obstante a obra de Chartier esteja baseada na história do livro, da edição, e da leitura, é possível fazer um paralelo entre alguns de seus pressupostos e as diferentes formas (práticas) de conhecimento sobre o Japão, suas representações e os distintos modos de apropriação e de atribuição de significado ao seu povo e à sua cultura. Dessa maneira, fazendo um paralelo entre o objetivo do presente capítulo e as proposições de Chartier (1991) é possível pensar a cultura japonesa em suas diferentes formas de manifestação como um texto ou um conjunto de textos, ao passo que sua forma de conhecimento pode assumir o lugar do livro com todas as edições pelas quais passa até chegar ao seu destinatário, e por fim o processo e as práticas de leitura operadas pelo próprio leitor no momento em que está “lendo” interpretando o conteúdo da obra que tem em mãos. Aqui é cabível um esclarecimento sobre o uso metafórico extraído da obra de Chartier, pois há transferências que não são possíveis entre seus exemplos relacionados à história do livro e da leitura. Contudo, seu modelo articulador de análise é o que permite aprofundar as noções de práticas, representações e apropriações empregadas pelos entrevistados ao longo de seus relatos.

Retomando as diferenças entre as biografias do Professor Matias, como um não descendente de japoneses e genro do senhor Kawai, e de sua esposa como nissei e filha senhor Reishin já é possível compreender, ainda que minimamente, suas diferenças de interpretação decorrentes dos “livros” das formas que conheceram o Japão como um “texto”, e das apropriações bastante idiossincráticas que realizaram a partir de suas “leituras”. Assim, ao entusiasmo do Professor Matias em relação à honestidade e virtudes do povo japonês, opõe-se todas as frustrações de sua esposa que quando jovem se esforçou ao máximo na tentativa de viajar ao Japão.

Aproveitando a reflexão oportunizada pelo referencial teórico de Chartier – e de acordo com o objetivo estabelecido no início deste capítulo – é possível pensar os significados pessoais atribuídos ao aikido por parte dos entrevistados, a partir da relação dinâmica e de mútua influência entre as noções de representação(ões), prática(s) e apropriação(ões). Para viabilizar essa análise, é apresentado a seguir um trecho da entrevista do Professor Ricardo Leite, que procura explicar ao entrevistador seu entendimento de aikido.

O que é que você chama de aikido? Primeira questão. O termo arte marcial, você consegue definir? Pra japonês ao se referir a esse termo ele fala *budô*. Se você traduzir *budô* não significa arte marcial! A tradução primária,

comum, corrente é: **caminho do guerreiro**. Também não significa isso. *Bu* não significa guerreiro, simplesmente guerreiro. O que quer dizer guerreiro? Tem uma especificidade... *Do* não significa caminho por si mesmo, não tem... aliás, *bu* não tem especificidade, guerreiro é específico! ***Bu não!*** *Do* não tem especificidade! Caminho sim, caminho é uma via, caminho! *Do* não quer dizer simplesmente isso. Arte marcial é um termo ocidental [que] quer dizer o quê? Também não... é genérico, não significa nada. Aikido significa o quê? *Ai* significa um monte de coisa, *ki* outro monte de coisa, *do* outro monte de coisa... *Aikido* tudo junto significa outro monte de coisa, *aiki* sozinho significa outro [monte de coisa]... Do que é que nós estamos falando quando fala o aikido está se... entendeu? Então quando o cara generaliza, quer dizer é uma generalização... Já é como alguém disse, **em algum ponto a ciência é um assassinato do real**, Porque tem que generalizar pra estudar. É impossível estudar sem você ter certo nível de generalização, mas aikido em si é um termo... Por exemplo, o fundador era no que eu gosto de chamar de locão né? **Era um maluco!** Em termos de experiências espirituais dele, [se] a gente estudar bastante o que foi a sociabilização dele, um homem que teve dois filhos falecidos quando crianças, lutou na guerra russo-japonesa, duas bombas atômicas explodiram no país dele, enfim... [Ele teve] Um encontro com Sokaku Takeda que não era um sujeito de fácil convívio, Deguchi Onisaburo não era um sujeito comum, profundamente significativo, [foram] duas fortes influências para o Ueshiba... Então qual foi a sociabilização dele? E o que significou pra ele? E o que nasceu dele? Que depois o filho e a primeira geração começou a organizar pra poder estudar aquela loucura que era legal, parecia uma coisa boa aquilo lá, parecia uma coisa que podia ser útil... e no pós-guerra o próprio fundador aceitou difundir em massa, ou pelo menos abrir pra difundir em massa... Então veja bem, até então difundir era pra discípulos! E era um convívio, não era organizado, sistematizado, era um convívio da construção dele. Então se organizou, [com] alguma influência da lógica ocidental de didática... o Kisshomaru Sensei com [a ajuda de] alguns discípulos... Não sei se eu vou chegar onde você quer, mas, por exemplo, você pega o [Gozo] Shioda Sensei, [criador do estilo] Yoshinkan. Em qualquer parte do mundo que você ver o cara faz dois movimentos e já chama: “***Yoshinkan!***” O [Morihiro] Saito Sensei que agora saiu chama Iwama-ryu, o filho dele saiu da Akikai, Iwama-ryu, claro você vai em qualquer parte do mundo o cara faz dois movimentos e você: “***Iwama-ryu!***” Shin Shin Toitsu é um pouco mais difícil de identificar, mas você acaba identificando... O que mais que tem, bom enfim...

A narrativa do Professor Ricardo é rica em possibilidades de análise, pois é possível constatar ao longo de suas descrições como um mesmo indivíduo pode apresentar diferentes formas de apropriação acerca de um mesmo tipo de prática como é o caso do aikido. O enunciado acima revela o nível de conhecimento do entrevistado que teve sua entrevista realizada nas dependências da USP (Universidade de São Paulo) pelo fato de estar cursando uma disciplina como aluno ouvinte no Programa de Pós-graduação em Educação Física. A paixão do narrador pelo seu ofício que trabalha exclusivamente ministrando aulas de aikido, fez com que o entrevistado se dedicasse com afinho não apenas ao estudo da história do aikido e de seu fundador, mas a uma compreensão mais aprofundada das noções de arte marcial e de *budô*. Além do conhecimento teórico, o Professor Ricardo foi um dos entrevistados que visitou o Japão

em 1994 e ficou na cidade de Iwama onde o criador do aikido fundou seu dojo particular, o qual posteriormente virou um local de peregrinação de praticantes e mestres da “arte da paz”. Estabelecendo um paralelo entre a perspectiva teórica de Chartier e o relato do Professor Ricardo é possível inferir como o aikido em seu estado primordial – ou o aikido do fundador conforme relata o entrevistado – atravessa um sem número de influências até chegar ao seu receptor final, ou seja, até o seu praticante. Esse raciocínio está sendo aqui descrito com a finalidade de evidenciar as diferenças de apropriação por parte dos entrevistados acerca do aikido e o seu processo pessoal de significação em relação a essa prática marcial. Assim se o aikido original de Morihei Ueshiba for considerado como o “texto” de Chartier (1991), ainda deve ser levado em conta seu processo de “edição” com a institucionalização comandada por seu filho Kisshomaru, e suas diferentes formas de apresentação no formato de “livros” a partir das figuras dos mestres pioneiros do aikido que trouxeram essa prática marcial ao Brasil. Por fim, ainda devem ser acrescentadas as práticas de “leitura” dos diferentes professores de aikido entrevistados ao longo desta pesquisa que imprimiram significados muito particulares aos seus respectivos aikidos. Nessa via, Chartier (1991, p.180) esclarece que

A apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem todas as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.

O fragmento extraído da entrevista com o Professor Ricardo Leite, além de explicitar seu processo pessoal de significação relativo ao aikido, também indica que o aikido tal como ele foi formatado pela Fundação Aikikai do Japão permite uma grande variedade de apropriações por parte dos seus praticantes. Para explicar essa possibilidade, o entrevistado se refere a outros estilos de aikido, criados por ex-alunos de Morihei Ueshiba e que decidiram trilhar caminhos marciais autônomos, como é o caso do Yoshinkan Aikido, do Shin Shin Toitsu Aikido e do Tomiki Aikido.

Tomiki nem é considerado aikido né? Ele⁵⁸ está autorizado por ter convivido [com o fundador]... Mas a própria família Ueshiba não chama de aikido... mas você vê ó: “Tomiki aikido”! E Aikikai? Quando o cara faz um movimento você acha ali identificação Aikikai? Não tem, você não sabe o que o cara é... Quando você não sabe o que cara é, você chama de Aikikai! Então você vê que essa lógica pra mim é muito rica e muito significativa, porque o cara quando tem que se diferenciar, e se determinar, se definir, ele recorta a arte e mostra a cara dele e ó: “Nós vamos por aqui e é desse jeito!” **Mas ele tem que mostrar uma cara definidora, distintiva!** Aikikai não... Aikikai é aikido, aikido, e a gente tem aí uma referência. E eu acho isso uma riqueza enorme, tanto que é uma riqueza enorme a variedade de mestres que tem no aikido **e a Aikikai não determina! Não define o que é! Como é! O que você tem que fazer!** Tem toda a estrutura organizacional e permanece dentro de uma lógica que o próprio criador fundou. O fundador do aikido [dizia]: “Ó a referência é aqui!” A questão é, quando você difunde em massa você tem uma lógica e a lógica de massa é sempre superficial.[...]

A forma de apropriação do narrador pressupõe outras (diversas) formas de apropriação já que o aikido da Aikikai no seu entendimento, mesmo tendo um caráter altamente formalizado e institucional não tem uma característica definida. No prosseguimento da mesma resposta, o narrador evidencia a importância do lugar da técnica na sua formação como aikidoísta. Essa importância pode ser constatada, sobretudo, quando o Professor Ricardo enfatiza com veemência as diferenças entre o antigo mestre, o senhor Kawai, e seu novo Sensei, o senhor Yoshimitsu Yamada:

[...] Quando veio o Yamada Sensei para o Brasil a primeira vez foi um **choque fenomenal!** Ele ensinou [*Shomen Uchi Dai*] *Ich Kyo Omote*, a primeira técnica básica elementar de qualquer praticante de aikido, o nível básico, o bê-á-bá do aikido... e também o alto nível do aikido, ou seja, o fundamento! [...] **Me deu vergonha!! Gigantesca!! Gigantesca!!** Eu queria colocar a faixa branca quando veio o Yamada Sensei ao Brasil... Eu não sabia elementos *básicos*, do **fundamento básico** do aikido! *Shomen Uchi Dai Ich Kyo Omote!*⁵⁹ Entendeu? E ali já estava rodando há um tempão de vida... um tempão de estudo, pesquisa e tal... [...] eu fiquei humilhado, teve gente que desistiu, teve gente que ficou em depressão, sabe? **Foi humilhante, tecnicamente humilhante!** Eu portando um 3º pra 4º dan, já com academia aberta, própria, com alunos, vendo aquele vexame da tamanha ignorância da minha parte foi humilhante positivamente! Ou seja, foi um bloco de concreto gigantesco que foi tudo que eu sonhei na minha vida! Tudo o que eu queria era ter acesso àquele nível de aikido!

A humilhação técnica relatada pelo entrevistado, além de denotar o parco conhecimento marcial de seu antigo mestre que na sua interpretação “não foi preparado no aikido para conduzir as pessoas para transitar do nível básico para o nível superior da

⁵⁸ A pessoa ao qual o Professor Ricardo Leite está se referindo é o Mestre japonês Kenji Tomiki (1900 – 1979). Esse Sensei criou um estilo de aikido competitivo, que por sinal é bastante criticado entre os aikidoístas que praticam o estilo Aikikai mantido pela linhagem de Morihei Ueshiba.

⁵⁹ A técnica descrita pelo entrevistado é uma das mais básicas aprendidas pelos praticantes de aikido. No quadro de técnicas para progressão de graduação, é a primeira técnica cobrada em exames de faixa.

técnica”⁶⁰, também é decorrente de sua nova representação de aikido, produzida pelo encontro com o Mestre Yamada. Retomando a metáfora do mestre como um livro a ser lido e significado por parte do leitor, o narrador se deparou com um novo dispositivo de leitura, com formas tipográficas distintas, e recursos diferentes. No entendimento do Professor Ricardo, nem se pode afirmar que o texto era o mesmo, já que o Sensei Yamada além de ser mais jovem que o senhor Kawai, também havia treinado diretamente com o fundador do aikido. Essa metáfora emprestada da obra de Chartier (1991) visa indicar não tanto as diferenças técnicas entre os dois mestres do entrevistado, mas sobretudo, a nova leitura realizada pelo entrevistado e sua consequente mudança de representação. Para reiterar esse raciocínio é possível recorrer ao próprio Chartier (1991, p.182) que em seus apontamentos sobre a história do livro e da leitura, explica que os leitores

[...] com efeito, não se confrontam nunca com textos abstratos ideais, separados de toda materialidade: manejam objetos cujas organizações comandam sua leitura, sua apreensão e compreensão partindo do texto lido. Contra uma definição puramente semântica do texto, é preciso considerar que as formas produzem sentido, e que um texto estável na sua literalidade investe-se de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os dispositivos do objeto tipográfico que o propõem à leitura.

Assim, além da avidez por um novo horizonte marcial presente no discurso do Professor Ricardo, o Sensei Yamada apresentou ao entrevistado uma edição mais moderna com um projeto gráfico singular de aikido, contendo movimentos mais fluidos e técnicas mais refinadas, compatíveis com seu treinamento marcial que foi realizado no Hombu Dojo, sede da Fundação Aikikai do Japão.

Na continuidade dos relatos, o Professor Bento Guimarães descreve seu modo particular de interpretar e significar o aikido, ou seja, sua forma de apropriação e por consequência de representação dessa prática marcial. O enunciado abaixo também viabiliza a análise dos significados atribuídos aos japoneses e à sua cultura. O Professor Bento ao ser inquirido sobre a prática contemporânea de realizar seminários técnicos com Senseis japoneses responde com veemência:

É uma festa! É uma festa! É uma festa! O aluno finge que estuda e o Professor finge que ensina! É virou isso... E os Professores estão cada vez mais... [riso] O japonês é gozado, o japonês tem muito a coisa de... O japonês de certa forma ele tem uma cabeça de camponês, sabe? De pequeno comerciante... Porque o Japão é uma grande classe média, né? E o japonês

⁶⁰ [01:28:00]

ele se impressiona muito com o ocidental, costumava se impressionar muito, ele ficava assim [boquiaberto]... Eu acho que até hoje ocorre isso, ele fica assim parado sabe sem saber como lidar com o ocidental. Então ele acaba... E o japonês tem **horror** a desagradar né, porque é o negócio da etiqueta do japonês, ele vai querer te agradar o tempo todo, mas ele não vai deixar você entrar na [intimidade dele]... Se aproximar dele! **Nunca!** Vai ser muito agradável, mas vai ter sempre... Uma coisa é japonês e outra coisa é estrangeiro! Isso aí eles não deixam misturar nunca! Mas pra agradar então ele começa a imitar. Ele vê... É que nem criança ele vê qual é a reação que faz você rir, qual é a ação que faz você rir, aí começa a fazer aquela ação porque vê que está agradando! É esse o... Com a arte marcial aconteceu isso também! Aos pouquinhos eles foram eliminando aquelas coisas que o ocidental não gostava, entendeu? E ficou fazendo... Aí se concentrando naquilo que o ocidental gosta, e com isso a qualidade da arte marcial caiu. Esses seminários hoje em dia são uma grande festa, sai todo mundo rindo, não sei o quê... É um verdadeiro show! Um **showman** entendeu? Agora, ocorre muitas vezes o seguinte, que se você for, se você conseguiu ir a uma academia lá no Japão ou coisa assim, hoje em dia está difícil, porque é difícil encontrar um lugar restrito hoje em dia, hoje em dia nada mais é restrito, né? [riso] Mas o ambiente de um pequeno Dojo de interior e tal, que só tenha japonês por exemplo, aí você vai treinar na academia central em Tóquio, eu fui ao Japão em 79 a primeira vez, e eu estava na academia do Kobayashi, nessa época tinha um sueco, e acho que um rapaz da Filândia alguma coisa assim... E eu! Aí você vai treinar na academia central, a academia central é uma metrópole! Tem gente do mundo inteiro treinando todo dia lá! E são várias aulas por dia, cada aula é um Professor, 6º *Dan*, 5º *Dan*, acho que o mínimo lá é 5º *Dan*. Cada Professor tem um estilo, entendeu? Bem diferente um do outro, aquela coisa assim e tal... E o ambiente da academia central é totalmente distinto, **era** totalmente distinto da academia lá onde eu estava, e os japoneses dessa academia eles não gostavam que a gente fosse treinar lá na academia central, eles achavam que isso era uma... Eu sentia na época uma certa reação! Tipo assim, “Pô, você vai se contaminar lá! O aikido mesmo está aqui!”

Cruzam-se no trecho acima, a representação do entrevistado a respeito do aikido e as características contrastantes entre “o japonês” e “o ocidental”. Mesmo tendo viajado ao Japão por duas vezes e permanecido longos períodos de tempo no arquipélago nipônico, o Professor Bento lança mão de referentes no singular para definir os traços peculiares aos japoneses em oposição aos estrangeiros. Suas descrições são globalizantes e carregam sentidos já acumulados sobre características classificadas como inerentes aos habitantes da terra do sol nascente. O filtro de percepção do Professor Bento Guimarães faz com que o Japão seja transformado naquilo que Said (2007) chamou de uma “tela aceitável para o conhecimento do Oriente”. Ou seja, apesar de toda sua experiência e conhecimento, sua perspectiva reduz a nação insular japonesa e os japoneses a algo único, unificado. Obviamente que sua interpretação não está isenta da rede de significados que foram e continuam sendo atribuídos aos japoneses e à sua cultura. Said (2007) explica que um investimento teórico e prático operado por gerações transformou o Oriente num “lá” que pode ser facilmente definido, reificado,

mas que também assume sentidos e significados próprios à consciência ocidental. Nessa via, o autor explica que

Com efeito, o meu verdadeiro argumento é que o orientalismo é – e não apenas representa – uma considerável dimensão da moderna cultura político-intelectual, e como tal tem menos a ver com o Oriente que com o ‘nosso’ mundo. (SAID, 2007, p.24).

A representação de arte marcial – e não apenas do aikido – do entrevistado guarda relação com valores tradicionais que estão se perdendo com a presença estrangeira cada vez maior no Japão. Sua concepção em relação ao aikido é esotérica, restrita, e não está aberta a grandes grupos que têm transformado o rigor e a austeridade próprios da prática marcial em uma verdadeira “festa”, num “show”! A influência perniciosa por parte dos ocidentais revela a associação que o entrevistado opera em sua consciência entre arte marcial verdadeira e severidade de conduta. A interpretação do Professor Bento é eivada de austeridade e rigor, que segundo seu discurso são valores mantidos pelos fechados círculos dos “verdadeiros” praticantes de artes marciais. As representações presentes no discurso do Professor Bento têm uma forte conotação de ortodoxia e procuram marcar a autoridade de sua percepção, de sua visão de mundo. Nessa perspectiva, é possível recorrer a Bourdieu (1983) que ao versar sobre as diferentes formas de disputas pela imposição da visão legítima acerca do mundo social, entende-se representação – explica que

A autoridade que fundamenta a eficácia performativa do discurso sobre o mundo social, a força simbólica das visões e das previsões que têm em vista impor princípios de visão e de divisão desse mundo, é um *percipi*, um ser reconhecido e reconhecido (*nobilis*), que permite impor um *percipere*. Os mais visíveis do ponto de vista das categorias de percepção em vigor são os que estão mais bem colocados para mudar a visão mudando as categorias de percepção. Mas, salvo exceção, são também os menos inclinados a fazê-lo. (BOURDIEU, 2007, p.145).

Dessa forma, recordando que a entrevista é um sempre um encontro dialógico e, portanto, performativo, o narrador ao mesmo tempo em que produz suas representações sobre o mundo social, procura legitimá-las perante o entrevistador. Destarte, ainda que tomadas de forma isolada, as entrevistas realizadas por ocasião desta dissertação não anulam o caráter social dos relatos dos entrevistados. Ou seja, cada pronunciamento presente neste capítulo apresenta uma representação considerada “legítima” por cada um dos entrevistados a respeito da cultura japonesa e também sobre o aikido como prática marcial. A esse respeito, é cabível recordar, segundo afirma Portelli (1997, p.31),

que “A construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com a sua história.” Assim, mesmo que o enunciado do Professor Bento Guimarães assuma um ar de autoridade – fruto de todo seu capital acumulado e decorrente das diferenças em relação ao entrevistador – não se pode desconsiderar que as representações dos outros entrevistados também não estejam investidas de um caráter de autoridade e de legitimidade.

Na continuidade de seu relato, o narrador aprofunda as diferenças entre os brasileiros – leia-se os ocidentais – e os japoneses, a partir de uma experiência vivida durante um de seus treinamentos no Japão:

Uma vez eu presenciei uma cena, tinha um Professor lá, esse Professor tinha estado aqui no Rio, na época em que o filho do Ueshiba esteve aqui no Rio, Kisshomaru, na primeira vez. Esse Professor era o [Ichiro] **Shibata!** Professor Shibata. Ele tinha um aikido muito **violento**, todo mundo tinha medo dele, ele tinha um aikido muito forte, ele era **violento!** E eu fui fazer a aula dele na academia central, e nessa aula devia ter o que, umas cinquenta pessoas treinando uma coisa assim... Um bando de estrangeiros... tudo né, e japoneses, principalmente estudantes universitários. Aí esse Professor Shibata chamava lá um estrangeiro para demonstrar, aí fazia o movimento todo bonitinho, todo certinho, tal não sei o que... Aí chegou um determinado momento eu acho que ele cansou daquele negócio, acho que passou na cabeça dele “bom agora eu vou mostrar pra vocês como é que a gente faz aikido aqui na terra!” E ele chamou um rapaz lá que me parecia ser um estudante universitário japonês. E ele estendeu a mão assim⁶¹, para o sujeito segurar né? Na hora que o cara segurou, ele desferiu um **violento tapa** no rosto do cara, mas o tapa ressoou assim pelo salão inteiro, era um negócio grande né, “**páááááááá**” foi um negócio... [risos] O rapaz, o japonês que levou aquele tapão na cara, *pra ele aquilo ali não foi absolutamente nada!* Continuou lá o movimento tal não sei o que... [riso] Eu achei incrível que aquilo foi uma aula de sociologia, entendeu? “Vocês pensam que nós somos assim como vocês estão vendo aí a gente tratando vocês? Nada disso, nós somos assim ó!”⁶² Ele não faria nunca isso com um ocidental! Não faria nunca isso! [silêncio] É... E isso é que é interessante, entendeu? É importante você perceber isso.

O trecho acima evidencia nas palavras do entrevistado a valorização do caráter de virilidade dos mestres japoneses de aikido. O exemplo do violento tapa desferido pelo Sensei Ichiro Shibata e da impassibilidade do aluno japonês são interpretados pelo entrevistado como exemplos autênticos do modo de vida e do caráter nipônico. Sobrepõem-se na descrição a respeito do tapa, tanto uma representação acerca dos japoneses e de sua “verdadeira” natureza – já que esse os estrangeiros foram poupados

⁶¹ Demonstrando como o Sensei Ichiro Shibata esticou a mão para o *uke* [parceiro de treinamento ou assistente que auxilia o mestre a demonstrar as técnicas] segurá-la.

⁶² Realizando novamente o gesto do rapaz recebendo o violento tapa do Professor Shibata.

da violência do Professor Shibata – quanto uma representação do que é o autêntico aikido. As metáforas e expressões empregadas pelo Professor Bento são indicativos de sua interpretação e forma de apropriação sobre o aikido. Assim, as metáforas de “festa” e “show” utilizadas para definir a realização de seminários técnicos de aikido com grandes contingentes de participantes, contrastam com expressões como “é difícil encontrar um lugar restrito hoje em dia”, “num ambiente de pequeno dojo” ou ainda “você vai se contaminar lá [no Hombu Dojo]!”. Seu discurso tem a marca da distinção, pois no entendimento do entrevistado o aikido considerado verdadeiro é reservado a um pequeno e restrito círculo de praticantes que entendem o significado do que é efetivamente uma arte marcial japonesa. Nesse sentido, é possível relacionar a fala do Professor Bento com aquilo que Pierre Bourdieu (1983) denominou de “estratégias de distinção”. Segundo esse autor,

O ganho de distinção é o ganho proporcionado pela *diferença*, a distância, que separa do comum. E este ganho directo é dobrado por um ganho suplementar, ao mesmo tempo subjectivo e objectivo, o ganho de desinteresse: o ganho que há no facto de alguém se ver – e ser visto – como alguém que não procura o ganho, alguém totalmente desinteressado. (BOURDIEU, 1983, p.14).

No prosseguimento das análises empreendidas neste capítulo, o Professor Adélio Andrade toma a vez e descreve por de sua narrativa, sua forma singular de apropriação sobre o aikido:

Então são coisas que eu aprendi na vida e faço até hoje. Uma coisa que eu faço, **sempre respiração abdominal!** Dificilmente você vai me ver fazendo a respiração só em cima, no tórax. Eu sempre mantenho meu abdômen inflado. Eu faço uma coisa há 70 anos, hoje não tenho mais musculatura no abdômen nem nada... **Qualquer praticante de MMA eu deixo ele chutar ou socar a boca do meu estômago, menos as partes genitais!** Dali pra cima pode chutar, fazer o que quiser! Eu faço isso conversando com ele, não altero o tom de voz, não interrompo a voz, do jeito que eu falo com você agora, nesse tom, não interrompo. Os meus alunos eu procuro ensinar, ensinar, ensinar, nenhum deles ainda consegue fazer isso. Tenho um aikido diferente de todo mundo que você já viu aqui no Rio de Janeiro, em São Paulo, **quicê no planeta!** Ninguém faz como eu faço aikido. **Ninguém!** Nem Shikanai, nem ninguém... O Shikanai ultimamente, sempre que a gente faz um evento, [ele] só está vindo ao Rio de Janeiro umas três, quatro vezes por ano... Todos os nossos exames são presididos por ele, e por mim, quer dizer [os exames] dos meus alunos né! Então nós fazemos os exames sempre, e sempre que há tempo enfim, a gente dá uma aula. Então o Shikanai, mesmo as aulas do Shikanai, ele começa uma aula quando chega no meio da aula, ele passa o comando pra mim. Então na última vez que nós fizemos na Urca, que tinha uns alunos que lecionavam no Forte da Urca, lecionavam lá há muitos anos... Ele estava mostrando como fazia a defesa de *Shomen-uchi* e o Shikanai tem uma técnica que eu admiro, mas não entra na minha cabeça, não tem jeito! Primeiro que eu nunca tive tempo, nem possibilidade de treinar com ele! Assim no sentido pra poder aprender. Quando ele chegou em 75, ele fez lá o

3º *dan* e o sensei Kobayashi, Professor dele, me deu o 2º *dan*. Aliás, o 2º *dan* que é o único que eu realmente prezo, que eu realmente dou valor, porque aconteceu uma coisa, um fato interessante no dia desse exame. O presidente da nossa academia, que era diretor comercial da Globo, da TV Globo, fez exame pra 2º *dan*, o [George] Prettyman que era um aluno que começou com o Nakatani, todo surfista... um cara fantástico! Filho de um Sir, **o pai dele é Sir!** Um inglês, a família inglesa. Ele ia todos os anos para o Havaí treinar com o [Koichi] Tohei... ia para o Japão treinar... Nós – os três – fizemos exame para 3º *dan*, os dois não foram aprovados. Eu fui aprovado **com a maior nota que o Kobayashi deu em todo o exame** pra amarela, pra laranja, pra verde, pra preta, o Bento fez exame também pra preta também passou, enfim... Todos os meus alunos passaram, os dois não passaram e não foi por nada, é que ele [Sensei Kobayashi] deu ataque livre, defesa contra três e os dois foram encurralados e se renderam. Ou seja, a nível de filosofia oriental eles morreram! **E eu golpeie todo mundo, derrubei todo mundo, ninguém me encostou com um dedo!** Então, graças a Deus eu passei por isso com honra pra caramba que foi esse 2º *dan*, porque foi o *dan* que realmente eu tive de verdade! Então é isso...

Diferente da representação genérica de um aikido feito de movimentos suaves e circulares, o fragmento acima revela como o entrevistado interpretou e atribuiu significado ao seu aikido. As forças de influência que atuaram sobre a percepção do Professor Adélio são muitas, algumas delas já descritas nos capítulos anteriores, mas para aprofundar essa reflexão, vale retomar a analogia já registrada entre o aikido e as noções de texto, livro e leitura, mobilizadas por Roger Chartier. Assim, retomando o exemplo do aikido como um texto e de Morihei Ueshiba como seu autor, o Sensei Nakatani pode ser representado como um livro com um formato tipográfico único – experiências de vida, conhecimentos, técnicas possibilidades corporais, etc. – e ainda sujeito àquilo que Chartier (1991) denominou de o “horizonte de expectativas do leitor”, neste caso, o Professor Adélio Andrade. Enfatizando a necessidade de uma perspectiva articuladora entre práticas culturais, representações e apropriações, Chartier (1991, p.189), versando sobre a história do livro e da leitura explica que

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, segundo a qual o texto existe em si, separado de toda materialidade, é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor. Daí a distinção indispensável entre dois conjuntos de dispositivos: os que provêm das estratégias de escrita e das intenções do autor, e os que resultam de uma decisão do editor ou de uma exigência de oficina de impressão.

Para corroborar com o raciocínio aqui proposto, é possível citar alguns dos fatores que participaram do processo de edição da “obra” lida e significada pelo Professor Adélio. Trata-se de influências que atuaram sobre o Sensei Nakatani e por consequência sobre o seu aikido, como por exemplo: o fato de ter se graduado como

faixa preta em judô antes de começar a treinar o aikido, ou sua experiência como escalador conforme relatado pelo Professor Adélio no primeiro capítulo desta dissertação, ou ainda sua rápida preparação como aikidoísta antes de viajar ao Brasil. Ainda que sejam poucos exemplos, os fatores aqui indicados evidenciam como o aikido não pode ser tomado como uma representação unificada e estática, imune a qualquer tipo de influência ou ressignificação. Além dessa rede de influências que consolidou o aikido do Mestre Teruo, deve-se considerar o processo de leitura descrito pelo próprio Professor Adélio. Nessa perspectiva, Chartier (1991, p. 179) explica que “Os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante [...]”, ou seja, o próprio processo de leitura de um livro ou de consumo de um bem ou elemento cultural – como é o caso do aikido – também se traduz numa forma de produção de novos sentidos e significados. Por isso, conforme afirma Chartier (1990, p.59) as representações do leitor “[...] nunca são idênticas às que o produtor, o autor ou o artista, investiram na sua obra.” Assim, ainda que com um forte contraste em relação à imagem amplamente consolidada do aikido como a “arte da paz”, o processo de apropriação e representação do Professor Adélio possui o significado que o entrevistado forjou por meio das condições e circunstâncias a partir da qual “leu” o aikido do Mestre Nakatani. Portanto, ainda que sua forma de apropriação gere sentidos que se distanciam do lugar comum geralmente atribuído ao aikido é possível afirmar que sua interpretação segue uma lógica própria, a qual, pode por exemplo, ser constatada no enunciado abaixo:

Dentro daquilo que é possível eu faço muitas coisas diferentes, tanto que os meus alunos... Por exemplo, criar golpes. Meus alunos chamam “Aikidélío” porque não faz parte do aikido. Então eu introduzi dentro da minha técnica do aikido, por exemplo, **armlock! Eu dou armlock em pé, em fração de segundos! Katagatame⁶³ que eles fazem no chão, eu encaixo ele em pé, em fração de segundos! E não faço força nenhuma!**⁶⁴

Sem perder de vista que a relação de entrevista é sempre performática, o Professor Adélio explica sua inventividade ao introduzir novas técnicas em seu aikido, fundindo assim elementos da cultura marcial japonesa com práticas contemporâneas de modalidades esportivas de combate, como é o caso do MMA.

Seu modo de apropriação é único, quase caricata, e sua representação de aikido tem fortes traços de comparação e competitividade. A importância que o entrevistado concede aos níveis de graduação, aos exames, e à efetividade prática das técnicas que

⁶³ Katagatame é estrangulamento do jiu-jitsu e do judô, aplicado quando os praticantes estão no solo, e um deles passa um dos braços por baixo do pescoço do oponente e o outro por fora do braço do adversário que está esticado.

⁶⁴ [00:57:47]

domina, expressa a que o Professor Adélio atribui valor em seu aikido. Sua narrativa traduz – ainda que de maneira exagerada e jactanciosa – o caráter distintivo e singular de seu estilo marcial, o “Aikidélio”. Os fragmentos recortados da entrevista realizada com o Professor Adélio também permitem explorar a noção de “agenciamento” presente na obra de Chartier (1990), a qual segundo o autor pode ser explicada como a margem de reemprego disponível de práticas culturais diversas, como é o caso do próprio aikido. Dessa forma, tanto o Professor Adélio quanto os outros entrevistados, desempenham um duplo papel, o de leitores e de livros, uma vez que todos continuam ministrando aulas aos seus alunos, aumentando assim a rede de representações e apropriações em torno do aikido.

Na esteira das análises sobre práticas, representações e apropriações, o Mestre Ishitami Shikanai procura explicar ao entrevistador quais são, em seu entendimento, as principais diferenças culturais entre japoneses e brasileiros, especialmente, no que diz respeito ao treinamento marcial. Revelam-se em sua narrativa, as representações de um issei sobre a própria cultura, assim como suas representações sobre a cultura e o “jeito” brasileiro de praticar o aikido. Seu inventário das diferenças entre japoneses e brasileiros, também permite entrever sua forma de apropriação e os significados que atribui ao aikido como caminho marcial.

Na contramão da construção narrativa do Professor Adélio Andrade, o Mestre Shikanai explica que aquilo que mais o incomoda no comportamento dos brasileiros são as mudanças ou os “agenciamentos” realizados ao seu bel prazer no aikido, mas também sua forte tendência à competição e comparação:

[...] porque brasileiro recebe mas procura seu jeito! Esse cultura brasileira! Esse cultura aparecer quando mudança de governo! Por exemplo, se governo de PT fazer uma coisa e outro não tem nada a ver com compromisso de PT, desfazer tudo! **Esse é tudo cultura do Brasil! Esse único que não concordo isso!** [riso] O único que não concordo, o resto eu concordo! [riso] Porque Japão não tem nada! É cheio de catástrofe natural! Se desperdício, se não tiver cooperação, não consegue sobreviver! Se esse cultura japonesa se prantar aqui no Brasil nossaaaa... Esse que é grande... senti, até agora sente. O resto aqui maravilha. E japonês... você viu aquele catástrofe, aquele terremoto de Sendai⁶⁵? Calmo né? Não aparece! Esse cultura japonesa. Aqui se tiver catástrofe, “**Ahhhhhhhhhhhhhh!!**” Cada mamãe grita: “**Ah meu filho, minha filha!!!**” [riso] Japonês não. Porque esse catástrofe vai reclamar pra quem? [riso] Não tem como reclamar, o importante é levantar amanhã! Porque é [inaudível] todo ano vem! Então é cultura diferente. Esse arte

⁶⁵ A cidade de Sendai é a capital da província de Miyagi, no Japão, e a maior cidade da região nordeste da principal ilha da nação japonesa, Honshu. No dia 11/03/2011 a cidade foi atingida por uma onda gigante (Tsunami) que varreu a costa do Japão matando pelo menos 228 pessoas e causando grande destruição.

marcial japonesa tem que fazer saudação começo da aula, final da aula... Eu admiro brasileiro não reclama nada, aceita né? Mas hoje em dia esse globalização... às vezes como esse onda de MMA talvez vai pouco a pouco influenciar para negativamente... Esse quero manter cultura japonesa aqui, porque brasileiro aceita! Transmissão individual para manter essa arte. Se transmissão manter, individual aí não quebra. Esse do governo político está fazendo totalmente é diria diferente! Quando muda governo leva diretoria, muda diretoria, muda tudo, vai começa tudo de novo, não manutenção, nada de construir novo, como orçamento novo, com próprio dinheiro, orçamento não cuida nada! Esse transmissão individual, meu compromisso, porque eu faço informação dou para você é assim, é diferente do outro, porque eu cuido você! Claro que você esse diferente, planta que planta aqui, leste, canto de leste, canto do oeste, é claro que diferente! Direção do sol diferente, terra diferente, então eu tenho que cuidar. Esse transmissão individual é assim. Não é eu gostar ensina, e se não gostar ensina... [inaudível] ensino, claro que ensino! Mas esse melhor não garante bom para você... Aí quando é choque cultural, eu estive aqui Associação Carioca de Aikido né, eu ensinei para você, aí vem outro assim [fica olhando], aí um descendente de árabe, ele me disse assim ele falava pouco inglês, não falava português, ele me pergunta em inglês: “Shikanai, ó você falou para ele assim, para mim assim, qual é melhor?” “Não, o que eu falei para ele é melhor!” “Então porque não me ensinou?” “Não, eu falei para você, melhor para você!” [risos] Custa para explicar... [risos] Custa para explicar...

A análise do relato do Sensei Shikanai demanda um cuidado redobrado, pois sua condição de imigrante pode levar àquilo que Alberti (2003) denominou de o “fascínio do vivido”, o qual segundo a autora é uma consequência de dois paradigmas no trabalho com fontes orais, a interpretação hermenêutica e a idéia do indivíduo enquanto valor.

Práticas e valores muito “infiltrados” em nosso modo de ver o mundo correm o risco de parecer coisa dada, verdades absolutas, comuns a todas as culturas. É o que acontece com os dois paradigmas aqui destacados. O modo de pensar hermenêutico, que privilegia a *interpretação* do mundo com vistas à busca de um sentido profundo das coisas, inclusive da história e das biografias, é tão difundido – nos livros, nos filmes, nos meios de comunicação, na academia, nas terapias etc. – que mal podemos imaginar que possa haver outras possibilidades. O mesmo se passa com o indivíduo como valor. Ambos são totalizadores, fixam sínteses e sentidos. (ALBERTI, 2003, p.4).

Dessa forma, o local e as condições a partir das quais o Mestre Shikanai fala, podem fazer supor que sua visão de mundo tem maior autoridade em relação aos outros Professores que participaram desta pesquisa, por isso a necessidade de cautela no que diz respeito à sua narrativa.

O olhar do interlocutor japonês sobre os brasileiros e sua cultura também é por sua vez totalizante. Entretanto, no caso de pesquisas com fontes orais, é exatamente no exercício das generalizações que valores e impressões subjetivas são registrados. Nesse

sentido, à apropriação que o senhor Shikanai realizou sobre o aikido⁶⁶, devem ser acrescidas as representações apreendidas em sua terra natal – sobre a cultura japonesa, sobre o aikido e também sobre a cultura dos brasileiros – bem como, as novas representações adquiridas desde sua chegada ao Brasil. A respeito dessas representações apreendidas em solo brasileiro, é adequado indicar que elas também se estendem ao aikido e às artes marciais em geral, à cultura japonesa, e à própria noção de cultura brasileira. Para aprofundar essas reflexões acerca do relato do Sensei Shikanai, é oportuno recorrer ao referencial teórico de Ernani Oda (2011), pois esse autor explica que a compreensão da noção de cultura japonesa – e aqui o termo “noção” está sendo adotado com o mesmo sentido de “representação” – e de seus desdobramentos no próprio Japão e nos países estrangeiros só é possível a partir da mobilização de conceitos como nacionalismo e globalismo. No entendimento do autor, os próprios japoneses foram influenciados por uma visão totalizante de cultura, a qual passou a ser perpetuada após a década de 1990 marcada pelo início de um período de recessão econômica e de grande instabilidade social. Oda (2011, p.112) explica que

Como todo objeto de consumo, esta noção de cultura japonesa está claramente inserida em um mercado global. Ela deve, portanto, ser atraente não somente ao consumidor interno do Japão, mas também a outros países, cuja aprovação passa a ser determinante para o *status* e o valor dessa “cultura japonesa”. Daí a necessidade paradoxal de construir um nacionalismo que precisa ser reconhecido em escala global. Por isso mesmo, a mídia japonesa não se cansa de realizar reportagens sobre a disseminação da cultura japonesa no mundo por meio da literatura, das histórias em quadrinhos, dos desenhos animados, ou do cinema, que são apontados como sinal do vigor da cultura e da sociedade japonesas.

No discurso do Mestre Shikanai aparecem os reflexos desses traços considerados como característicos da cultura japonesa. A importância que o entrevistado concede à transmissão – a qual não deve ser “quebrada” – evidencia uma noção “tradição” comumente associada à cultura do povo japonês, e principalmente às artes marciais nipônicas. A tradição no entendimento do Mestre pioneiro está associada a uma continuidade cristalizada e imutável. Esse entendimento por parte do interlocutor pode ser captado tanto no fragmento acima, quanto em outro trecho de sua entrevista no qual o Sensei Shikanai relata que o seu primeiro aluno no Brasil – o Professor José Macau –

⁶⁶ Isso também vale para os outros tipos de caminhos marciais que o entrevistado treinou no Japão, o *Jodo* e o *Iaido*.

hoje residente em Israel, conserva tudo o que aprendeu com seu Mestre: “Ele cabeça diferente! Tudo que ensinei, ele guarda conserva!”⁶⁷

A receptividade dos brasileiros aos valores e costumes japoneses, não obstante as distâncias, geográfica, étnica, histórica, política, etc., faz com que o Mestre Shikanai vislumbre a possibilidade de manter seu aikido, sua cultura e seu legado ainda que não seja em sua terra natal. Paralelamente, o entrevistado reconhece que a manutenção de seu aikido – entenda-se de suas representações e de sua forma particular de apropriação sobre o mesmo – corre o risco de se perder, sobretudo, em consequência da globalização e dos valores preconizados pelo mundo contemporâneo:

Quando coisa negativa tudo a gente fala nome da globalização né? [riso] Esse globalização influenciou mal, e às vezes perde controle, perdendo coisa valor... Coisa importante a gente está perdendo eu acho. Nome melhor, mas essas coisas mudando nome às vezes perdendo as coisas boas.

Como já indicado na discussão da narrativa do Professor Bento Guimarães, ao mesmo tempo em que o entrevistado descreve suas impressões, ele produz para si representações sobre o mundo social e tenta – de maneira mais ou menos consciente – legitimá-las perante o entrevistador. No caso do Mestre Shikanai isso também ocorre, e a autoridade da qual está investido é fruto de sua origem nipônica e dos conhecimentos e técnicas apreendidos ao longo de todo o seu treinamento marcial.

Para concluir este capítulo, é oportuno esclarecer que mesmo sendo tomadas em sua singularidade, as práticas, representações e apropriações descritas pelos entrevistados estão inscritas em limites coletivos. O que se procurou evidenciar, no entanto, não foram possíveis disputas de representações cuja finalidade é segundo Chartier (1991) o ordenamento e, portanto, a hierarquização da própria estrutura social. O valor das práticas, apropriações e representações aqui registradas, está justamente na presença da subjetividade com toda sua parcialidade, seus significados e idiosincrasias. Além das práticas relatadas pelos entrevistados, de suas representações e apropriações sobre o aikido e sobre a cultura japonesa, devem ser acrescentadas as próprias representações e apropriações do pesquisador que por sua experiência breve de treinamento no aikido também influenciou as narrativas e descrições dos entrevistados.

Assim, sejam quais forem as intenções que tivermos, o trabalho que realizamos adquire uma dimensão dialógica intrínseca, na qual nossas

⁶⁷ [02:03:42]

interpretações e explicações (expressamente claras) coexistem com as interpretações contidas nas palavras que reproduzimos de nossas fontes e, ainda, com as interpretações que os leitores delas fazem. [...] Conseqüentemente, aquilo que criamos é um texto dialógico de múltiplas vozes e múltiplas interpretações: as muitas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores. (PORTELLI, 1997b, p.27).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso demonstrar a arte! É preciso demonstrar a arte... Porque senão você é um intelectual. Por isso, você pode fazer um belo trabalho científico, mas isso não vai transformar você num artista marcial. *Artista marcial tem que fazer a arte!*

Prof. Bento de Freitas Guimarães - 6º dan de aikido

Não sendo historiador das práticas desportivas, faço figura de amador entre profissionais e tudo o que posso é pedir-vos, segundo a fórmula, que tenham “espírito esportivo”...

Pierre Bourdieu - *Questões de Sociologia* (1983)

As narrativas registradas ao longo de cada um dos capítulos desta dissertação indicam a riqueza e a fecundidade do aikido como objeto de estudo, mas principalmente da subjetividade como possibilidade de investigação científica. Gradualmente o estudo da(s) individualidade(s) tem sido valorizado pelo meio acadêmico como forma de conhecimento alternativo na interpretação de fenômenos sociais. No caso do trabalho com fontes orais, Alberti (2004, p.15) explica que:

Em muitos casos, a entrevista de história oral nos acena com a chance, ou ilusão de suspendermos, um pouco que seja, a impossibilidade de assistir a um filme contínuo do passado. Quando isso acontece é porque nela encontramos a “vivacidade” do passado, a possibilidade de revivê-lo pela experiência do entrevistado. Não é à toa que a isso muitos dão o nome de história (ou memória) “viva”.

Mas concordamos todos que a impossibilidade de restabelecer o vivido é coisa dada. Não existe filme sem cortes, edições, mudanças de cenário. Como em um filme, a entrevista nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente. A memória, já se disse, é a presença do passado.

As distintas manifestações de artes marciais ou caminhos marciais de origem japonesa, carregam consigo noções bastante caras, principalmente, ao terreno da história e da historiografia. Memória, história, passado, tradição, ancestralidade, linhagem,

modernidade, avanço, desenvolvimento, institucionalização, difusão – entre outras – são expressões que acompanharam os discursos dos professores entrevistados por ocasião da presente pesquisa.

As diferentes formas de enquadramento da memória nos termos de Pollak (1992) também são alternativas emprestadas individualmente à realidade social, e eventualmente esses sentidos podem ser compartilhados por diferentes sujeitos. Por isso, mesmo que o aikido tenha em seu bojo o significado de “arte da paz” conforme insistem em afirmar alguns de seus estudiosos como, por exemplo, John Stevens (2002) e Stanley Pranin (2010), as interpretações acerca desse caminho marcial não são e não podem ser livres das idiossincrasias e interpretações pessoais de seus praticantes.

A chegada do aikido ao Brasil inaugurou um campo de práticas sociais compartilhadas e passou por diferentes formas de apropriação e significação. Brasileiros se graduaram e instituições foram criadas para manter e desenvolver o trabalho iniciado pelos Mestres imigrantes Reishin Kawai, Teruo Nakatani e Ichitami Shikanai. Entretanto, o que se observou a partir da análise das memórias recolhidas durante a realização das entrevistas para esta dissertação, é que a memória pode ser simultaneamente um objeto de investimento e de disputa, visto que pode ser convertida em diferentes formas de capital de acordo com o mercado em questão. Como investimento, a memória pode ser compreendida a partir do trabalho de enquadramento da memória descrito por Michael Pollak (1992). Ou seja, para além das características inerentes à memória (construção, desconstrução, reconstrução e esquecimento) é possível indicar um trabalho nos níveis pessoal e coletivo de “organização memorial” que evidencia diferentes estratégias com a finalidade de sobrelevar a figura de cada um dos mestres pioneiros e de seus respectivos aikidos. Como capital, a memória pode assumir diversas roupagens (capital simbólico, capital social, capital cultural, capital econômico, etc.) e está sujeita às leis de cada mercado nos quais há a possibilidade de realização de trocas e obtenção de lucros dos mais diversos. Nesse sentido, é importante recorrer à noção de “conversão de diferentes espécies de capital em Bourdieu (1983, p. 61) que explica:

Para que se torne operante, é necessário fazê-lo sofrer uma transmutação: é a função por exemplo do trabalho mundano que permitiria transmutar o capital económico – sempre raiz em última análise – em nobreza. Mas não é tudo. Quais são as leis segundo as quais se opera esta reconversão? Como se define a taxa de câmbio segundo a qual se troca uma espécie de capital por outra? Em qualquer época, há uma luta de todos os instantes a propósito da taxa de conversão entre as diferentes espécies, luta que opõe as diferentes fracções da

classe dominante, cujo capital global atribui uma parte maior ou menor a esta ou àquela espécie.

Assim, mesmo com a forte conotação de paz e conciliação, o aikido tem apresentado feições de uma disputa já instalada, a qual pode ser constatada na retomada de sentenças extraídas das narrativas dos Professores Matias de Oliveira e Adélio Andrade. O primeiro assegura, sem hesitar, que o sogro recebeu uma incumbência para se tornar pioneiro do aikido: “Você vai tomar conta do aikido na América do Sul! Lá no Brasil e tal...”. Já o segundo, afirma energicamente para não deixar rastro de dúvida: **“Mas aikido de verdade mesmo, quem implantou no Brasil foi Sensei Nakatani!** Porque praticantes, os alunos do Kawai, costumam dizer que ele veio primeiro. Veio primeiro, mas não com o aikido!” Observando afirmações como essas, é possível aproximar a metáfora de “investimento” memorial indicada por Pollak ao conceito de capital de Bourdieu. Isso porque, segundo o próprio Pollak (1992), além do trabalho pessoal de enquadramento da memória, há também aquilo que o autor denominou de o “trabalho da própria memória por si mesma”.

Ou seja: cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização. Por exemplo, a partir do momento em que o Partido Comunista amarrou bem a sua história e a sua memória, essa mesma memória passou a trabalhar por si só, a influir na organização, nas gerações futuras de quadros; os investimentos do passado, por assim dizer, *renderam juros*. (POLLAK, 1992, p.206, grifo nosso).

Assim, é importante não perder de vista a articulação entre esse duplo trabalho memorial, individual e coletivo, apontado por Pollak, os quais afetam de maneira direta os sentidos e significados conferidos à chegada e ao início do aikido em solo brasileiro.

As narrativas coligidas ao longo desta dissertação formam não uma rede, mas um intrincado emaranhado de memórias, que em alguns momentos possuem significados próximos e em outros, possuem sentidos antagônicos e diametralmente opostos. Acrescente-se ainda, a participação do pesquisador como coprodutor de memórias a partir de seu próprio enquadramento ou de sua “moldura de referência prévia”, conforme indica Portelli (1997a). Dessa maneira, um conjunto de interpretações se sobrepõe na presente dissertação – incluindo os sentidos emprestados pelos leitores – formando um sem número de camadas que talvez distanciem as narrativas dos entrevistados de suas intenções originais, produzidas em seus respectivos contextos de entrevistas. Por isso, é cabível recordar que um trabalho de história oral

como este, se baseia não nos aspectos factuais da memória, mas em sua natureza semântica. A esse respeito Alessandro Portelli (2010c) afirma que

[...] a história oral é menos o ‘testemunho’ de eventos e mais uma ‘construção’ feita de palavras por meio da cooperação de editores, entrevistadores, testemunhas e narradores, cada um deles buscando através da linguagem, dar forma e significado à experiência e à memória. (PORTELLI, 2010c, p.187).

Além do caráter de disputa observado nas memórias de alguns dos entrevistados e é necessário enfatizar que o tipo de disputa a que aqui se faz menção não é uma disputa bipolar, entre uma memória oficial e outra pouco conhecida ou “subterrânea” para utilizar outra expressão de Pollak (1989), mas há muitas memórias que concorrem de forma direta ou indireta arrolando valores distintos tais como: tradição e transmissão individual, oficialidade e instituição, expertise técnica e destreza marcial, etc. Mais do que dissonância, talvez a palavra correta a ser empregada no caso das narrativas aqui recolhidas seja polifonia. A inscrição pessoal na história e a valorização das próprias memórias é uma característica bastante observada no trabalho com fontes orais. No caso dos professores entrevistados para a realização desta pesquisa essa característica se mostrou bastante acentuada, sobretudo, por sua ligação com um dos três mestres pioneiros do aikido no Brasil. Um dos entrevistados, o Professor Ricardo Leite da Silva, procurou ao longo de seu relato, tentar demonstrar ao pesquisador, porque há tanta necessidade de valorizar ou sobrevalorizar o próprio mestre:

No Brasil pra ser simples e sincero, muita gente – e não foi só o Kawai Sensei, eu estou usando ele só como exemplo, porque é claro você na sua pesquisa vai encontrar isso – **endeusa o mestre!** Pra quê? Porque eu estou aqui [demonstrando o nível] e eu preciso ter importância, eu não sou um ser insignificante, eu sou um ser especial, eu sou eu! Minha mãe sabe quem sou eu... só eu e minha mãe sabemos quem sou eu. E vou dizer pra você quem sou eu: “eu sou discípulo desse grande mestre!” [dando um exemplo] E nem sempre o cara é um grande mestre...

A legitimidade é um dos pontos centrais das disputas observadas ao longo do das entrevistas que constam nesta dissertação e mesmo naquelas que ficaram de fora deste trabalho. No entanto, a definição – e o reconhecimento – das trajetórias e imagens dos respectivos mestres pioneiros vem se dando dentro de uma dinâmica complexa e que deve levar em consideração diversos fatores, como por exemplo, o público atual de praticantes de aikido e suas características. Trata-se de uma intrincada relação entre os produtores de bens simbólicos – como as graduações alcançadas por meio do

treinamento continuado, o fato de pertencer a um grupo vinculado a determinado mestre pioneiro, ou ainda treinar em uma instituição reconhecida internacionalmente, etc. – e sua relação com outras instituições e agentes que participam do mesmo campo, bem como com seus respectivos consumidores. Nessa perspectiva, é possível estabelecer um paralelo com uma das análises empreendidas por Bourdieu (2013) acerca do campo da arte⁶⁸:

Todas as relações que os agentes de produção, de reprodução e de difusão, podem estabelecer entre eles ou com as instituições específicas (bem como a relação que mantêm com sua própria obra), são mediadas pela estrutura do sistema das relações entre as instâncias com pretensões a exercer uma autoridade propriamente cultural (ainda que em nome de princípios de legitimação diferentes). Destarte, *esta estrutura das relações de força simbólica* exprimem-se, em um dado momento do tempo, por intermédio de uma determinada *hierarquia das áreas, das obras e das competências legítimas*.

Cabe observar, contudo, que a diversidade de concepções – discursos e práticas – acerca do aikido relativas às experiências de cada um dos professores aqui entrevistados, traduz não apenas suas idiossincrasias, mas também indica um campo relativamente novo dentro do contexto nacional. Dessa forma, os bens simbólicos produzidos dentro do espaço de relações originado pela inserção do aikido no Brasil, ainda seus contornos, ou seja, sua natureza e características, dentro de um mercado de trocas que gradualmente vem se ampliando. O que se observa na atualidade é uma formalização cada vez maior, decorrente de um amplo processo de institucionalização pelo qual o aikido está passando. Processo esse, que não está ocorrendo apenas em solo brasileiro, mas em todo o mundo, e que é uma consequência de um movimento de institucionalização iniciado no próprio Japão, por meio da Fundação Aikikai, criada pelo filho do fundador da “arte da paz”. Esses novos valores podem ser fatores decisivos, tanto para os futuros relatos dos professores que participaram desta pesquisa, assim como para outros agentes que sejam entrevistados – praticantes, professores ou outros – e que percebam a memória como um capital que pode gerar um sem-número de dividendos, desde que reconheçam as leis do mercado de trocas (simbólicas) em questão, e saibam lançar mão das estratégias e posicionamentos mais favoráveis.

⁶⁸ Cabe registrar que a análise de Bourdieu (2013) no capítulo 3 – “O ensaio dos bens simbólicos”, não está adstrito ao campo da arte, pois dentro desse mesmo capítulo o autor faz menções à vinculação do campo artístico com o campo educacional – que define os atuais e futuros produtores e consumidores das mais variadas manifestações de arte em função de sua formação – bem como estabelece paralelos com o campo religioso.

Além das características próprias às diferentes formas de disputas, constatadas nas descrições dos entrevistados, não se pode perder de vista a riqueza e a singularidade de seus relatos, todos eles irrepetíveis. Essa é, segundo afirma Portelli (1997b), uma das primeiras lições de ética no trabalho de campo com fontes orais.

Cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias *em potencial*, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados. Como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência. [...] Cada entrevista é importante, por ser *diferente* de todas as outras. (PORTELLI, 1997b, p.17)

Outra constatação decorrente da pesquisa aqui empreendida é a respeito da formação das identidades de cada um dos entrevistados. É impossível pensar a memória sem a identidade como seu “substrato”, conforme afirma Delgado (2010). A polissemia conferida ao aikido é indissociável da biografia de cada um dos entrevistados, demonstrando inclusive a impossibilidade de extrapolar (generalizar) entendimentos e noções sobre a “arte da paz”. Obviamente que o sujeito não pode ser compreendido fora dos limites sociais e históricos aos quais está subordinado, entretanto, no limite, sua participação é sempre pessoal e suas impressões e percepções são registradas à luz de sua história de vida. É esse olhar “microscópico” sobre o sujeito – o qual por vezes inviabiliza qualquer tipo de generalização – que Portelli (2010a) define como micro-história. Isso porque, segundo o autor italiano, dentro de um evento coletivo, os significados individuais são escolhas: “Isto é, dentro do evento coletivo as pessoas chegam com uma multiplicidade vivida de histórias pessoais.” (PORTELLI, 2010a, p.46).

Reitera-se o papel do pesquisador na construção da identidade do entrevistado, primeiramente ao modular suas respostas por meio da experiência de entrevista, posteriormente na passagem do oral para o escrito, e finalmente a partir da edição operada nos textos para que sejam apresentados em seu formato final a ser publicado. Ou seja, mesmo em relação às identidades individuais de cada um dos professores aqui entrevistados, não se pode tomá-las como identidades reais, concretas, pois o processo de construção pelo qual passaram até sua apresentação final não dá margem a qualquer facticidade ou concretude. Mesmo assim, é importante recordar conforme afirma Delgado (2010, p.62) que as pesquisas acadêmicas que privilegiam a oralidade e que têm como matéria prima a memória “[...] contribuem para a

relativização das interpretações que tendem a sobrevalorizar as totalidades em detrimento das especificidades e dos particularismos.” Além do papel ativo na produção das identidades dos entrevistados, é necessário acrescentar que o pesquisador sempre sofre influências, coerções – diretas e indiretas –, visto que os participantes de sua pesquisa ainda estão vivos e terão acesso ao texto final. Nesse sentido, Amado (1997, p.148) explica que a antecipação das consequências de uma publicação com fontes orais “[...] interfere na elaboração do trabalho, fazendo com que o historiador seja especialmente cuidadoso na redação da pesquisa e, até mesmo, que omita uma ou outra informação capaz de gerar tormentas para si próprio.”

Na esteira desses apontamentos é oportuno considerar que há uma íntima articulação entre a memória, a identidade e as representações. As representações de cada um dos entrevistados desta pesquisa refletem simultaneamente seu lugar e sua participação em eventos coletivos, mas também seu processo pessoal de significação e de apropriação de um elemento cultural originário de um país tão distante como o Japão. Estabelecendo outro paralelo com a obra de Chartier (1990), é possível conceber o aikido como um “texto” passível de ser lido e interpretado de acordo com o seu leitor, neste caso, de acordo com cada um dos professores entrevistados:

Por outro lado, esta história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga ideia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a crítica tinha obrigação de identificar –, dirige-se às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação. (CHARTIER, 1990, p.27-28).

A trajetória de cada um dos mestres pioneiros, com seus respectivos mestres e estilos marciais, os locais onde praticou aikido, seu tempo de treinamento, seus colegas de tatame, e uma série de outras variáveis poderiam ser tomadas como as influências na produção do “livro” de Chartier. Ao mesmo tempo, os locais onde os mestres pioneiros do aikido no Brasil aportaram, os locais onde ensinaram, seu estilo marcial já eivado de significados e características pessoais, suas dificuldades de adaptar conceitos e informações originárias da cultura japonesa ao pensamento e vocabulário dos brasileiros, entre outros fatores podem ser considerados como elementos constituintes do “livro” propriamente dito, o qual viria a ser lido posteriormente pelos professores de aikido que participaram deste estudo. Acrescente-se ainda, a visão de

mundo de cada um desses professores, sua biografia, seus colegas de tatame, suas dificuldades corporais com a prática, o tempo despendido ou não em um aprofundamento teórico a respeito do aikido, seu tempo de treinamento, a rapidez ou a morosidade com que evoluiu dentro dos níveis de progressão técnicos e de graduação, etc. e aí se terá uma noção do universo do “leitor” e dos significados que atribuiu e continua atribuindo ao aikido e ao seu respectivo mestre. Levando essas informações em consideração, é possível recorrer a um trecho da obra de Chartier (1990, p.58) que explica que não se pode “Agir como se os textos (ou as imagens) tivessem significados por si mesmos, fora das leituras que os constroem [...]”. O autor ainda complementa informando que as representações do leitor “[...] nunca são idênticas às que o produtor, o autor, ou o artista, investiram na sua obra.” (CHARTIER, 1990, p.59). Seria inevitável portanto, constatar a pluralidade de sentidos atribuídos ao aikido, à sua chegada e difusão em terras brasileiras, a partir da perspectiva de cada um dos professores aqui entrevistados. Essas considerações não estão adstritas ao aikido, mas também podem ser estendidas às noções e interpretações sobre a cultura japonesa, geralmente representada como uma totalidade orgânica indiferenciada (ODA, 2011).

Longe de esvaziar o sentido do aikido, a multiplicidade de visões sobre esse elemento proveniente da cultura nipônica atribuiu à presença desse caminho marcial – na perspectiva dos entrevistados – novos significados, alguns deles bastante distintos de sua concepção original.

Por fim, o que não pode ser esquecido é o enriquecimento da experiência acadêmica e de vida do pesquisador em virtude de todas as viagens e entrevistas realizadas com cada um dos professores que cedeu seu tempo, sua intimidade, suas memórias. A possibilidade de abertura a um encontro concreto, dialógico, relacional sempre significativa, no entanto, é cada vez mais esquecida na atualidade. A esse respeito, Delgado (2003) afirma que na contemporaneidade – marcada por uma cultura cada vez menos concreta e mais virtual – onde as informações são cada vez mais descartáveis “[...] tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade.” (DELGADO, 2003, p.22). É oportuno reforçar que no curso da realização desta pesquisa, não foram apenas as experiências de professores com o aikido que foram compartilhadas, e sim experiências, impressões e percepções sobre a vida que também atuaram de maneira direta sobre o entrevistador. Nessa linha de raciocínio e para concluir, é necessário recorrer mais uma vez a Portelli (1997b, p.29):

Na verdade, depois de ouvir atentamente centenas de histórias e pessoas – e de com elas conversar em profundidade –, adquiri uma percepção muito diferente de mim mesmo, pela qual sou grato.

REFERÊNCIAS

AIKIDO ALBERTO FERREIRA. **ARJ - Aikido Rio de Janeiro**. [2014] Disponível em: < <http://www.albertoaikidorj.com.br/index.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2014.

AIKIDO ALBERTO FERREIRA. **Jodo**. [2014] Disponível em: <<http://www.albertoaikidorj.com.br/jodo.html>>. Acesso em: 20 de fev. de 2014.

AIKIKAI FOUNDATION. **Overseas organization**. Disponível em: <<http://www.aikikai.or.jp/eng/about/organization.html>>. Acesso em: 20 de fev. de 2014.

ALBERTI, V. Indivíduo e biografia na história oral. In: III Encontro Clio-Psyché: História, Psicologia e Subjetividades – Paradigmas. **Palestra proferida na mesa-redonda:** “O documento em história da psicologia: o oral e o textual”, realizado de 27 a 29 de setembro, Rio de Janeiro: UERJ: 2000, p. 1 – 5.

ALBERTI, V. O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral. Encontro **Regional Nordeste de História Oral:** Espaço, memória e narrativa – em busca dos diálogos possíveis, realizado de 23 a 26 de setembro de 2003. Campina Grande-PB, 2003, p.1–4.

ALBERTI, V. **Ouvir contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBERTI, V. De “versão” a “narrativa” no *Manual de história oral*. **História Oral**, v.15, n.2, p.159 – 166, 2012.

AMADO, J. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. **Projeto História**, n.15 p.145 – 15, fevereiro, 1997.

BARROS, J. D’A. Memória e História: uma discussão conceitual. **Tempos Históricos**. v.15, n.1, p. 371 – 343, 2011.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo, Campinas: Pontes Editores, 1991.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BULL, W. J. **Aikido:** o caminho da sabedoria. Dobun, história e cultura. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 2008.

BUSHINKAN AIKIDO DOJO. **Genealogia – mestres**. Disponível em: <<http://www.bushinkan.com.br/index.php/Mestres/>>. Acesso em: 20 de fev. de 2014.

CALLIGARIS, C. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. **Estudos Históricos**. v.1 n.21, p.43 – 58, 1998.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v.5, n.11, p.173 – 191, 1991.

CORREIA, W.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio claro, v. 16, n. 1, p. 01-09, jan./mar. 2010.

DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista História Oral**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 9 – 25, 2003.

DELGADO, L. A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DRAEGER, D. **Classical Budo**: the martial arts and ways of Japan, v.2. Boston, Massachusetts: Shambhala Publications: 1990.

DRIGO, A. J. **O Judô; do modelo artesanal ao modelo científico**: um estudo sobre as lutas, formação profissional e a construção do *Habitus*. 312 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE AIKIDO. **Sobre a Fepai**. Disponível em: <http://www.fepai.org.br/fepai/fep_fepai0000.htm>. Acesso em: 20 de fev. de 2014.

FERREIRA, D. C. F. **A inserção do Kung Fu no Brasil na perspectiva dos mestres pioneiros**. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LISE, R. S. **Entre diretos, cintures avant, chaves de braço e rabos de arraia: os primórdios dos combates intermodalidades na cidade do Rio de Janeiro (1909 – 1929)**. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. **Projeto História Trabalhos da Memória**. São Paulo, n. 17, 138 p. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC- SP.

MARTA, F. E. F. **O caminho dos pés e das mãos: Taekwondo. Arte marcial, esporte e colônia coreana em São Paulo (1970 – 2000).** XX f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

MARTA, F. E. F. **A memória das lutas ou o lugar do “Do”:** as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo. 213 f. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

MAYER, A. F. **Judô: valores e princípios incorporados ao longo da história.** 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Departamento de Educação Física, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

NATALI, M. **Aikido.** Técnicas básicas. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1985.

NUNES, C. R. F. **Corpos na arena:** um estudo etnográfico sobre a prática das artes marciais combinadas. 255 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004.

ODA, E. S. Interpretações da “cultura japonesa” e seus reflexos no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, v.26, n.75, fevereiro/2011.

PERRY, S. (org.) **Memórias do Grande Mestre:** vivendo e treinando com Morihei Ueshiba, o fundador do Aikido. São Paulo: Pensamento, 2005.

PIMENTA, T. F. F. **A constituição de um subcampo do esporte:** o caso do Taekwondo. 229 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

PINHEIRO, E. M. S. **Ser ou Não Ser Japonês?** A Construção da Identidade dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Contexto das Migrações Internacionais do Japão Contemporâneo. 667 f. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

POLATO, A. L. **Agressividade do Lutador de Jiu Jitsu:** perspectiva da imagem social influenciada pela mídia. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Rio Claro, 2006.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro. v.2, n.3, 1989, p.3 – 13.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro. v.5, n.10, 1992, p.200 – 212.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo:** Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, n.14 p.25 – 39, fevereiro, 1997a

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na História Oral. **Projeto História**, n.15, p. 13 – 33, abril, 1997b.

PORTELLI, A. Entrevista com Alessandro Portelli. **Projeto História**, n.15, p. 13 – 33, abril, 1997c.

PORTELLI, A. Entrevista com Alessandro Portelli. **Projeto História: História, Historiadores, Historiografia**. n.41, p.31 – 68, dezembro, 2010a.

PORTELLI, A. História oral e poder. **Mnemosine**: Rio de Janeiro, v.6, n. 2, p. 02-13, 2010b.

PORTELLI, A. **Ensaaios de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010c.

PRANIN, S. **Aikido Pioneers** – Prewar Era. Sagamihara-shi - Kanagawa-ken, JP: Aiki News, 2010.

REID, H.; CROUCHER, M. **O caminho do guerreiro**: o paradoxo das artes marciais.

SAID, E. W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SAKURAI, C. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. S. **Dicionário de conceitos históricos**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE BUGUEI. [2014] Disponível em: <<http://bugei.com.br/>> . Acesso em: 20 de maio de 2014.

SOUSA, M. F. **Do conceito de Bun Bu Ryo Do à atividade esportiva**: a racionalidade moderna nas lutas marciais tradicionais. 204 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

STEVENS, J. **A arte da paz**: ensinamento do fundador do aikido. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

STEVENS, J. **Três mestres do budo**: Kano (judô), Funakoshi (karatê), Ueshiba (aikido). São Paulo: Cultrix, 2007.

UESHIBA, M. **Budô**: ensinamentos do fundador do Aikidô. São Paulo: Cultrix, 2006.

UESHIBA, K. **Uma vida no Aikido**: biografia do fundador Morihei Ueshiba. São Paulo: Pensamento, 2011.

UNIÃO SUL-AMERICANA DE AIKIDO. **Kawai Sensei 8º Dan Shihan.** Disponível em: <<http://www.aikidokawai.com.br/pt/kawai-sensei-oitavo-dan.html>>. Acesso em: 20 de fev. de 2014.

APÊNDICES

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Memórias sobre a introdução e difusão do Aikido no Brasil

Pesquisador: RODRIGO CRIBARI PRADO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 09280112.1.0000.0102

Instituição Proponente: Departamento de Educação Física

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 163.573

Data da Relatoria: 13/12/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa de mestrado no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFPR, que tem por objeto o estudo da história da introdução e difusão do Aikido no Brasil. O pesquisador pretende entrevistar diferentes Senseis (professores(as)) dessa arte marcial, com o fim de reconstruir as narrativas da história oral do Aikido no Brasil. A pesquisa é qualitativa e será realizada através de entrevistas semiestruturadas, que terão como temas centrais a chegada do Aikido no Brasil e sua disseminação no país. A amostra é variável, mas consiste aproximadamente de 12 Senseis, ligados aos três mestres pioneiros dessa arte marcial no Brasil.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar como se deu a introdução e a difusão do Aikido no Brasil, a partir da memória de Senseis que conviveram e foram treinados por mestres pioneiros dessa arte marcial no país. Comparar e verificar proximidades e diferenças entre as diversas narrativas, bem como verificar a existência de uma história "oficial" ou hegemônica do Aikido no Brasil.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador pondera a existência de risco de desconforto dos entrevistados tanto durante a entrevista como pela publicação de suas narrativas. É preciso esclarecer que o pesquisador pretende, com a autorização de cada Sensei, publicar seus nomes e relatos. Preve-se, por isso, a possibilidade de renúncia ao anonimato pelos entrevistados no próprio TCLE. Como medida de minimização de risco, que as entrevistas desgravadas serão disponibilizadas aos participantes e só será publicado aquilo que for autorizado pelo sujeito da pesquisa. Se o Sensei não quiser ter

Endereço: Rua Padre Camargo, 280

Bairro: 2ª andar

CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

seu nome publicado, será garantido o anonimato. Além disso, o pesquisador assegura ao entrevistado a total liberdade de não responder a questões que lhe constrem ou lhe causem desconforto.

Como benefício, aponta o pesquisador a possibilidade de contribuir para a construção de uma história plural e democrática do Aikido no Brasil, bem como para a produção de estudos socioculturais na área de Educação Física.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem fundamentada, é relevante e o projeto está bem redigido.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram apresentados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências apontadas por este CEP foram sanadas.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Avaliação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

- É obrigatório trazer ao CEP/SD uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi aprovado, para assinatura e rubrica, ante da sua aplicação junto ao sujeito da pesquisa. O TCLE deverá conter duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma cópia ficará com o participante da pesquisa (Carta Circular nº. 003/2011 CONEP/CNS).

CURITIBA, 05 de Dezembro de 2012

Assinador por:
Claudia Seely Rocco
(Coordenador)

Endereço: Rua Padre Camargo, 280

Bairro: 2ª andar

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

CEP: 80.060-240

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, André Mendes Capraro e Rodrigo Cribari Prado, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o senhor(a) Sensei [Professor(a)] de Aikido a participar de um estudo intitulado "MEMÓRIAS SOBRE A INTRODUÇÃO E DIFUSÃO DO AIKIDO NO BRASIL". Trata-se de uma pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, nas quais serão narradas as memórias sobre o início da prática do Aikido e de sua disseminação em nosso país. Tal pesquisa pretende contribuir para o conhecimento científico da história do Aikido no Brasil.

- a) O objetivo desta pesquisa é verificar como Senseis [Professores(as)] ligados a diferentes mestres pioneiros do Aikido no Brasil, descrevem suas memórias sobre o processo de introdução e difusão dessa arte marcial em nosso país. Tal estudo será realizado a partir de entrevistas e também por meio de uma discussão histórica sobre as memórias dos entrevistados a partir de autores da área de Ciências Sociais.
- b) Caso o(a) senhor(a) participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, será utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado com questões abertas previamente estabelecidas, o que não impede a possibilidade de outras perguntas não previstas no roteiro e que podem surgir no contexto da entrevista. A duração da entrevista será de aproximadamente 90 minutos.
- c) O local e a data de realização da entrevista serão decididos conjuntamente com o pesquisador, entretanto, o(a) senhor(a) tem a prioridade da escolha. Sugere-se preferencialmente que a entrevista seja realizada em um ambiente que propicie boas condições para a gravação, de preferência um cômodo reservado que impeça interrupções e outras distrações que atrapalhem a sua concentração.
- d) É possível que o(a) senhora(a) experimente algum desconforto, principalmente ao narrar experiências difíceis e desagradáveis pelas quais passou. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) poderá comunicar ao pesquisador no decorrer da entrevista, ou mesmo de forma antecipada os temas sobre os quais prefere não falar, sem que isso afete o andamento natural da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras e/ou incômodos que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05/12/2012

- e) O(A) senhor(a) não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. No entanto, sua experiência e conhecimento sobre o processo de introdução e difusão do Aikido em nosso país são fundamentais para o avanço científico sobre um tema ainda desconhecido no meio acadêmico, podendo servir inclusive como um possível referencial teórico para futuros trabalhos, beneficiando a sua memória e a do próprio Aikido.
- f) O pesquisador Rodrigo Cribari Prado, graduado em Educação Física e aluno do Programa de Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelos telefones (41) 9911-2075 e (41) 3342-4125 ou por email rcprado@hotmail.com, e seu orientador, Professor Dr. André Mendes Capraro, pode ser contatado pelo telefone: 3360-4339 ou por email andrecapraro@onda.com.br. Ambos também podem ser encontrados das 08:00 às 17h30, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, localizado no endereço, rua Coração de Maria, n. 92, BR 116 Km 95 – CEP: 80215-370, Jardim Botânico, Curitiba-PR.
- g) A sua participação neste estudo é voluntária e se o(a) senhor(a) não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido.
- h) Seu nome e o conteúdo da gravação de sua entrevista poderão ser divulgados em relatórios e publicações de caráter científico. Entretanto, caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, há no final deste termo de consentimento livre e esclarecido, um campo específico o qual deve ser assinalado a fim de garantir a confidencialidade de sua identidade por meio da publicação codificada de qualquer dado ou informação concedida no decorrer de sua entrevista.
- i) Após a transcrição de sua entrevista, o(a) senhor(a) terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para retirar ou acrescentar novos dados. Caso o(a) senhora(a) ou os pesquisadores acreditem ser necessário uma nova entrevista para complementar os dados já fornecidos ou para substituir os dados da entrevista anterior, um novo encontro poderá ser agendado de acordo com a sua disponibilidade para a realização de uma nova gravação.
- k) O(a) senhor(a) poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelos pesquisadores.
- l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro.
- m) O armazenamento das informações decorrentes da gravação de sua entrevista ficará sob a custódia do pesquisador Professor Doutor André Mendes Capraro, no Núcleo de Estudos de Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate; no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR) por

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05 / 12 / 2012

um período de cinco (05) anos, contados a partir da data de sua autorização de uso, após a análise do conteúdo da entrevista transcrita. Após o prazo previsto todo e qualquer registro gravado será automaticamente destruído pelos pesquisadores, restando apenas o que, por meio da produção acadêmica (artigos, dissertações, etc.) estiver registrado na forma escrita, produção esta datada até o último dia dentro do prazo estipulado [diferença entre a data de autorização do uso após a conferência da transcrição da gravação e o período de cinco (05) anos já referido]. Não haverá prorrogação deste prazo.

n) Autorizo, portanto, através deste a utilização de meus dados (nome, etc.) bem como das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação às mesmas, pois reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho, e os pesquisadores se comprometem a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito também, que os pesquisadores mantenham sob sua custódia as informações por mim fornecidas, e acordo desde já, que em caso de uma nova pesquisa ou o interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante a minha autorização formal.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Eu, Adelino Mendes de Andrade li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

☐ Solicito anonimato na publicação de meu nome ou de qualquer informação que possa revelar minha identidade ou me expor publicamente. (Ao assinalar este item fica resguardada a confidencialidade de seus dados, independente do disposto nos itens "h" e "n" deste termo de consentimento livre e esclarecido).

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

(Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal)

Local e data

Assinatura do Pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05/12/2012

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, André Mendes Capraro e Rodrigo Cribari Prado, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o senhor(a) Sensei [Professor(a)] de Aikido a participar de um estudo intitulado "MEMÓRIAS SOBRE A INTRODUÇÃO E DIFUSÃO DO AIKIDO NO BRASIL". Trata-se de uma pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, nas quais serão narradas as memórias sobre o início da prática do Aikido e de sua disseminação em nosso país. Tal pesquisa pretende contribuir para o conhecimento científico da história do Aikido no Brasil.

- a) O objetivo desta pesquisa é verificar como Senseis [Professores(as)] ligados a diferentes mestres pioneiros do Aikido no Brasil, descrevem suas memórias sobre o processo de introdução e difusão dessa arte marcial em nosso país. Tal estudo será realizado a partir de entrevistas e também por meio de uma discussão histórica sobre as memórias dos entrevistados a partir de autores da área de Ciências Sociais.
- b) Caso o(a) senhor(a) participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, será utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado com questões abertas previamente estabelecidas, o que não impede a possibilidade de outras perguntas não previstas no roteiro e que podem surgir no contexto da entrevista. A duração da entrevista será de aproximadamente 90 minutos.
- c) O local e a data de realização da entrevista serão decididos conjuntamente com o pesquisador, entretanto, o(a) senhor(a) tem a prioridade da escolha. Sugere-se preferencialmente que a entrevista seja realizada em um ambiente que propicie boas condições para a gravação, de preferência um cômodo reservado que impeça interrupções e outras distrações que atrapalhem a sua concentração.
- d) É possível que o(a) senhora(a) experimente algum desconforto, principalmente ao narrar experiências difíceis e desagradáveis pelas quais passou. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) poderá comunicar ao pesquisador no decorrer da entrevista, ou mesmo de forma antecipada os temas sobre os quais prefere não falar, sem que isso afete o andamento natural da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras e/ou incômodos que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal

Pesquisador Responsável

Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05 / 12 / 2012

- e) O(A) senhor(a) não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. No entanto, sua experiência e conhecimento sobre o processo de introdução e difusão do Aikido em nosso país são fundamentais para o avanço científico sobre um tema ainda desconhecido no meio acadêmico, podendo servir inclusive como um possível referencial teórico para futuros trabalhos, beneficiando a sua memória e a do próprio Aikido.
- f) O pesquisador Rodrigo Cribari Prado, graduado em Educação Física e aluno do Programa de Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelos telefones (41) 9911-2075 e (41) 3342-4125 ou por email rcprado@hotmail.com, e seu orientador, Professor Dr. André Mendes Capraro, pode ser contatado pelo telefone: 3360-4339 ou por email andrecapraro@onda.com.br. Ambos também podem ser encontrados das 08:00 às 17h30, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, localizado no endereço, rua Coração de Maria, n. 92, BR 116 Km 95 – CEP: 80215-370, Jardim Botânico, Curitiba-PR.
- g) A sua participação neste estudo é voluntária e se o(a) senhor(a) não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido.
- h) Seu nome e o conteúdo da gravação de sua entrevista poderão ser divulgados em relatórios e publicações de caráter científico. Entretanto, caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, há no final deste termo de consentimento livre e esclarecido, um campo específico o qual deve ser assinalado a fim de garantir a confidencialidade de sua identidade por meio da publicação codificada de qualquer dado ou informação concedida no decorrer de sua entrevista.
- i) Após a transcrição de sua entrevista, o(a) senhor(a) terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para retirar ou acrescentar novos dados. Caso o(a) senhora(a) ou os pesquisadores acreditem ser necessário uma nova entrevista para complementar os dados já fornecidos ou para substituir os dados da entrevista anterior, um novo encontro poderá ser agendado de acordo com a sua disponibilidade para a realização de uma nova gravação.
- k) O(a) senhor(a) poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelos pesquisadores.
- l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro.
- m) O armazenamento das informações decorrentes da gravação de sua entrevista ficará sob a custódia do pesquisador Professor Doutor André Mendes Capraro, no Núcleo de Estudos de Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate; no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR) por

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05 / 12 / 2012



um período de cinco (05) anos, contados a partir da data de sua autorização de uso, após a análise do conteúdo da entrevista transcrita. Após o prazo previsto todo e qualquer registro gravado será automaticamente destruído pelos pesquisadores, restando apenas o que, por meio da produção acadêmica (artigos, dissertações, etc.) estiver registrado na forma escrita, produção esta datada até o último dia dentro do prazo estipulado [diferença entre a data de autorização do uso após a conferência da transcrição da gravação e o período de cinco (05) anos já referido]. Não haverá prorrogação deste prazo.

n) Autorizo, portanto, através deste a utilização de meus dados (nome, etc.) bem como das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação às mesmas, pois reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho, e os pesquisadores se comprometem a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito também, que os pesquisadores mantenham sob sua custódia as informações por mim fornecidas, e acordo desde já, que em caso de uma nova pesquisa ou o interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante a minha autorização formal.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Eu, BENTO JOSÉ DE FREITAS GUIMARÃES li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

☐ Solicito anonimato na publicação de meu nome ou de qualquer informação que possa revelar minha identidade ou me expor publicamente. (Ao assinalar este item fica resguardada a confidencialidade de seus dados, independente do disposto nos itens "h" e "n" deste termo de consentimento livre e esclarecido).

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

(Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal)
Local e data

Assinatura do Pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05/12/2012

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, André Mendes Capraro e Rodrigo Cribari Prado, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o senhor(a) Sensei [Professor(a)] de Aikido a participar de um estudo intitulado "MEMÓRIAS SOBRE A INTRODUÇÃO E DIFUSÃO DO AIKIDO NO BRASIL". Trata-se de uma pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, nas quais serão narradas as memórias sobre o início da prática do Aikido e de sua disseminação em nosso país. Tal pesquisa pretende contribuir para o conhecimento científico da história do Aikido no Brasil.

- a) O objetivo desta pesquisa é verificar como Senseis [Professores(as)] ligados a diferentes mestres pioneiros do Aikido no Brasil, descrevem suas memórias sobre o processo de introdução e difusão dessa arte marcial em nosso país. Tal estudo será realizado a partir de entrevistas e também por meio de uma discussão histórica sobre as memórias dos entrevistados a partir de autores da área de Ciências Sociais.
- b) Caso o(a) senhor(a) participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, será utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado com questões abertas previamente estabelecidas, o que não impede a possibilidade de outras perguntas não previstas no roteiro e que podem surgir no contexto da entrevista. A duração da entrevista será de aproximadamente 90 minutos.
- c) O local e a data de realização da entrevista serão decididos conjuntamente com o pesquisador, entretanto, o(a) senhor(a) tem a prioridade da escolha. Sugere-se preferencialmente que a entrevista seja realizada em um ambiente que propicie boas condições para a gravação, de preferência um cômodo reservado que impeça interrupções e outras distrações que atrapalhem a sua concentração.
- d) É possível que o(a) senhora(a) experimente algum desconforto, principalmente ao narrar experiências difíceis e desagradáveis pelas quais passou. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) poderá comunicar ao pesquisador no decorrer da entrevista, ou mesmo de forma antecipada os temas sobre os quais prefere não falar, sem que isso afete o andamento natural da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras e/ou incômodos que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal

Pesquisador Responsável

Orientador Orientado

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05/12/2012

- e) O(A) senhor(a) não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. No entanto, sua experiência e conhecimento sobre o processo de introdução e difusão do Aikido em nosso país são fundamentais para o avanço científico sobre um tema ainda desconhecido no meio acadêmico, podendo servir inclusive como um possível referencial teórico para futuros trabalhos, beneficiando a sua memória e a do próprio Aikido.
- f) O pesquisador Rodrigo Cribari Prado, graduado em Educação Física e aluno do Programa de Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelos telefones (41) 9911-2075 e (41) 3342-4125 ou por email rcprado@hotmail.com, e seu orientador, Professor Dr. André Mendes Capraro, pode ser contatado pelo telefone: 3360-4339 ou por email andrecapraro@onda.com.br. Ambos também podem ser encontrados das 08:00 às 17h30, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, localizado no endereço, rua Coração de Maria, n. 92, BR 116 Km 95 – CEP: 80215-370, Jardim Botânico, Curitiba-PR.
- g) A sua participação neste estudo é voluntária e se o(a) senhor(a) não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido.
- h) Seu nome e o conteúdo da gravação de sua entrevista poderão ser divulgados em relatórios e publicações de caráter científico. Entretanto, caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, há no final deste termo de consentimento livre e esclarecido, um campo específico o qual deve ser assinalado a fim de garantir a confidencialidade de sua identidade por meio da publicação codificada de qualquer dado ou informação concedida no decorrer de sua entrevista.
- i) Após a transcrição de sua entrevista, o(a) senhor(a) terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para retirar ou acrescentar novos dados. Caso o(a) senhora(a) ou os pesquisadores acreditem ser necessário uma nova entrevista para complementar os dados já fornecidos ou para substituir os dados da entrevista anterior, um novo encontro poderá ser agendado de acordo com a sua disponibilidade para a realização de uma nova gravação.
- k) O(a) senhor(a) poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelos pesquisadores.
- l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro.
- m) O armazenamento das informações decorrentes da gravação de sua entrevista ficará sob a custódia do pesquisador Professor Doutor André Mendes Capraro, no Núcleo de Estudos de Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate; no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR) por

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05 / 12 / 2012

um período de cinco (05) anos, contados a partir da data de sua autorização de uso, após a análise do conteúdo da entrevista transcrita. Após o prazo previsto todo e qualquer registro gravado será automaticamente destruído pelos pesquisadores, restando apenas o que, por meio da produção acadêmica (artigos, dissertações, etc.) estiver registrado na forma escrita, produção esta datada até o último dia dentro do prazo estipulado [diferença entre a data de autorização do uso após a conferência da transcrição da gravação e o período de cinco (05) anos já referido]. Não haverá prorrogação deste prazo.

- n) Autorizo, portanto, através deste a utilização de meus dados (nome, etc.) bem como das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação às mesmas, pois reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho, e os pesquisadores se comprometem a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito também, que os pesquisadores mantenham sob sua custódia as informações por mim fornecidas, e acordo desde já, que em caso de uma nova pesquisa ou o interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante a minha autorização formal.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

☐ Solicito anonimato na publicação de meu nome ou de qualquer informação que possa revelar minha identidade ou me expor publicamente. (Ao assinalar este item fica resguardada a confidencialidade de seus dados, independente do disposto nos itens "h" e "n" deste termo de consentimento livre e esclarecido).

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.


(Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal)

Local e data


Assinatura do Pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05/12/2012

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, André Mendes Capraro e Rodrigo Cribari Prado, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o senhor(a) Sensei [Professor(a)] de Aikido a participar de um estudo intitulado "MEMÓRIAS SOBRE A INTRODUÇÃO E DIFUSÃO DO AIKIDO NO BRASIL". Trata-se de uma pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, nas quais serão narradas as memórias sobre o início da prática do Aikido e de sua disseminação em nosso país. Tal pesquisa pretende contribuir para o conhecimento científico da história do Aikido no Brasil.

- a) O objetivo desta pesquisa é verificar como Senseis [Professores(as)] ligados a diferentes mestres pioneiros do Aikido no Brasil, descrevem suas memórias sobre o processo de introdução e difusão dessa arte marcial em nosso país. Tal estudo será realizado a partir de entrevistas e também por meio de uma discussão histórica sobre as memórias dos entrevistados a partir de autores da área de Ciências Sociais.
- b) Caso o(a) senhor(a) participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, será utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado com questões abertas previamente estabelecidas, o que não impede a possibilidade de outras perguntas não previstas no roteiro e que podem surgir no contexto da entrevista. A duração da entrevista será de aproximadamente 90 minutos.
- c) O local e a data de realização da entrevista serão decididos conjuntamente com o pesquisador, entretanto, o(a) senhor(a) tem a prioridade da escolha. Sugere-se preferencialmente que a entrevista seja realizada em um ambiente que propicie boas condições para a gravação, de preferência um cômodo reservado que impeça interrupções e outras distrações que atrapalhem a sua concentração.
- d) É possível que o(a) senhora(a) experimente algum desconforto, principalmente ao narrar experiências difíceis e desagradáveis pelas quais passou. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) poderá comunicar ao pesquisador no decorrer da entrevista, ou mesmo de forma antecipada os temas sobre os quais prefere não falar, sem que isso afete o andamento natural da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras e/ou incômodos que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal

Pesquisador Responsável

Orientador Orientado

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05/12/2012

- e) O(A) senhor(a) não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. No entanto, sua experiência e conhecimento sobre o processo de introdução e difusão do Aikido em nosso país são fundamentais para o avanço científico sobre um tema ainda desconhecido no meio acadêmico, podendo servir inclusive como um possível referencial teórico para futuros trabalhos, beneficiando a sua memória e a do próprio Aikido.
- f) O pesquisador Rodrigo Cribari Prado, graduado em Educação Física e aluno do Programa de Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelos telefones (41) 9911-2075 e (41) 3342-4125 ou por email rcprado@hotmail.com, e seu orientador, Professor Dr. André Mendes Capraro, pode ser contatado pelo telefone: 3360-4339 ou por email andrecapraro@onda.com.br. Ambos também podem ser encontrados das 08:00 às 17h30, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, localizado no endereço, rua Coração de Maria, n. 92, BR 116 Km 95 – CEP: 80215-370, Jardim Botânico, Curitiba-PR.
- g) A sua participação neste estudo é voluntária e se o(a) senhor(a) não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido.
- h) Seu nome e o conteúdo da gravação de sua entrevista poderão ser divulgados em relatórios e publicações de caráter científico. Entretanto, caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, há no final deste termo de consentimento livre e esclarecido, um campo específico o qual deve ser assinalado a fim de garantir a confidencialidade de sua identidade por meio da publicação codificada de qualquer dado ou informação concedida no decorrer de sua entrevista.
- i) Após a transcrição de sua entrevista, o(a) senhor(a) terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para retirar ou acrescentar novos dados. Caso o(a) senhora(a) ou os pesquisadores acreditem ser necessário uma nova entrevista para complementar os dados já fornecidos ou para substituir os dados da entrevista anterior, um novo encontro poderá ser agendado de acordo com a sua disponibilidade para a realização de uma nova gravação.
- k) O(a) senhor(a) poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelos pesquisadores.
- l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro.
- m) O armazenamento das informações decorrentes da gravação de sua entrevista ficará sob a custódia do pesquisador Professor Doutor André Mendes Capraro, no Núcleo de Estudos de Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate; no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR) por

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05 / 12 / 2012

um período de cinco (05) anos, contados a partir da data de sua autorização de uso, após a análise do conteúdo da entrevista transcrita. Após o prazo previsto todo e qualquer registro gravado será automaticamente destruído pelos pesquisadores, restando apenas o que, por meio da produção acadêmica (artigos, dissertações, etc.) estiver registrado na forma escrita, produção esta datada até o último dia dentro do prazo estipulado [diferença entre a data de autorização do uso após a conferência da transcrição da gravação e o período de cinco (05) anos já referido]. Não haverá prorrogação deste prazo.

n) Autorizo, portanto, através deste a utilização de meus dados (nome, etc.) bem como das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação às mesmas, pois reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho, e os pesquisadores se comprometem a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito também, que os pesquisadores mantenham sob sua custódia as informações por mim fornecidas, e acordo desde já, que em caso de uma nova pesquisa ou o interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante a minha autorização formal.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Eu, Lilka Kawar de Oliveira, li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

☐ Solicito anonimato na publicação de meu nome ou de qualquer informação que possa revelar minha identidade ou me expor publicamente. (Ao assinalar este item fica resguardada a confidencialidade de seus dados, independente do disposto nos itens "h" e "n" deste termo de consentimento livre e esclarecido).

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Lilka O. Kawar de Oliveira
(Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal)

Local e data

Assinatura do Pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05/12/2012

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, André Mendes Capraro e Rodrigo Cribari Prado, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o senhor(a) Sensei [Professor(a)] de Aikido a participar de um estudo intitulado "MEMÓRIAS SOBRE A INTRODUÇÃO E DIFUSÃO DO AIKIDO NO BRASIL". Trata-se de uma pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, nas quais serão narradas as memórias sobre o início da prática do Aikido e de sua disseminação em nosso país. Tal pesquisa pretende contribuir para o conhecimento científico da história do Aikido no Brasil.

- a) O objetivo desta pesquisa é verificar como Senseis [Professores(as)] ligados a diferentes mestres pioneiros do Aikido no Brasil, descrevem suas memórias sobre o processo de introdução e difusão dessa arte marcial em nosso país. Tal estudo será realizado a partir de entrevistas e também por meio de uma discussão histórica sobre as memórias dos entrevistados a partir de autores da área de Ciências Sociais.
- b) Caso o(a) senhor(a) participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, será utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado com questões abertas previamente estabelecidas, o que não impede a possibilidade de outras perguntas não previstas no roteiro e que podem surgir no contexto da entrevista. A duração da entrevista será de aproximadamente 90 minutos.
- c) O local e a data de realização da entrevista serão decididos conjuntamente com o pesquisador, entretanto, o(a) senhor(a) tem a prioridade da escolha. Sugere-se preferencialmente que a entrevista seja realizada em um ambiente que propicie boas condições para a gravação, de preferência um cômodo reservado que impeça interrupções e outras distrações que atrapalhem a sua concentração.
- d) É possível que o(a) senhora(a) experimente algum desconforto, principalmente ao narrar experiências difíceis e desagradáveis pelas quais passou. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) poderá comunicar ao pesquisador no decorrer da entrevista, ou mesmo de forma antecipada os temas sobre os quais prefere não falar, sem que isso afete o andamento natural da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras e/ou incômodos que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____
Pesquisador Responsável _____
Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05 / 12 / 2012

- e) O(A) senhor(a) não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. No entanto, sua experiência e conhecimento sobre o processo de introdução e difusão do Aikido em nosso país são fundamentais para o avanço científico sobre um tema ainda desconhecido no meio acadêmico, podendo servir inclusive como um possível referencial teórico para futuros trabalhos, beneficiando a sua memória e a do próprio Aikido.
- f) O pesquisador Rodrigo Cribari Prado, graduado em Educação Física e aluno do Programa de Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelos telefones (41) 9911-2075 e (41) 3342-4125 ou por email rcprado@hotmail.com, e seu orientador, Professor Dr. André Mendes Capraro, pode ser contatado pelo telefone: 3360-4339 ou por email andrecapraro@onda.com.br. Ambos também podem ser encontrados das 08:00 às 17h30, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, localizado no endereço, rua Coração de Maria, n. 92, BR 116 Km 95 – CEP: 80215-370, Jardim Botânico, Curitiba-PR.
- g) A sua participação neste estudo é voluntária e se o(a) senhor(a) não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido.
- h) Seu nome e o conteúdo da gravação de sua entrevista poderão ser divulgados em relatórios e publicações de caráter científico. Entretanto, caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, há no final deste termo de consentimento livre e esclarecido, um campo específico o qual deve ser assinalado a fim de garantir a confidencialidade de sua identidade por meio da publicação codificada de qualquer dado ou informação concedida no decorrer de sua entrevista.
- i) Após a transcrição de sua entrevista, o(a) senhor(a) terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para retirar ou acrescentar novos dados. Caso o(a) senhora(a) ou os pesquisadores acreditem ser necessário uma nova entrevista para complementar os dados já fornecidos ou para substituir os dados da entrevista anterior, um novo encontro poderá ser agendado de acordo com a sua disponibilidade para a realização de uma nova gravação.
- k) O(a) senhor(a) poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelos pesquisadores.
- l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro.
- m) O armazenamento das informações decorrentes da gravação de sua entrevista ficará sob a custódia do pesquisador Professor Doutor André Mendes Capraro, no Núcleo de Estudos de Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate; no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR) por

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05 / 12 / 2012

n) Autorizo, portanto, através deste a utilização de meus dados (nome, etc.) bem como das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação às mesmas, pois reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho, e os pesquisadores se comprometem a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito também, que os pesquisadores mantenham sob sua custódia as informações por mim fornecidas, e acordo desde já, que em caso de uma nova pesquisa ou o interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante a minha autorização formal.

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Em, 05/12/2012

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, André Mendes Capraro e Rodrigo Cribari Prado, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o senhor(a) Sensei [Professor(a)] de Aikido a participar de um estudo intitulado "MEMÓRIAS SOBRE A INTRODUÇÃO E DIFUSÃO DO AIKIDO NO BRASIL". Trata-se de uma pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, nas quais serão narradas as memórias sobre o início da prática do Aikido e de sua disseminação em nosso país. Tal pesquisa pretende contribuir para o conhecimento científico da história do Aikido no Brasil.

- a) O objetivo desta pesquisa é verificar como Senseis [Professores(as)] ligados a diferentes mestres pioneiros do Aikido no Brasil, descrevem suas memórias sobre o processo de introdução e difusão dessa arte marcial em nosso país. Tal estudo será realizado a partir de entrevistas e também por meio de uma discussão histórica sobre as memórias dos entrevistados a partir de autores da área de Ciências Sociais.
- b) Caso o(a) senhor(a) participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, será utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado com questões abertas previamente estabelecidas, o que não impede a possibilidade de outras perguntas não previstas no roteiro e que podem surgir no contexto da entrevista. A duração da entrevista será de aproximadamente 90 minutos.
- c) O local e a data de realização da entrevista serão decididos conjuntamente com o pesquisador, entretanto, o(a) senhor(a) tem a prioridade da escolha. Sugere-se preferencialmente que a entrevista seja realizada em um ambiente que propicie boas condições para a gravação, de preferência um cômodo reservado que impeça interrupções e outras distrações que atrapalhem a sua concentração.
- d) É possível que o(a) senhora(a) experimente algum desconforto, principalmente ao narrar experiências difíceis e desagradáveis pelas quais passou. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) poderá comunicar ao pesquisador no decorrer da entrevista, ou mesmo de forma antecipada os temas sobre os quais prefere não falar, sem que isso afete o andamento natural da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras e/ou incômodos que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal 

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05 / 12 / 2012

- e) O(A) senhor(a) não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. No entanto, sua experiência e conhecimento sobre o processo de introdução e difusão do Aikido em nosso país são fundamentais para o avanço científico sobre um tema ainda desconhecido no meio acadêmico, podendo servir inclusive como um possível referencial teórico para futuros trabalhos, beneficiando a sua memória e a do próprio Aikido.
- f) O pesquisador Rodrigo Cribari Prado, graduado em Educação Física e aluno do Programa de Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelos telefones (41) 9911-2075 e (41) 3342-4125 ou por email rcprado@hotmail.com, e seu orientador, Professor Dr. André Mendes Capraro, pode ser contatado pelo telefone: 3360-4339 ou por email andrecapraro@onda.com.br. Ambos também podem ser encontrados das 08:00 às 17h30, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, localizado no endereço, rua Coração de Maria, n. 92, BR 116 Km 95 – CEP: 80215-370, Jardim Botânico, Curitiba-PR.
- g) A sua participação neste estudo é voluntária e se o(a) senhor(a) não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido.
- h) Seu nome e o conteúdo da gravação de sua entrevista poderão ser divulgados em relatórios e publicações de caráter científico. Entretanto, caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, há no final deste termo de consentimento livre e esclarecido, um campo específico o qual deve ser assinalado a fim de garantir a confidencialidade de sua identidade por meio da publicação codificada de qualquer dado ou informação concedida no decorrer de sua entrevista.
- i) Após a transcrição de sua entrevista, o(a) senhor(a) terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para retirar ou acrescentar novos dados. Caso o(a) senhora(a) ou os pesquisadores acreditem ser necessário uma nova entrevista para complementar os dados já fornecidos ou para substituir os dados da entrevista anterior, um novo encontro poderá ser agendado de acordo com a sua disponibilidade para a realização de uma nova gravação.
- k) O(a) senhor(a) poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelos pesquisadores.
- l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro.
- m) O armazenamento das informações decorrentes da gravação de sua entrevista ficará sob a custódia do pesquisador Professor Doutor André Mendes Capraro, no Núcleo de Estudos de Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate; no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR) por

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05 / 12 / 2012

um período de cinco (05) anos, contados a partir da data de sua autorização de uso, após a análise do conteúdo da entrevista transcrita. Após o prazo previsto todo e qualquer registro gravado será automaticamente destruído pelos pesquisadores, restando apenas o que, por meio da produção acadêmica (artigos, dissertações, etc.) estiver registrado na forma escrita, produção esta datada até o último dia dentro do prazo estipulado [diferença entre a data de autorização do uso após a conferência da transcrição da gravação e o período de cinco (05) anos já referido]. Não haverá prorrogação deste prazo.

n) Autorizo, portanto, através deste a utilização de meus dados (nome, etc.) bem como das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação às mesmas, pois reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho, e os pesquisadores se comprometem a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito também, que os pesquisadores mantenham sob sua custódia as informações por mim fornecidas, e acordo desde já, que em caso de uma nova pesquisa ou o interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante a minha autorização formal.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal 

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

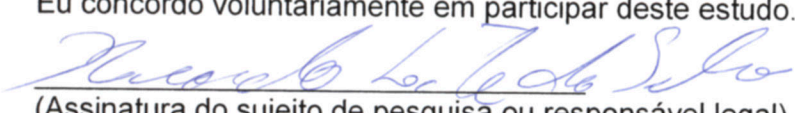
Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Eu, RICARDA LEITE DA SILVA li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

☐ Solicito anonimato na publicação de meu nome ou de qualquer informação que possa revelar minha identidade ou me expor publicamente. (Ao assinalar este item fica resguardada a confidencialidade de seus dados, independente do disposto nos itens "h" e "n" deste termo de consentimento livre e esclarecido).

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.


(Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal)

Local e data

Assinatura do Pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR.

Em, 05/12/2012